



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS (ILL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM (PPGLin)
MESTRADO ACADÊMICO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

JONATHAN DE QUEIROZ VIANA

**MACROESTRUTURAS SEMÂNTICAS GLOBAIS E LOCAIS: ELEMENTOS PARA
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA MASCULINIDADE REIFICADA EM REDES
SOCIAIS DA WEB**

Acarape

2024

JONATHAN DE QUEIROZ VIANA

**MACROESTRUTURAS SEMÂNTICAS GLOBAIS E LOCAIS: ELEMENTOS PARA
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA MASCULINIDADE REIFICADA EM REDES
SOCIAIS DA WEB**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudo da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito para qualificação de Mestrado. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria LeidianeTavares
Freitas

Linha de Pesquisa: Linguagem – Práticas
textuais-discursivas

Acarape

2024

Quando eu era menino, falava como menino, pensava como menino e raciocinava como menino. Quando me tornei homem, deixei para trás as coisas de menino. (1 Coríntios 13:11)

AGRADECIMENTOS

Ao Criador do Universo, meu bom Deus, Jeová, que me fortalece a cada dia;

À minha mãe, Ana Celis de Queiroz Lima que me deu o amor necessário para que eu trilhasse o caminho que chegasse até aqui, que me apoia e que me ampara sempre;

À minha companheira e esposa que me deu uma família, Franciele Cristina Pereira de Oliveira, minha musa inspiradora da ciência, mulher por quem luto por um mundo mais equânime, que me encorajou de forma especial a enfrentar essa batalha;

À minha dádiva divina, fruto do meu amor, minha poeminha, Annabel Lee Oliveira de Queiroz, minha fonte de energia;

À minha sogra, D. Neta, que foi baluarte ao ajudar-me com todo amor e carinho com a Annabel Lee para que pudesse estudar.

Ao meu irmão Marcos John Araújo de Souza, o qual “amo além, presente na saudade” que foi uma de minhas fontes inspiradoras para o mundo das Letras.

À Gestão e à coordenação da E M Professora Lireda Facó pela sensibilidade que tiveram comigo nos anos em que estive me dedicando ao mestrado. Em especial Ana Maria Bezerra e Carlos Claudênio Cavalcante de Oliveira;

À Secretaria da Educação do Município de Fortaleza (SME), pela liberação da licença do mestrado;

À minha orientadora Profa. Dra. Maria Leidiane Tavares Freitas, que me orientou com toda sensibilidade, compreensão, dedicação e amorosidade;

Ao Prof. Dr. Kennedy Cabral pelas excelentes contribuições à minha dissertação;

A todos os professores do curso, que de forma brilhante, pavimentaram o caminho de aprendizagem que percorri durante o curso;

Aos amigos da 3ª turma de Mestrado do MEL - PPGLIN, pois sempre nos apoiamos mutuamente;

À Unilab e a coordenação do PPGLIN pelo apoio e fomento à pesquisa no âmbito das Ciências da Linguagem;

Aos/as meus/minhas amigos/as do trabalho, pela torcida e o incentivo;

À banca avaliadora, composta por professores/as que eu admiro e tenho orgulho de poder contar com os preciosos apontamentos.

A todos que de forma direta ou indireta contribuíram com a minha caminhada acadêmica.

RESUMO

A presente dissertação aborda a complexidade da construção e transformação da identidade de gênero, com um foco particular na identidade masculina e na influência da linguagem nesse processo. Através de uma proposta de interface teórica fundamentada na Análise Crítica do Discurso de abordagem sociocognitiva junto a sociologia da mídia e os estudos culturais, examina-se como a linguagem atua como um formador ativo de identidades, moldando percepções e experiências de gênero, enfatizando o poder dos discursos normativos na configuração da masculinidade. Desafiando visões tradicionais e binárias, propõe-se uma compreensão mais fluida e inclusiva de gênero, sublinhando a necessidade de reconhecer sua diversidade e multiplicidade. Este estudo contribui tanto para os estudos linguísticos quanto para os de gênero, oferecendo análises críticas sobre as interações sociais e linguísticas que definem a masculinidade contemporânea. Do ponto de vista teórico, o presente trabalho respalda-se na interface das seguintes teorias: a concepção crítica de Ideologia de John B. Thompson; Terry Eagleton e da Análise Crítica do Discurso de abordagem sociocognitiva de Teun A. Van Dijk. O trabalho intenta em contribuir com a desconstrução da rigidez dos papéis de gênero, destacando como as identidades são reificadas por meio de discursos. A dissertação examina os impactos desses discursos na percepção individual e coletiva de gênero, argumenta pela relevância de um entendimento mais abrangente e menos restritivo de identidades. Para tal selecionamos alguns *post* do *feed* do perfil do *Instagram* “fúria_e_tradição”, direcionado a ensinar determinados comportamentos de masculinidade para o seu público alvo. A metodologia inclui a identificação de estruturas linguísticas, análise de macroestruturas semânticas e estratégias léxicas, revelando como esses elementos contribuem para a construção de uma masculinidade reificada. Ao analisar a relação entre linguagem, poder e identidade, a pesquisa oferece perspectivas sobre a formação, manutenção e possível contestação de identidades de gênero no discurso diário, e sugere aplicações práticas em ambientes educacionais e sociais para promover a aceitação de diversas identidades de gênero.

Palavras-Chave: Modos de Operação da Ideologia; Estudos Crítico do Discurso; Masculinidade Reificada.

RÉSUMÉ

Cette dissertation explore la complexité de la construction et de la transformation de l'identité de genre, avec un focus particulier sur l'identité masculine et l'influence du langage dans ce processus. À travers d'une proposition d'interface théorique basée sur l'Analyse Critique du Discours d'approche sociocognitive, en lien avec la sociologie des médias et les études culturelles, nous examinons comment le langage agit comme un formateur actif d'identités, en façonnant les perceptions et les expériences de genre, et en soulignant le pouvoir des discours normatifs dans la configuration de la masculinité. En remettant en question les visions traditionnelles et binaires, nous proposons une compréhension plus fluide et inclusive du genre, soulignant la nécessité de reconnaître sa diversité et sa multiplicité. Cette étude contribue aux études linguistiques et aux études de genre, offrant des analyses critiques sur les interactions sociales et linguistiques qui définissent la masculinité contemporaine. Du point de vue théorique, ce travail s'appuie sur l'interface des théories suivantes: la conception critique de l'Idéologie de John B. Thompson; Terry Eagleton et de l'Analyse Critique du Discours d'approche sociocognitive de Teun A. Van Dijk. Le travail vise à contribuer à la déconstruction de la rigidité des rôles de genre, en mettant en lumière comment les identités sont réifiées à travers les discours. La dissertation examine les impacts de ces discours sur la perception individuelle et collective du genre, plaidant pour la pertinence d'une compréhension plus large et moins restrictive des identités. À cet effet, nous avons sélectionné des publications du flux Instagram de “fúria_e_tradição”, visant à enseigner certains comportements de masculinité à son public cible. La méthodologie comprend l'identification des structures linguistiques, l'analyse des macrostructures sémantiques et des stratégies lexicales, révélant comment ces éléments contribuent à la construction d'une masculinité réifiée. En analysant la relation entre le langage, le pouvoir et l'identité, la recherche offre des perspectives sur la formation, le maintien et la contestation possible des identités de genre dans le discours quotidien, et suggère des applications pratiques dans des contextes éducatifs et sociaux pour promouvoir l'acceptation de diverses identités de genre.

Mots-Clés: Modes d'Opération de l'Idéologie; Études Critiques du Discours; Masculinité Réifiée.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1	88
IMAGEM 2	89
IMAGEM 3	91
IMAGEM 4	93
IMAGEM 5	94
IMAGEM 6	95
IMAGEM 7	96
IMAGEM 8	96
IMAGEM 9	96
IMAGEM 10	96
IMAGEM 11	106
IMAGEM 12	112
IMAGEM 13	121

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- MACROESTRUTURAS GLOBAIS DO TEXTO: "SEJA HOMEM!"	101
QUADRO 2- MACROESTRUTURAS GLOBAIS DO TEXTO: "SEJA HOMEM E SEJA RECONHECIDO POR ISSO"	102
QUADRO 3- MACROESTRUTURAS GLOBAIS DO TEXTO: "COMO SER MASCULINO"	102
QUADRO 4- INVENTÁRIO DO LÉXICO DOS TRÊS TEXTOS DA AMOSTRAGEM.	103
QUADRO 5- ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS PARA REIFICAÇÃO EM "SEJA HOMEM"	108
QUADRO 6 - MACROESTRUTURAS SEMÂNTICAS DO TEXTO: "SEJA HOMEM!"	109
QUADRO 7 - LÉXICOS UTILIZADOS NA AMOSTRA " SEJA HOMEM!" E FINALIDADE	110
QUADRO 8- ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS PARA REIFICAÇÃO NO TEXTO: "SEJA UM HOMEM E SEJA RECONHECIDO POR ISSO!"	116
QUADRO 9: MACROESTRUTURAS SEMÂNTICAS NO TEXTO: " SEJA UM HOMEM E SEJA RECONHECIDO POR ISSO!"	118
QUADRO 10- LÉXICOS UTILIZADOS NA AMOSTRA "SEJA UM HOMEM E SEJA RECONHECIDO POR ISSO" E FINALIDADE	119
QUADRO 11- ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS PARA REIFICAÇÃO NO TEXTO: "COMO SER MASCULINO"	122
QUADRO 12- MACROESTRUTURAS SEMÂNTICAS NO TEXTO: "COMO SER MASCULINO"	123
QUADRO 13- LÉXICOS UTILIZADOS NA AMOSTRA "COMO SER MASCULINO" E FINALIDADE	124

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2. SOBRE MASCULINIDADE(S)	24
2.1 Noções sobre gênero e identidade	25
2.2 O jugo da virilidade	29
2.3 Masculinidade e o S plural	37
2.4 Masculinidade reificada	40
3. AS BASES EPISTEMOLÓGICAS PARA UMA PROPOSTA DE INTERFACE TEÓRICA MULTIDISCIPLINAR	44
3.1 Acepção de ideologia nos estudos culturais, mobilização do sentido	44
3.1.2 O proveito de uma visão crítica na conceituação de ideologia	53
3.1.3 Cinco modos de operação da ideologia	56
3.2 A abordagem sociocognitiva dos Estudos Críticos do Discurso de Teun A. Van Dijk	62
3.2.1 Conceitos basilares para entender a abordagem sociocognitiva	69
3.3 Uma proposta de interface teórica: como as macroestruturas semânticas e o uso do léxico corroboram com o modo de operação da reificação no discurso machista em perfil do <i>Instagram</i>.	81
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	85
4.1 Tipificação da pesquisa	85
4.1.1 Abordagem Exploratória e Qualitativa	86
4.1.2 Metodologia Explicativa e Documental	86
4.2 Coleta de dados e delimitação da amostragem	86
4.2.1 Caracterização da rede social e do perfil	87
4.2.2 Procedimentos para análise dos dados	99
5. AVALIANDO AS EVIDÊNCIAS: UMA ANÁLISE MULTIFACETADA	105
5.1 Análise do primeiro texto como amostra.	105
5.1.2 Análise do segundo texto como amostra	112
5.1.3 Análise do terceiro texto como amostra	120
5.2 PONDERAÇÕES ANÁLITICAS	126
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	135

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tudo aquilo que, outrora, nos servia de âncora e base para construção de nossa identidade como, por exemplo, classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, no século XXI, nessa chamada cultura de modernidade tardia, passa por um processo de transformação que, de acordo com Stuart Hall (2015), culmina no fenômeno chamado “crise de identidades”. Essa crise desloca o sujeito e gera dúvidas, incertezas. Zygmunt Bauman, em sua obra *Identidade*, ao abordar sobre a celeridade das transformações do mundo, nos fala que as velhas estruturas, e suas supostas durabilidades, não nos servem mais e acrescenta: “No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam.” (Bauman, 2005, p. 33). Dentro desse escopo de rigidez e inegociabilidade há o conceito de binaridade do sexo e do gênero que surge por volta do século XVIII com o advento da anatomia e fisiologia na tentativa de se usar a biologia para validar e justificar a ordem social.

O final do século XX traz consigo transformações. As identidades, por estarem se subdividindo, se fracionando, se compondo de múltiplas identidades, algumas das quais contraditórias e não resolvidas, tornam o processo de identificação transitivo, variável e problemático. Transformações que se dão sob fortes tensões sociais. Quando as estruturas sociais em que as questões das identidades se alicerçavam começam a apresentar fissuras, e o que parecia ser “natural”, predeterminado e inegociável se mostra frágil, ter uma identidade se torna cada vez mais significativa e imprescindível para os indivíduos que necessitam desesperadamente por um “nós” a que possam pedir acesso (Bauman, 2005). “As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas.” (Bauman, 2005, p.19). Contudo, nessa busca por uma autoafirmação, na busca por uma identidade e pertencimento, deparamo-nos com um sistema de predominância sócio político, implantado ideologicamente, que rege e estabelece um padrão de binarismo de gênero que gera expectativas de comportamentos em sociedade correspondente aos papéis que conformam o macho e fêmea e de como privilegiam um em detrimento do outro.

Wittgenstein (1922) nos diz que nós não vemos simplesmente o que está naturalmente exposto ao nosso redor, em vez disso nós vemos o que nossa linguagem nos faz ver. Os limites da linguagem de uma pessoa delimitam os limites de seu mundo. É manifesto

que o mundo que enxergamos, a maneira como pensamos e conseqüentemente como nos comportamos se dá através das práticas sociais de interação, as quais absorvemos e aprendemos através da nossa capacidade de linguagem que se manifesta na língua. Vale ressaltar que esse modo de se compreender o mundo pela linguagem não é exclusivo do indivíduo, mas uma junção da compreensão social passada pela língua com a experiência do indivíduo, é uma visão de mundo atravessada por outras visões impregnadas na língua que aprendemos.

É pelo emprego da língua que podemos compreender que “as identidades são vistas como realizadas por escolhas do uso da linguagem e outros recursos simbólicos, ao invés de a linguagem ser o resultado de uma identidade que já existia.” (Angela Goddard and Neil Carey, 2017, p.152) De acordo com Erving Goffman (1969) são as escolhas no uso da língua e de outros recursos semióticos que nos permitem uma *performance* de identidade. Em outras palavras, nós somos o que nós performamos e não performamos o que somos.

Como nos diz Goddard e Carey (2017)¹: Uma diferença adicional é que as identidades são vistas como realizadas por escolhas de linguagem e outros recursos simbólicos, em vez de a linguagem ser o resultado de uma identidade que já estava lá. Então, como se justificaria o imperativo “fale que nem homem” que não seja pelo fato de que o falar que nem homem não é mais do que uma performatividade? Graças à metáfora que Goffman (1969) faz entre dramaturgia e vida social fica fácil entender que: Eu não falo assim porque sou homem, eu sou homem porque falo assim. Por assimilar como se dá a relação entre o uso da linguagem e a formação da identidade depreende-se que, mediante do uso da língua, as práticas sociais criam uma conjuntura de sistemas partilhados que tendem à automanutenção de um *establishment* da hierarquia e posição social, baseadas e legitimadas por uma ideologia que é expressa e reproduzida pelo discurso.

Ao abordarmos a questão das identidades temos por intento trazer à tona a identidade do masculino, do homem, por ser ela a detentora do poder em nossa sociedade, e como a linguagem é operacionalizada na construção e na manutenção dessa identidade, como a ideia que se faz do masculino é tanto um produto quanto um processo da linguagem. Nesse ponto é imperativo explicitar a consciência teórica e epistemológica que embasa esse estudo,

1 Minha tradução de: “a further difference is that identities are seen as performed by choices of language and other symbolic resources, rather than language being the result of an identity that was already there.” (Angela Goddard and Neil Carey, 2017, p.152)

reconhecendo que ele se debruça sobre a dimensão discursiva de uma questão social de vasta complexidade, que atravessa esferas sociais, políticas, jurídicas, históricas, econômicas e simbólicas. O objetivo é elucidar essa problemática a partir de uma perspectiva discursiva, plenamente ciente de que o discurso é indissociável de seus contextos sociais, políticos, e outros.

O modo como falamos, a escolha dos léxicos que utilizamos, para nos referirmos ao masculino, bem como o modo que reificamos a masculinidade tratando-a como uma entidade fixa e monolítica, interdita a capacidade dos homens de expressarem plenamente suas identidades e emoções. Propusemo-nos em contribuir com a desnaturalização e pretendemos tirar o véu que esconde a operacionalização ideológica da reificação existente sobre essa identidade tida como naturalmente detentora do poder, homogeneizada, estereotipada, única e universal. Como consequência almejamos criar um tensionamento social para mudarmos comportamentos prejudiciais e violentos atribuídos a masculinidade.

Partindo de questionamentos sobre o que faz com que, mesmo em face a tantas identidades existentes, o masculino detenha o poder de modo permanente, e em grau inacessível a outros agentes, outras identidades; perguntando-se o porquê de, por exemplo, mesmo numa relação homoafetiva, algumas pessoas terem a necessidade de saber quem é que “manda”, quem é o “homem” da relação? Em frases como essas, as formas como os conceitos são expressos no discurso, particularmente através das escolhas lexicais feitas pela classe dominante² revelam e reforçam as ideologias prevalentes que moldam nossa percepção da realidade. Ao passo que começamos a nos tornar cientes e a reconhecer a diversidade de identidades na sociedade, começamos a perceber que há representações discursivas que ocultam as verdadeiras dinâmicas de poder e, conseqüentemente, como elas limitam os indivíduos a papéis de gênero pré-definidos. As macroestruturas semânticas e o uso das escolhas lexicais não só refletem, mas também perpetuam uma conjuntura ideológica que mascara as relações de poder, coagindo os indivíduos a se conformarem com os papéis de gênero estabelecidos e impostos socialmente.

2. A classe dominante é um conceito sociológico que se refere ao grupo de pessoas ou instituições que possuem uma posição de poder econômico, político, social e cultural em uma determinada sociedade. Segundo o sociólogo Max Weber, a classe dominante é composta por indivíduos que possuem um “monopólio do poder” e que utilizam esse poder para controlar e influenciar as decisões políticas, econômicas e culturais (Weber, 2022.). Já o sociólogo Karl Marx definiu a classe dominante como a classe que detém o controle dos meios de produção, ou seja, os proprietários dos recursos econômicos e produtivos (Marx, 1999.). Embora as definições de classe dominante possam variar a depender da abordagem teórica, de forma geral, a classe dominante é vista como um grupo social que detém um grande poder econômico, político e social, e que utiliza esse poder para manter e expandir sua influência e riqueza, proteger seus interesses e manter sua posição privilegiada.

Para tanto, Thompson nos chama a atenção para como os sentidos podem ser construídos e difundidos pelo mundo social e como o mesmo sentido pode servir para estabelecer e sustentar relações de dominação. Contudo, ele também salienta que:

Os sentidos gerados pelas estratégias simbólicas ou difundidos pelas formas simbólicas serve para estabelecer ou sustentar relações de dominação, é uma questão que deve ser respondida somente pelo exame dos contextos específicos dentro dos quais as formas simbólicas são produzidas e recebidas [...] Mas, se as formas simbólicas assim produzidas servem para sustentar relações de dominação ou para **subvertê-las**, se servem para promover indivíduos ou grupos poderosos ou para **miná-los**, é uma questão que só pode ser resolvida examinando como essas formas simbólicas operam em circunstâncias sócio históricas particulares, como elas são usadas e entendidas pelas pessoas que as produzem e as recebem nos contextos socialmente estruturados da vida cotidiana. (THOMPSON, 2011, p. 89. Grifo nosso).

Estarmos cômicos dos aspectos ideológicos, de como o sentido mantém relações de dominação e de como são operacionalizados pelos discursos permite a possibilidade (pelo menos no campo discursivo e ideológico) do surgimento de “intervenções desafiadoras, transformadoras (do *status quo*) descritas como *formas simbólicas contestatórias* ou, mais especificamente, como *formas incipientes da crítica da ideologia* (Thompson, 2011, p. 91) que mine, ou subverta, ou resista ao jugo dos padrões impostos pelo abuso do poder da classe dominante. Ao se engajar nessas práticas, os indivíduos não estão apenas criticando uma ideologia específica, mas também estão praticando uma forma de crítica que pode evoluir para uma metodologia mais desenvolvida de compreensão e interpretação uma metodologia que é capaz de revelar e desafiar as estruturas subjacentes de poder que as ideologias mascaram e sustentam.

No entanto, quando desafiamos, ridicularizamos ou procuramos deslegitimar uma ideologia existente, não significa que estamos necessariamente criando ou promovendo uma nova ideologia. Em outras palavras, o ato de crítica ou oposição em si não é sinônimo de substituir um conjunto de crenças ideológicas por outro; ao invés disso, esse ato pode ser simplesmente uma forma de resistência ou contestação. Isto posto, Thompson também reconhece que, "sob outros aspectos" (Thompson, 2011, p. 91), ou seja, em outros contextos ou dimensões dessas ações críticas, pode ocorrer simultaneamente a criação de uma nova ideologia. Isso acontece porque, ao questionar uma ideologia, as pessoas frequentemente apresentam alternativas a ela, seja intencionalmente ou como um subproduto de sua crítica. Portanto, mesmo que o objetivo primário seja contestar, desafiar ou desmontar uma ideologia, esse processo pode levar ao surgimento de novos sistemas de crenças ou valores.

Desta forma, propomos uma interface com o campo interdisciplinar e/ou transdisciplinar dos estudos da linguagem conhecido como Análise Crítica do Discurso de abordagem sociocognitiva, uma vez que essa abordagem pode ser conduzida em, e combinada com qualquer outra abordagem e subdisciplina nas humanidades e ciências sociais (Van Dijk, 2001) ao que Van Dijk chama de ideologia de resistência, pois, embora até possa não ser objetivo primeiro criar uma nova ideologia, ao desafiar as ideologias hegemônicas existentes e propor maneiras diferentes de pensar e agir, uma viável consequência desse ato de contestação é a possibilidade de uma nova ideologia emergir. Ao entendermos que os usuários de uma língua, dentro da estrutura social, podem interpretar, representar e, por conseguinte, tensionar para uma mudança da estrutura social de desigualdade ou injustiça (Van Dijk, 2009) é que caminharemos para uma sociedade mais equânime, ou pelo menos poderemos criar um tensionamento social nessa direção.

Um dos primeiros contatos que temos com a vida em sociedade é no âmbito da constituição familiar. É nesse contexto que começamos a desenvolver nossas faculdades mentais tais como: perceber, pensar, representar, dentre outras e também a criar nosso sistema de crenças sociais como: opinião, conhecimento e atitudes. (É digno de nota que as crenças formam o substrato cognitivo a partir do qual as opiniões são formadas e expressas. Opiniões podem ser vistas como a camada externa que se molda e se adapta mais diretamente em interações sociais e discursivas, enquanto as crenças são a estrutura interna mais resistente a mudanças rápidas.)

É nesse mesmo contexto que surgem nossas primeiras “representações cognitivas das nossas interpretações pessoais do que acontece conosco” (Van Dijk, 2020, p. 94), ou seja, enquanto “usuários da língua não estamos apenas envolvidos em processar o discurso ao qual somos expostos, mas, ao mesmo tempo, também estamos empenhados em construir dinamicamente nossa análise e interpretação subjetiva on-line” (Van Dijk, 2020, p. 87). É aqui que, por meio de nossas rotinas, surgem nossos primeiros modelos de experiência e como elas são compartilhadas com outras pessoas, esses modelos tornam-se parte do nosso conhecimento sócio cultural. É por aqui que os códigos de gêneros começam a ser internalizados e passam a ser naturalizados.

É, pois, no seio da família que ocorre a normalização dos papéis de gênero: A menina sempre presa dentro de casa, ao mundo doméstico, o menino criado solto, formando-se para o mundo. “Quanto à masculinidade ela é, desde cedo, definida pela competição, pela disputa em que se pretende derrotar outro homem pela força e pela astúcia. A masculinidade é pungente, é

como se não pudesse pertencer a todos, tendo que ser tomada de outro desafeto” (Albuquerque Jr, 2013, p. 220) É nessa conjuntura que o discurso ideológico de cunho sexista/machista ganha força e se propaga pela sociedade como um todo.

Ao passo em que a evolução da vida em sociedade começa a requerer uma abertura para novas ideias e perspectivas é comum observarmos o surgimento de movimentos reacionários a mudanças sociais que desafiam as normas vigentes. Por exemplo, o quadro social no Brasil entre o final do século XIX e o começo do século XX foi um período marcado pelo fim da escravidão, pelo fim do império, pelo aflorar de uma sociedade urbana-industrial, pelo surgimento de ideias e movimentos como o anarquista e o comunista que tratam de nivelamento de classes etc. Surge então uma forte tendência a reduzir a hierarquias sociais e aumentar a igualdade entre as pessoas, inclusive a um nivelamento entre os sexos. Tais progressos que geraram mudanças sociais complexas e multifacetadas passaram a ser considerados como uma horizontalização, a uma feminização da sociedade o que sinalizava um perigo e ameaça à ordem social, especificamente uma ameaça a hierarquia social do patriarcalismo, um sistema fundamentado em atitudes e comportamentos machistas, no qual o homem detém autoridade predominantemente sobre mulheres e crianças.

No Brasil, como reação a essas mudanças sociais surge fortemente o conceito de família patriarcal em resistência à família nuclear burguesa. Um movimento conservador reacionário às transformações que ocorriam nos lugares que eram definidos social e culturalmente para homens e mulheres, uma reação a qualquer mudança que pudesse ocorrer nas identidades e nos papéis que eram definidos pelos construtos sociais e culturais para os gêneros masculinos e femininos. O patriarcalismo surge dessa percepção de homens pertencentes a um grupo que se sente castrado, desvirilizado, perdendo potência, homens vulneráveis, senis, depauperados, senão fisicamente, mas do ponto de vista do seu poder e *status*, homens em derrocada, ameaçados por novos grupos sociais que vêm dividir seu espaço, restringir suas fronteiras, transfigurá-los (Albuquerque Jr, 2013). Dentro dessa conjuntura criou-se o que era requisitado para a propagação e impregnação no imaginário nacional de um saudosismo a tempos em que a sociedade era forte e próspera e na qual as pessoas sabiam quem eram e tinham uma vida mais afortunada. Essa nostalgia é usada ideologicamente para manutenção do *status quo* e resistência às mudanças sociais que promovem igualdade de gênero.

Percebe-se que esse saudosismo aos tempos áureos da família patriarcal, no Brasil divulgado por Freyre e corroborado por Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda e

Antonio Candido era de: “Uma família numerosa, composta não só do núcleo conjugal e de seus filhos, mas incluindo um grande número de criados, parentes, aderentes, agregados e escravos, submetidos todos ao poder absoluto do chefe do clã, que era ao mesmo tempo, marido, pai e patriarca” (Albuquerque Jr, 2013, p.125).

Esse modelo saudosista, ao qual os reacionários tanto apelavam, “ênfatiza em demasiado a submissão feminina, que talvez só fosse característica para mulheres das elites agrárias.” (Albuquerque Jr, 2013, p.126). E embora existisse tal conformação social/familiar, a história nos mostra que a realidade das famílias não se restringia a esse tipo de configuração familiar. Não seria a família patriarcal da casa grande o único tipo de família a existir no Brasil desde o século XVIII. E mesmo assim, mesmo nessas famílias tidas como mais “alternativas”, mesmo com a ascensão de algumas mulheres da camada popular ao governo doméstico, a opressão feminina não deixava de existir, pois estavam submetidas à ideologia do poder patriarcal (Albuquerque Jr, 2013). A apresentação desse fato histórico se mostra pertinente a título de exemplificação do que acontece quando um grupo dominante fundamentado no machismo percebe seu domínio e poder escoar. E de demonstrar que por mais assimétricas que sejam as relações de poder e por mais que a ideologia tente manter o *status quo* o tencionamento pode ser exercido.

É por esse entrosamento entre as consciências individuais, no processo de interação social, dentro de uma coletividade organizada que os signos passam a preencher e formar a consciência. “Onde há signo há também ideologia, tudo que é ideológico possui significação signíca.” (Volochinov, 2018, p. 93). Os signos e os símbolos são usados de modo a reforçar uma crença ideológica de que as diferenças biológicas entre os sexos são mais importantes e que elas por si só explicam as diferenças sociais. Embora não haja controvérsia quanto ao fato de existir diferença reprodutiva entre macho e fêmea humanos, não se pode dizer o mesmo do significado. Ao se pensar sobre o gênero leva-se mais em conta as diferenças do que os muitos aspectos e maneiras em que homens e mulheres são similares. E usa-se essa diferença reprodutiva para explicar “outros tipos de diferenças, como: força física e velocidade, habilidades físicas, desejo sexual, interesses recreativos, caráter intelecto e assim por diante. (Raewyn, 2015.) No entanto, se valer do fator natural ou biológico para ratificar as diferenças entre homens e mulheres é no mínimo discutível:

Está claro que os corpos são afetados por processos sociais. O modo como nosso corpo cresce e funciona é influenciado pela distribuição de comida, costumes sociais, guerras, trabalho, esporte, urbanização, educação e medicina, para citar apenas as mais óbvias (Raewyn, 2015, p.98).

A performatividade apresentada nos arranjos sociais de gênero não são tão somente consequências do fator biológico de um corpo operando. As influências sociais “precedem o corpo, formando as condições sociais em que este se desenvolve e vive” (Raewyn, 2015, p.98).

Na contemporaneidade, um dos principais sistemas de práticas de significação culturais são os meios de comunicação midiáticos e suas redes sociais de massa. Por tais mídias os discursos permeiam nossas relações sociais a cada dia, mediando o processo de construção, manutenção e/ou substituição identitária. Nesse sentido buscamos identificar e avaliar como o uso do léxico e as macroestruturas semânticas utilizados nos textos do perfil “fúria_e_tradição” da mídia social *Instagram* reproduz um discurso ideológico que reifica a masculinidade formando a identidade do ser. Ao investigarmos sobre a influência que um discurso propagado por uma mídia social possui, teremos uma melhor compreensão, por indução, de como a cultura midiática participa na manutenção da ideologia machista da identidade masculina na sociedade contemporânea.

Com o auxílio dos Estudos Críticos do Discurso, que tomam uma posição multidisciplinar, e por um comprometimento sóciopolítico que visa contribuir para o tensionamento de uma possível solução de graves problemas sociais, decorrentes das várias formas de abuso do poder social (dominação) em particular aqueles que são causados ou exacerbados pelo discurso materializado em mensagens de texto e conversas públicas, é que embasaremos nossa pesquisa. Compreender a interface entre as macroestruturas semânticas e o uso do léxico e o modo de operação ideológico da reificação e como essa operacionalização da ideologia sustenta as relações de dominação é o que nos servirá de base para levar em conta os interesses das vítimas das injustiças discursivas e provocar esse tensionamento social. (Van Dijk, 2009.)

Muitas falas reproduzidas em textos e conversas são perpassadas por discursos os quais os usuários da língua não têm consciência da carga ideológica que se replica. Essas falas ocorrem por uma motivação inconsciente ou inconfessada, ratificando assim o que Barthes (2016) chama de *exnomination*, ou seja, é um processo de ofuscação de um conceito, sob o véu da ideologia, pelo uso excessivo e banalização, um esvaziamento de significado, um processo de combinação de determinada ideologia com o senso comum que torna invisível a influência da ideologia e faz com que ao se falar sobre o assunto (de dominação ideológica) seja o mesmo que “falar sobre água a um peixe”, ou seja, como algo que já é normalizado, como algo que sempre existiu ou sempre foi assim. O homem e o masculino são tratados

como tal, como se fosse algo natural, nunca questionado, sempre o modelo de existência a ser referência.

O que é ser mulher? O que é o feminino? O que é ser negro? O que é ser homossexual? O que é ser trans? São questões bastante debatidas e difundidas. Entretanto o masculino que permeia a *doxa* se apresenta como único e inquestionável. Um homem trans é reconhecido como tal e provavelmente se reconhece como homem trans e quanto ao homem cis se reconhece como tal ou apenas se reconhece como homem? Ao passo que a realidade nos mostra que há masculinidades que são apagadas é, no mínimo, proveitoso falar sobre e trazer a luz da realidade material, é poder mostrar a existência e poder questionar, é poder identificar como mais uma identidade a ser performada. Precisamos entender a(s) masculinidade(s) e as possibilidades do que significa ser homem. Não homem no sentido de pessoa, sujeito ou cidadão, mas homem como pessoa do sexo³ masculino definido em relação à mulher. Esta conscientização ou essa necessidade de questionar o que é o másculo, o macho e o homem, se mostrará de um bom proveito para um primeiro passo a caminho de uma desconstrução ou pelo menos do tensionamento da ideologia sexista/machista, que além de ser danoso ao próprio homem é um grande problema e empecilho para uma sociedade mais justa e equitativa.

O discurso é construtor do local a partir do qual os indivíduos podem se posicionar e a partir do qual podem se expressar. As práticas que envolvem significação e que produzem significados envolvem relações de poder incluindo o poder para definir quem está incluído e quem não está. Numa sociedade que se pode chamar de pós-colonial este é o período histórico caracterizado pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento. Sabendo-se que a masculinidade é agônica e não pertencente a todos, como então pelas macroestruturas semânticas do discurso se confere poder a identidade masculina? Como o modo de operação da reificação sustenta a relação do gênero masculino como detentora do domínio?

Após o supracitado e considerando pertinente contribuir para a minimização dos desdobramentos do machismo na sociedade, o presente trabalho intenciona avaliar como o modo de operação ideológico da reificação (Thompson, 2011) mobiliza sentido na

3 Essa pesquisa se delimita ao homem cis gênero por questões técnicas, mas reconhece que masculinidade e ser homem não uma questão que se restringe ao sexo biológico como já mencionado em ideia no decorrer dessa introdução.

construção simbólica da masculinidade hegemônica em interface com a macroestrutura semântica dos tópicos bem como o uso do léxico no processo que fundamenta a dominação:

Selecionamos os tópicos como estrutura significativa para estudar porque são controladas pelos falantes que exercem o poder, porque influenciam outras estruturas do discurso e porque têm os mais óbvios efeitos (na memória e consequentes ações) nos interlocutores e, portanto, no processo que baseia o poder social (VAN DIJK, 2009, p. 86).⁴

No intuito de discutir outras formas de masculinidade, para além do estereótipo do macho e de sua companheira submissa, pretendemos tensionar o pensamento hegemônico para uma possível desconstrução das falas que tornam o falo o núcleo de uma sociedade, questionar a legitimidade da estrutura hierárquica e autoritária de gênero, gerando uma conscientização sobre o discurso machista velado em masculinidade e no que supostamente deveria ser o homem e que além de minorias como negros, mulheres e LGBTQIA+ o homem também é afetado danosamente por esse discurso e maneira histórica de pensar.

Na pretensão de ampliar o escopo de trabalhos existentes nos estudos da linguagem sobre o masculino pretendemos-se, ao ponderar, ao menos a possibilidade de suscitar discussões. De certo, o estudo, ao fazer uma interface teórica dos modos de operação da ideologia, propostos por Thompson, com as macroestruturas semânticas da abordagem sócio cognitiva dos Estudos Críticos do Discurso, de Van Dijk, propõe-se não apenas desvelar os modos de operação da ideologia sexista/falocêntrica que está incrustada em nossa sociedade, mas também auxiliar e oferecer uma compreensão para que possamos contribuir com a desnaturalização (desreificar) a heteronormatividade como hegemônica e tensionar uma mudança de realidade cultural e educacional em nossas famílias e sociedade em busca de uma equanimidade social. Nesse sentido e sabendo que a linguagem cria e modifica a realidade, a aplicabilidade da linguística no campo da Estudos Críticos do Discurso pode mostrar-se proveitosa para uma postura mais crítica e socialmente responsável.

O filósofo Jean Paul Sartre em seu livro *O que é Literatura?* (1948) afirma: “o escritor engajado sabe que a palavra é ação: ele sabe que desvelar é mudar e não podemos desvelar a não ser que numa projeção de mudança. Ele já abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da sociedade e da condição humana” (SARTRE. J. P, 2002. Tradução livre).

⁴ Tradução nossa de: “We select topics as a significant structure to study because they are usually controlled by powerful speakers, because they influence many other structures of a discourse (such as its global coherence), and because they have the most obvious effects on the (memory and consequent actions of) recipients and hence on the process of reproduction that underlies social power and dominance.” (VAN DIJK, 2009, p. 86).

Os Estudos Críticos do Discurso (ECD) têm em comum o mesmo princípio, de uma crítica engajada, buscando uma análise do discurso que tenha por foco a variabilidade, a mudança e a luta. Com o auxílio dos ECD poderemos traçar uma avaliação crítica das práticas discursivas abusivas, das relações existentes na estrutura de um discurso hegemônico e recursos linguísticos que são utilizados pelos enunciadores que ocupam uma posição de poder, bem como orientações de intervenção prática e de resistência contra a dominação ilegítima imposta por ideologias de um grupo em detrimento do bem-estar geral da sociedade (Van Dijk, 2009).

Nas obras de Albuquerque Júnior (2013), Alain Corbin (2013), Pedro Ambra (2015) e Raewyn Connell (2005, 2015), Ivan Jabonkla (2019), Bourdieu (2020), encontramos significativas contribuições para essa dissertação por terem como tema, a masculinidade, o mesmo tema tratado nessa pesquisa, como também as duas mais recentes publicações sobre ideologia e modos de operação da ideologia na ADC publicados por Irineu (2020, 2022). Assim, à luz do estado da arte referido adiante e da fundamentação teórica da concepção de Eagleton (1991) e de Thompson (2011) sobre ideologia, e os cinco modos gerais de operacionalização ideológica, como também no passo adiante proposto por Van Dijk (2005, 2009, 2015, 2016, 2018, 2020.), Van Dijk e Kintsch (1983) sobre ideologia de resistência e valendo-se da abordagem sociocognitiva dentro dos Estudos Críticos do Discurso, produzimos uma pesquisa levando em conta suas possibilidades metodológicas de tensionamento na transformação social.

Somam-se à análise ora exercida nesse empreendimento o trabalho de alguns daqueles pesquisadores que em sua prática do fazer científico utilizam-se de uma abordagem mais crítica. Nos empenhamos em compreender o masculino nas pesquisas de Silva (2006), Nery (2019) e Eccel e Grinisci (2011); No conceito de ideologia e estratégias ideológicas nos trabalhos de Felipe (2006), Camilo (2016) e Guisard (2022); e sobre pesquisa em redes sociais da internet Oliveira (2021) e Silva (2022); e na interface da Análise do Discurso Crítica dialética relaciona com a abordagem sociocognitiva Guisard (2022).

Felipe (2006), no que lhe toca, nos ajudou com sua pesquisa de mestrado de natureza etnográfica ao investigar discursos que envolvem a construção das masculinidades como representações, relações e práticas identitárias dos homens. Com o foco central em compreender a construção discursiva das masculinidades não apenas como identidades pessoais, mas como construções semióticas que têm simultaneamente um lugar nas relações de gênero, foram analisadas as escolhas lexicais dos participantes da pesquisa, bem como os recursos semióticos por eles utilizados para representar a identidade masculina.

Fundamentando-se na concepção dos modos de operação da Ideologia Thompson (2011), bem como dos conceitos de ideologia de Eagleton (1991) junto aos Estudos Críticos.

Ainda como complemento, no trabalho de Silva (2006), intitulado: “A crise da masculinidade: uma crítica a identidade de gênero e à literatura masculinista”. Aborda a crise na identidade masculina oriunda do movimento feminista da década de 1960, período no qual alguns homens procuraram um modelo que melhor descrevessem as suas subjetividades. Em seu trabalho, ele aborda sobre o conflito identitário do homem moderno ocasionado tanto pela tentativa de se manter um modelo hegemônico, quanto pela impossibilidade de se sustentar uma hegemonia, devido às subjetividades de cada indivíduo na modernidade. Intenta-se em demonstrar que o que se chama de crise de identidade masculina na verdade é uma evolução do que é o homem. Enquanto a masculinidade hegemônica prega um modelo de cavaleiro medieval que sustentaria o patriarcado, o trabalho nos mostra que a preocupação deve ser no ressignificado nos papéis de pai, provedor, marido, amante, trabalhador e cidadão tensionando a uma sociedade mais equânime entre homens, mulheres e demais identidades.

De acordo com Eccel e Grinzi (2011) em seu: “Trabalho e Gênero: a produção de masculinidades na perspectiva de homens e mulheres”. As autoras analisam como os ideais de masculinidade hegemônica (que também são suportados pelas mulheres que validam ou desqualificam determinados comportamentos masculinos em seus discursos) afetam a construção de estilos de vida entre homens e mulheres, atuando positivamente sobre um estilo de masculinidade e negativamente em outro. Possibilitando, assim, um olhar sobre a hierarquização entre as masculinidades, o que revela um rompimento de uma perspectiva universalizante sobre o masculino. O trabalho também demonstra que os ideais de masculinidade não são totalmente explícitos, eles transcorrem por representações e crenças do que é valorizado em cada contexto. Assim como se espera um determinado comportamento das mulheres também se espera que os homens se comportem com os parâmetros e expectativas exigidos.

Camilo (2016) apresentou uma pesquisa social discursiva crítica como objetivo investigar como a presidenta da República do Brasil, Dilma Rousseff, construiu sua imagem social de resistência no ano de 2015; ao identificar as estratégias ideológicas que foram utilizadas nos discursos oficiais para formar a representação da líder política; a relação entre o discurso político presidencial e a plataforma de mídia social Facebook. Alicerçando sua análise nos pressupostos de Da Análise Crítica do Discurso (ADC); Na teoria da

Representação Social (TRS); foi-nos substancial a perspectiva aportada pelo pesquisador no que concerne aos estudos sobre Ideologia e seus modos de operação de Thompson e Eagleton.

Dias (2009), por sua vez, contribui ao apresentar-nos um estudo que analisa a construção das identidades masculinas na mídia impressa, mais especificamente nas revistas masculinas, consideradas um espaço discursivo "exclusivamente masculino". Ao focar nas identidades masculinas e tratar das representações de gênero na mídia, preocupando-se com as perpetuações de estereótipos que reforçam as desigualdades de gênero, bem como as estratégias linguístico-discursivas para a construção dessas identidades, o trabalho entra em consonância com o nosso.

A dissertação de Nery (2019) ao examinar pesquisas sociológicas e educacionais a fim de entender os preconceitos enfrentados por pessoas que não se adequam às normas sociais, incluindo o ambiente escolar, baseia-se nas pesquisas de Raewyn Connell sobre Masculinidade Hegemônica, explorando como os estudos de gênero contribuem para uma sociedade mais justa, especialmente para a comunidade LGBT. Complementando nossa busca por uma desnaturalização da masculinidade hegemônica e por uma sociedade mais equânime.

Na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), temos, Oliveira (2021), que analisa as representações sociais de professores da rede estadual do Ceará sobre seus estudantes em situação de vulnerabilidade social, produzidas discursivamente em redes sociais, no contexto da pandemia de Covid-19. O trabalho colabora por nos prover as considerações de textos extraídos de rede social, examinando-os sob a luz da Análise do Discurso Crítica bem como das Representações Sociais, contribuindo com a temática.

Já em Silva (2022), também da UNILAB, o empreendimento de pesquisa foi o de demonstrar como os estereótipos sobre a mulher em anúncios de cerveja são acionados através de recursos textual-discursivos com propósitos persuasivos. Como o trabalho também faz a análise em publicidades feitas no Instagram, a dissertação mostrou-se proveitosa por termos escolhido trabalhar também dentro da mesma plataforma de rede social. E, embora sob abordagens diferentes, somou na busca por entender como se constrói por marcas textual-discursivas, no caso dele, estereótipos sobre a mulher, no nosso, estereótipo da construção de identidade masculina.

Guisard (2022) empenhou-se em sua tese em investigar a prática social de admissão e permanência de estudantes provenientes de escolas públicas em universidades, utilizando

cotas sociais e raciais, e analisar a representação discursiva dessa prática e desses alunos. Este trabalho, por possuir um arcabouço teórico claro e preciso, nos foi muito proveitoso por nos auxiliar na compreensão do embasamento teórico, pois como base teórico-metodológica, foram utilizados os princípios da Análise de Discurso Crítica (ADC) e os Estudos Críticos do Discurso (ECD), seguindo uma abordagem dialético-relacional e além disso, nos foi vantajoso e muito bem utilizado, ela também ter adotado uma abordagem sociocognitiva, conforme proposto por Van Dijk (2015, 2016, 2017a, 2017b, 2018, 2021).

Como possível contribuição do estudo linguístico aplicado à análise de problemas sociais, este trabalho aborda a maneira como as estratégias nas escolhas de tópicos ou macroestruturas semânticas e o uso do léxico convergem para o modo de operação da reificação na construção da identidade masculina. Ele também examina como o uso lexical legitima a perpetuação do abuso de poder por parte de um grupo específico de homens sobre outro grupo de homens e demais minorias. Este estudo destaca sua relevância ao evidenciar as engrenagens discursivas que sustentam a hierarquia da ordem social através do abuso do poder atribuído ao homem e exercido por ele.

Por fim, a presente dissertação está retoricamente organizada da seguinte forma: (1) as considerações iniciais, na qual justifica-se o processo de construção do objeto de pesquisa; (2) trato da questão da masculinidade dentro de um recorte temporal até chegarmos ao conceito de masculinidade reificada; (3) As bases epistemológicas para uma proposta de interface teórica multidisciplinar, abordando as referências conceituais: de masculinidade, de Ideologia e Estudos Críticos do Discurso que sustentam este trabalho; (4) Aspectos metodológico; (5) análises, nas quais empenhamo-nos sobre a interpretação dos dados gerados; (6) conclusão, na qual evidenciamos como as macroestruturas semânticas e o uso do léxico corroboram com o modo de operação ideológico da reificação no discurso sexista para legitimar e perpetuar a masculinidade reificada como dominante performática de gênero masculino; e (7) referências, onde está listado o acervo de obras citadas no corpo da dissertação.

2. SOBRE MASCULINIDADE(S)

“O masculino não existe exceto em contraste com o feminino”. Apresento tal afirmação, retirada do livro *Masculinities* de Raewyn Connell (2005), para podermos falar sobre conceito de masculinidade, ou melhor, para termos ciência dos percalços que é conceituar masculinidade, ainda mais que nossa ideia sobre o que é masculinidade parece ser bastante recente e que, ao tratar sobre masculinidade, estamos tratando de gênero. No século V E.C. Parmênides propôs um princípio de grande influência na filosofia ocidental, o princípio da identidade. Junto com o princípio da não-contradição e o princípio do terceiro excluído, eles são considerados os três pilares da lógica e da razão. O princípio da identidade afirma que “o que é, é”. Em outras palavras, algo é idêntico a si mesmo e não pode ser diferente do que é. Se **A** é igual a **A**, então **A** é **A** e não outra coisa. Tido como uma verdade lógica universalmente aceita, o princípio da identidade é usado como alicerce para muitos argumentos lógicos, como por exemplo: “Se homem é homem, então homem é homem” e não pode ser diferente do que é; “Um homem não pode ser simultaneamente homem e mulher”, um objeto não pode ser idêntico a si e a outro objeto ao mesmo tempo.

Faço alusão à lógica porque na *doxa* (crença comum) que permeia a opinião popular sobre identidade de gênero faz parecer que um constructo psicossócio-biológico que é um ser humano seja algo de uma logicidade simplista de se conceituar. Mas mesmo esse pilar da lógica apresenta seus paradoxos, tal qual a ideia fissurada do conceito do que é homem e masculinidade. Por exemplo, o princípio da identidade parte de um axioma indemonstrável, pois **A** é igual **A** significa que o **A** é outro dele mesmo para ser idêntico a si. Logo para se compreender a identidade é preciso pressupor a diferença, pois uma relação de identidade só pode acontecer entre duas diferenças. A título de outros exemplos podemos citar o paradoxo do monte de areia e o paradoxo do barco de Teseu. O paradoxo do monte de areia envolve a questão de saber se um monte de areia continua sendo uma monte de areia mesmo se você remover um grão de areia, ou se remover um punhado de areia. Em que momento um monte de areia deixa de sê-lo quando vai se removendo os grãos? Como a definição de monte de areia é vaga e imprecisa, não há como responder objetivamente o que nos leva a uma contradição no princípio da identidade. Quanto ao exemplo do paradoxo do navio de Teseu, envolve a questão de saber se um navio que teve todas as suas peças substituídas ao longo do tempo ainda é o mesmo navio. O que nos leva a refletir sobre como a identidade de um ser ou objeto é definida e se a identidade é baseada na continuidade material ou em alguma outra coisa. Esses paradoxos mostram que mesmo métodos sistemáticos e rigorosos para analisar

e validar argumentos como a lógica apresentam complexidade para definir conceitos. Se há complexidade para definir o que é um monte de areia ou o que é um barco quanto mais no que se refere a definição de um ser psicossociológico que é um homem e por conseguinte sua masculinidade.

2.1 Noções sobre gênero e identidade

Embora o uso de “gênero” pareça “ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”, estudos de gênero centravam-se em estudar “mulher” de forma muito estreita e isolada (Scott, 1989, p. 1054). Deixando de lado estudar “homem”, justamente por sua dominação, fazendo com que o dominante fosse o caso geral e natural e o dominado um caso particular, corroborando com o hipostasiar do homem e sua masculinidade. Contudo, como mencionado anteriormente, ao discutirmos sobre masculinidade estamos também tratando de gênero e trabalhando esse processo de desnaturalização. E numa virada de chave, a partir de 1970 a crítica feminista passa a tratar o homem como participante ativo nas relações de gênero. Assim como Scott não faz saber, Nathalie Davis em 1975 afirmava que:

Nathalie Davis dizia em 1975: “Eu acho que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente sobre o sexo oprimido, do mesmo jeito que um historiador das classes não pode fixar seu olhar unicamente sobre os camponeses. Nosso objetivo é entender a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la.” (SCOTT, 1989, p. 3).

Discutir sobre gênero não é apenas buscar diferenças entre homens e mulheres, ou categorizar masculino e feminino, mas buscar compreender a ordem do gênero como uma economia global do conhecimento (Connell, 2016.). O convívio na sociedade ocidental no qual somos expostos estrutura-se sobremaneira para que seus arranjos de gênero sejam percebidos como aleatórios, fazendo-os parecer naturais.

Contudo, um olhar mais atento entende que há um padrão nos arranjos da ordem de gênero. Nas mídias de massas, nas rádios, os meninos se deparam com o que provavelmente já ouviram e foram ensinados em casa desde a tenra idade: “engole o choro, homem não chora”. E a confissão chega em canções com letras dizendo: “Homem não chora nem por dor, nem por amor”, “meu rosto vermelho, molhado é só dos olhos pra fora, todo mundo sabe que homem não chora”, como *Homem não chora* de Frejat ou “I try to laugh about it, hiding the tears in my eyes ‘cause boys don’t cry” (eu tento rir disso tudo escondendo as lágrimas em meus olhos porque homens não choram) em *Boys don’t cry* de The Cure. Cinema, televisão,

política, mundo dos negócios e escola são algumas das intuições que corroboram com o estereótipo de masculinidade ditando e reproduzindo o mesmo comportamento de ter de exercer dominação, de abuso da força, ser virulento e emotivamente reprimido para todo e qualquer ser do sexo masculino, afetando diretamente como a pessoa se percebe, se entende e se descreve. E quem não reproduz esse comportamento nomeado de masculino perde sua identidade, pois é classificado como maricas, mulherzinha etc.

A necessidade de ser e se sentir aceito, de ser reconhecido, no caso, é por outros homens, pois se sabe que apenas os homens realmente têm o poder de conceder poder fálico a outro homem, e isso influi diretamente na identidade de quem somos. Como corrobora Bourdieu (2020, p. 90): “A virilidade tem de ser validada por outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de ‘verdadeiros homens’.” Inconscientemente, homens estão performando para uma autoridade invisível e não nomeada (que aqui pretendo desvelar como ideologia sexista de masculinidade alfa hegemônica), sob a tensão de não saber se estão sendo observados, numa constante autovigilância de uns para com os outros, sendo ao mesmo tempo algozes e prisioneiros, fazendo com que o ser homem seja penoso. Como ratifica Albuquerque Júnior:

Os códigos de gênero são internalizados como se fossem coisas ‘naturais’. Neles, a masculinidade é, desde cedo, definida pela competição, pela disputa em que se pretende derrotar outro homem, pela força ou pela astúcia. A masculinidade é agônica, é como se não pudesse pertencer a todos, tendo de ser tomada de outro desafeto (ALBUQUERQUE JR, 2013, p.220).

A realidade é que também não se nasce homem. Possuir um cromossomo Y ou ter um pênis não faz de ninguém homem. Se assim o fosse não seria necessário, durante toda a vida, desde a tenra infância e mesmo na vida adulta a exortação imperativa do “seja homem” ao passo que é incomum ouvir o “seja mulher”. Ser homem é proferido muito mais no modo imperativo do que no modo indicativo. É como se existissem determinados momentos em que se é homem, daí a exortação para lembrar que naquela dada situação ou momento precisa-se agir como homem. É como se “ser macho” ou demonstrar masculinidade só seja enfatizado ou exigido em situações de confronto, competição ou afirmação de poder. Ser homem implica um esforço contínuo para se conquistar o que a qualquer momento pode-se-lhe ser tomado. A confiança em si e a dos outros sobre a própria identidade é tão débil que a todo momento se exige comprovação, “prove que você é homem de verdade” e essa mesma frase utilizada para designar o homem viril corrobora a ideia de que existem aqueles que apenas tem aparência de homem, mas não o são de verdade, são falsos homens (Badinter, 1993).

Bourdieu (2020, p. 24) nos diz que a “ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça.” Na conjuntura social da modernidade tardia, na qual o capitalismo influencia fortemente a vida das pessoas, os valores do livre mercado econômico precificam não apenas os bens de consumo, mas também as relações entre as pessoas, a ponto de atribuir um valor sexual de mercado a homens e mulheres. Essa dinâmica pauta o comportamento nas relações de gênero. Homens se tornam objetos de “sucesso”, com a crença incutida de que só possuem relevância ou importância se obtiverem sucesso no sistema capitalista. Mulheres, por outro lado, se transformam em objetos de desejo, submetidas à pressão de aderirem a padrões estéticos para ter valor, sob a premissa de que serão valorizadas somente se forem desejadas e cobiçadas.

Como resultado dessa pressão social de exercer a virilidade, cumprindo obrigações ansiogênicas para não serem considerados um fracasso, é que homens buscam se tornar esse “objeto de sucesso” e podem até alegar que seus carrões, grandes casas, ternos caros e músculos são para aumentar seu próprio valor sexual de mercado e se tornarem atraentes para as mulheres, mas seguramente, sem se darem conta da estrutura social, homens estão buscando aprovação de outros homens, eles querem impressionar seus rivais.

É perceptível que nossos genes e hormônios provavelmente nos predispõe a reagir de certas maneiras a algum condicionamento ambiental, mas quando se consegue verificar que há um esforço por parte da sociedade para direcionar o comportamento dos indivíduos, não é tão difícil perceber que os comportamentos de gênero não são apenas consequências naturais da diferença entre os sexos, mas não se pode deixar de considerar que também há uma forte atuação da sociedade sobre essa conformação. Não se nasce pronto como homem ou mulher. Connel no diz:

Ser um homem ou uma mulher, então, não é um estado predeterminado. É um tornar-se; é uma condição ativamente em construção. A filósofa feminista pioneira Simone de Beauvoir colocou isso em sua famosa frase: “ não se nasce mulher; torna-se”. Embora as posições de homens e mulheres não sejam as mesmas, o princípio também é válido para os homens, pois ninguém nasce masculino, é preciso tornar-se um homem (CONNELL, 2015, p. 38).

A naturalização das representações mentais do que é masculino se dá de tal forma que a crença nas distinções de gênero são exclusivamente “naturais” e faz com que as pessoas se escandalizem quando alguém não segue o padrão, tal como o de se apaixonar pelo próprio gênero, por exemplo. (Connell, 2015.)

Pensar na questão homem a partir do conceito de gênero nos abre diferentes caminhos:

Nesse sentido, uma discussão sobre masculinidade pode encontrar além de diferentes endereçamentos, diferentes pontos de partida. Entre uma essência masculina, uma construção social radical, uma designação de gênero que vem do Outro, uma performance viril, uma identificação, um discurso, um posicionamento em relação à linguagem, uma lógica própria, uma construção histórica específica [...] (AMBRA, 2015, p.24).

Há uma miríade de autores e campos que tratam sobre a questão de gênero, mas cito duas perspectivas as quais norteiam esse trabalho: a crítica materialista que toma por princípio o feminismo e a crítica do patriarcado e a pós estruturalista na qual os debates linguísticos se apresentam mais intensamente.

Somos, então, conduzidos a um ponto em questão de que ser homem ou ser mulher não implica necessariamente em ser masculino ou feminino se assim fosse não precisaríamos de tais termos, poderíamos apenas falar em homem ou mulher, macho ou fêmea quando na prática o que acontece é que podemos falar de homens femininos e mulheres masculinas. O que acontece é que esses termos também podem ser usados não apenas para diferenciar o homem da mulher, mas também para destacar o modo como homens diferem entre si e mulheres diferem entre si (Connell, 2015). Em outras palavras, ser homem não é apenas ser másculo e viril, não é exclusivo de uma sexualidade ou orientação sexual, ou sexo biológico. Se entendemos que gênero é diferente de sexo, sendo sexo ligado a uma questão biológica de cromossomos e gônadas, gênero é algo mais complexo podendo coincidir com o biológico e corporificação ou não. (Ambra, 2015.) Os padrões fartamente difundidos entre as relações sociais estruturam como os indivíduos e grupos performam. Tratado, então, como uma questão de estrutura social, como um padrão em nossos arranjos sociais é que o gênero deve ser levado em conta. Connell acrescenta:

Mais do que tentar definir masculinidade como um objeto (um tipo de caráter biológico natural, um perfil comportamental, uma norma), nós precisamos focar nos processos e relacionamentos através dos quais homens e mulheres conduzem suas vidas marcadas pelo gênero. 'Masculinidade', na medida em que se pode brevemente definir o termo, é simultaneamente um lugar nas relações de gênero, as práticas através das quais homens e mulheres ocupam esse lugar no gênero e os efeitos dessas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura (CONNELL, 2015, p. 71)⁵.

5 Tradução nossa de: "Rather than attempting to define masculinity as an object (a natural character type, a behavioural average, a norm), we need to focus on the processes and relationships through which men and women conduct gendered lives. 'Masculinity', to the extent the term can be briefly defined at all, is simultaneously a place in gender relations, the practices through which men and women engage that place in gender, and the effects of these practices in bodily experience, personality and culture" (CONNELL, 2015, p. 71).

Assim dizendo, o gênero é um conjunto de relações sociais no que concerne ao modo como a sociedade ocupa-se em tratar os corpos humanos voltando sua atenção às práticas que atribuem distinções baseadas nas características corporais relacionadas à esfera reprodutiva, as quais são incorporadas aos processos sociais. (Connell, 2015.) Compreender o conceito de gênero é essencial para termos noção de como a sociedade organiza de modo estrutural a manutenção de padrões amplamente difundidos nas relações sociais entre homens e mulheres, assim como as identidades de gênero que se situam além dessa dicotomia. É digno de nota salientar que as práticas nas relações sociais e culturais que são utilizadas para definir gênero variam de acordo com a época, a cultura e o lugar, mas que sempre se relacionam com o corpo humano e suas funções reprodutivas.

É por conhecer o conceito de gênero que entendemos como as sociedades humanas lidam com os corpos e como acentuam em demasia as diferenças biológicas (que ninguém quer negar que existam) entre os sexos para poder gerar normas e expectativas sobre homens e mulheres. Ter ciência do funcionamento dessa estrutura social de gênero é inquietante quando se sabe que tais normas são determinantes, por exemplo, em quais atividades são consideradas adequadas para homens e mulheres, como os corpos devem ser apresentados, quem tem direito de acessar recursos e poder e como as relações entre os gêneros devem ser estabelecidas afetando tanto a vida pessoal quanto o destino coletivo da sociedade.

2.2 O jugo da virilidade

Embora ainda haja muito o que se discutir sobre como a generificação (a imposição de normas do que é masculino e feminino) pode ser repressora, é prudente reforçar que a ideia de homem e de mulher se transformou com o passar do tempo. O historiador Thomas Laqueur, em seu livro "Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud" (1990), discute a noção de isomorfismo de gênero ao examinar as mudanças históricas na compreensão do corpo humano e da sexualidade. Tanto o corpo masculino quanto o feminino eram centrados no modelo de isomorfismo, assim dizendo, havia um único modelo que representava ambos. A classificação dada a Homens e Mulheres alicerçava-se por um princípio metafísico consoante o seu grau de perfeição, um e outro eram considerados semelhantes, o corpo feminino, tal qual o masculino, apresenta os mesmos membros, todavia, virados para dentro (menos perfeito). Como explica Laqueur ao apresentar o mais influente anatomista da tradição ocidental, Galeno de Pérgamo:

De fato, argumentou Galeno, "você não poderia encontrar uma única parte masculina que não tivesse simplesmente mudado de posição." Ao invés de serem divididos por sua anatomia reprodutiva, os sexos estão ligados por algo em comum. Em outras palavras, as mulheres são homens invertidos e por isso menos perfeitas. Eles têm exatamente os mesmos órgãos, mas precisamente em lugares diferentes (LAQUEUR, 1992, p.26).⁶

Laqueur argumenta que, na Europa pré-moderna, a crença dominante era de que o corpo humano era composto por duas substâncias sexuais -o "esperma masculino" e a "matéria feminina" (*catemenia*)- que se combinavam de maneira isomórfica para produzir homens e mulheres. Ou seja, acreditava-se que os corpos masculinos e femininos eram essencialmente idênticos, diferindo apenas no posicionamento e na quantidade dessas duas substâncias sexuais. Essa concepção de isomorfismo de gênero, segundo Laqueur, foi baseada em uma visão cultural e social que valorizava a simetria e a harmonia entre homens e mulheres.

No entanto, Laqueur argumenta que a concepção de isomorfismo de gênero começou a mudar na época moderna, com o surgimento da anatomia e da fisiologia como campos de estudo. Ele aponta que, durante o século XVIII, os anatomistas começaram a observar e registrar as diferenças anatômicas entre os corpos masculinos e femininos, e isso levou a uma compreensão mais diferenciada dos corpos sexuais. Principiava-se não apenas uma rejeição ao isomorfismo, mas também a rejeição do pensamento de que as nuances que diferenciavam os órgãos, fluidos e processos fisiológicos reproduziam uma ordem transcendental de perfeição. Como confirma Laqueur:

Em algum momento do século XVIII, o sexo como o conhecemos foi inventado. Os órgãos reprodutivos deixaram de ser locais paradigmáticos para exibir hierarquia, ressonante em todo o cosmos, para serem a fundação de uma diferença incomensurável: 'as mulheres devem sua maneira de ser aos seus órgãos de geração, e especialmente ao útero'. Como disse um médico do século XVIII (LAQUEUR, 1992, p.149).⁷

Essa mudança gradual na concepção de isomorfismo de gênero culminou no século XIX, quando os cientistas começaram a entender que havia diferenças significativas entre os corpos masculinos e femininos em termos de anatomia, fisiologia e comportamento sexual:

6 Tradução nossa de: "In fact, Galen argued, "you could not find a single male part left over that had not simply hanged its position." Instead of being divided by their reproductive anatomies, the sexes are linked by a common one. Women, in other words, are inverted, and hence less perfect, men. They have exactly the same organs but in exactly the wrong places" (LAQUEUR, 1992, p.26).

7 Minha tradução de: "Sometime in the eighteenth century, sex as we know it was invented. The reproductive organs went from being paradigmatic sites for displaying hierarchy, resonant throughout the cosmos, to being the foundation of incommensurable difference: "women owe their manner of being to their organs of generation, and especially to the uterus," as one eighteenth century physician put it"(LAQUEUR, 1992, p.149).

“O outrora útero, que havia sido uma espécie de falo negativo, tornou-se o útero -um órgão cujas fibras, nervos e vasculatura forneciam uma explicação naturalista e uma justificativa para o *status* social das mulheres”(Laqueur, 1992, p.152)⁸. Na luta por poder na esfera pública entre homens e mulheres, a ordem transcendental da metafísica torna-se um argumento menos admissível para explicar as relações sociais dos papéis de gênero e o campo de batalha muda para a natureza, para o sexo biológico.

Quando o conceito de dimorfismo que define homem e mulher passar a ganhar força, por volta da segunda metade do século XVIII, o sexo é o que passa a definir as diferentes normas sociais. Sendo assim, o que encontramos em registros históricos, em registros médicos e até em literatura romântica marcam os fluxos que mexem com as mulheres. A mulher é percebida como estando submetida a perpétuos fluxos, de lágrimas, lactação e menstruação, sempre encorajada a fluir. De maneira oposta, o homem é exortado a dominar seus fluxos, ele deve exercer autodomínio e contê-los: quer se tratasse de lágrimas ou de esperma. Mostrar-se homem e dar provas de virilidade é saber controlar o seu prazer e sua energia sexual (Corbin, 2013).

Um verdadeiro homem e sólido cidadão deve ser senhor de si mesmo e de um corpo preservado, deve exalar disciplina, resistir aos desejos para conter seus fluxos e evitar a perda do sêmem o que acarretaria na diminuição da potência viril. Ao mesmo tempo que se cobra essa disciplina como prova de virilidade também se admoesta como benéfico “frequentar mulheres” já que , segundo médicos e fisiologistas da época, a continência prolongada traria muitos malefícios. Por assim dizer, para ser homem e viril é necessário seguir essa incongruência (Corbin, 2013).

No século XVIII com a publicação de *Onania* de Patrick Singy inicia-se a campanha pelo domínio masculino de seus próprios fluxos, a batalha antimasturbação. Já que a “espermatorreia, manifestação do impossível controle dos fluxos pela vontade do sujeito, representa o fracasso máximo deste autodomínio, que constitui a virilidade” (Corbin, 2013, p. 446). Nesse sentido, o homem é atormentado pelo próprio esperma que é o que constitui a sua virilidade e ao mesmo tempo a compromete. Na tentativa de não perder a própria identidade,

8 Tradução nossa de: “The womb, which had been a sort of negative phallus, became the uterus - an organ whose fibers, nerves, and vasculature provided a naturalistic explanation and justification for the social *status* of women”(LAQUEUR, 1992, p.152).

de não deixar de ser homem, na busca dessa virilidade o sujeito se submete a práticas de violência:

A terapêutica de Lallemand, quer dizer, a cauterização da uretra, para tornar a ereção mais vigorosa, a ejaculação menos precipitada e restaurar a voluptuosidade, pode ser percebida como uma violência praticada contra o corpo masculino para restaurar plenamente a sua tensão viril (CORBIN, 2013, p. 446).

A virilidade está diretamente ligada à aflição da falência sexual já que, de acordo com os médicos da época que tratavam do assunto, tanto a força física quanto a profusão da atividade mental estão diretamente relacionadas à potência viril. Sendo assim o homem que não consegue controlar seus fluxos se percebe como defeituoso, mergulha em melancolia; definha. Até meados do século XIX, este era o quadro deixado pelos médicos. Um outro exemplo, que a história nos mostra, de fardo que a virilidade impõe sobre o ser era o “tribunal da impotência” que existia na França do século XVI. O impotente é culpado de engano e de sacrilégio, tendo em vista que o casamento é um sacramento. A esposa, como vítima, tem o direito de recorrer ao tribunal eclesiástico. Se necessário fosse, o tribunal exigia “prova” para que o marido penetre sua mulher e ejacule diante da reunião de esposos. Esse teatro humilhante de impotência proporciona uma manifestação pública do medo coletivo das falhas da virilidade, ataca as marcas da identidade. A *doxa* construída, até então, sobre a virilidade faz com que os homens se percebam, se entendam e se relacionem com o mundo ao seu redor mediante a energia, o ardor e a coragem que o vigor viril impõe. Já que “ser viril é sempre colocar sob o olhar do outro a afirmação de sua própria existência, impor a expansão de si mesmo e de sua vontade, fazer crer que se desfruta de uma vida mais rica”⁹, o simples fato de existir a possibilidade do fracasso momentâneo sobre o próprio corpo é mais que suficiente para ocasionar a angústia de perder a própria identidade, de deixar de ser quem se é. Eis o que a ideologia da virilidade proporciona (Corbin, 2013).

A masculinidade como é imposta, por essa ideologia da virilidade, aos homens e como eles a percebem e sentem não passa apenas de uma rede de obrigações ansiogênicas e agônicas, que se define pela competição, pela necessidade de se sobrepujar outro homem, seja pela força ou pela sagacidade. A virilidade deixa o homem sempre sob a tensão de ameaças externas, que podem ser outros homens que querem tomar aquele posto, ou a ameaça por mulheres que agora ocupam espaços que outrora não lhes pertenciam, ou ainda por seus

⁹ Tradução nossa de: “Être viril, c’est toujours mettre sous les yeux des autres l’affirmation de son existence, imposer l’expansion de son moi et de sa volonté, faire croire qu’on jouit d’une vie plus riche.” (THOMASSET, 2011, p. 198)

demônios internos que o atormentam com a possibilidade de ser um fracasso em controlar seu próprio corpo, ao passo que precisam mostrar autodomínio sobre suas pulsões e ao mesmo tempo mostrar o exercício arrebatador de seu vigor sexual. Isto, na tentativa desesperada de tentar se reafirmar quanto a sua identidade biológica, moral, psíquica e sensual e para sinalizar para os outros e para si mesmo que é senhor de si mesmo, que domina seus próprios órgãos, vigorosos, e sujeitos a vontade do ser viril (Corbin, 2013).

Para justificar a naturalização e a eternalização do homem/masculino buscam-se evidências em passados longínquos, por exemplo, em alegados comportamentos pré-históricos que geralmente envolvem interpretações da evolução humana, da arqueologia e da antropologia. Em *The Hunting Hypothesis*, Robert Ardrey (1976) apresenta uma perspectiva sobre o papel da caça na evolução humana. Sua teoria, articulada com detalhe, sugere que a prática da caça foi um elemento catalisador no desenvolvimento humano. Segundo Ardrey, não era apenas o acesso à carne, que supostamente contribuiu para o aumento do tamanho do cérebro humano, que tornava a caça fundamental; era também sua influência na seleção de características que hoje definimos como intrinsecamente humanas. Essas incluem a capacidade de fala, a habilidade de cooperar em grupos extensos, o pensamento abstrato e a habilidade de criar e usar ferramentas.

Adicionalmente, Ardrey propôs uma dimensão de gênero nessa dinâmica evolutiva, sugerindo que os homens eram os principais agentes na atividade de caça, dada a sua maior estatura física, força e inclinação para assumir riscos. Apesar de ter sido recebida com controvérsia em sua publicação em 1976, esta teoria acabou ganhando aceitação e influenciando significativamente a compreensão contemporânea sobre a evolução humana, bem como as percepções acerca dos papéis de gênero durante a pré-história, ampliando o debate entre antropólogos, biólogos evolutivos e psicólogos.

Contudo, no artigo: *Woman the Hunter: the physiological evidence* (2023), Cara Ocobock e Sarah Lacy elucidam que embora existam diferenças biológicas médias incontroversas entre feminino e masculino, as potenciais vantagens fisiológicas que as mulheres podem possuir são menos conhecidas e menos estudadas. Em seu artigo elas revisam e apresentam evidências fisiológicas emergentes de que as mulheres podem ser metabolicamente mais adequadas para atividades de resistência, como a corrida, o que poderia ter implicações profundas para a compreensão das capacidades e padrões de subsistência no passado. Elas também discutem o papel do estrogênio e da adiponectina como moduladores-chave respectivos do metabolismo de glicose e gordura, ambos combustíveis críticos durante

atividades de longa duração. Também discutem como diferenças na composição corporal geral, composição de fibras musculares, custo metabólico do transporte de carga e autorregulação podem fornecer às mulheres capacidades de resistência aumentadas. Destacam que essas potenciais vantagens fornecem um quadro fisiológico que complementa os trabalhos arqueológicos e culturais existentes, reavaliando a resistência feminina e as capacidades de caça, bem como a divisão sexual do trabalho.

Em *Bodies in Prehistory: beyond the sex/gender split (Corpos na pré-história: além da divisão sexo/gênero)*, Benjamin Alberti examina a iconografia figurativa do sítio do Palácio na Cnossos da Idade do Bronze Tardio para demonstrar como os corpos não eram rigidamente divididos em masculino e feminino, e como sexo, gênero e outros meios pelos quais categorizamos as pessoas são interpolados. Ele nos conduz por uma reflexão acerca da maleabilidade dos significados e práticas atrelados ao gênero, sublinhando que estes variam de acordo com diferentes contextos culturais e eras históricas. Conforme sua pesquisa, as análises sobre a iconografia de Cnossos sugeriram uma divisão binária estrita de gênero, uma interpretação que, ao ser confrontada com as evidências, revela-se não plenamente sustentável. Curiosamente, as representações corporais raramente ostentam aquilo que identificamos como traços sexuais físicos distintivos, e nunca há uma diferenciação explícita entre os sexos com base nesses traços. Surge, assim, a percepção de que conceitos como sexo e gênero, entre outros critérios utilizados para categorizar indivíduos, estão intrinsecamente interligados e são produto de uma complexa interação de fatores.

No decorrer do século XIX aflora um ideal de masculino verdadeiro, surge o homem patriótico proveniente de um passado glorioso, que se modela numa narrativa da virilidade de seus antepassados que construíram uma próspera nação. A frustração é a recompensa por, sem se dar conta, serem obrigados a carregar o fardo de representar a narrativa fantasiosa de uma suposta masculinidade verdadeira e perdida. Os homens vêem seus esforços por alcançar o primitivo viril, insustentável, ruírem pela necessidade de afirmar e reafirmar constantemente em toda e qualquer condição sua virilidade. Partilhando Bourdieu (2020, p. 88): “O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade.” Como produtos de uma engenharia social de nomeação e inculcação, os homens, sem se darem conta, tornam-se prisioneiros, vítimas desse sistema de representação dominante sem a possibilidade de agir de outro modo sem se negarem a si mesmos. O que se percebe pela análise dos fatos históricos e sociais é que o

surgimento da sociedade moderna implica em um contínuo processo de contenção e repressão sobre o corpo.

É importante notar como a época pode influenciar a compreensão da construção social de masculinidade e do ideal de virilidade, já que as condições históricas e materiais moldam essa vivência. Por exemplo, com a intensa e desconfortável instalação do modo de produção industrial, como resultante surge um fenômeno na dinâmica familiar: os pais, forçados a trabalhar fora o dia todo, tornam-se personagens distantes para seus filhos e filhas, com ocupações, ideias e desejos cada vez mais misteriosos. Badinter(1992) nos clarifica: “Enquanto que no século XVIII marido e mulher trabalhavam juntos no campo, no mercado ou na loja, ajudados pelos filhos, cinquenta anos mais tarde o mundo divide-se em duas esferas heterogêneas que quase não se comunicam” (Ambra, 2015, p.124). Como resultado, os deveres paternos tais como o de prover as necessidades básicas materiais, sociais e emocionais, por exemplo, mingam ao reducionismo de apenas serem provedores de bens materiais de consumo, tornando o homem ou um deus intransigente e inacessível ou um pai desvirilizado pela autoridade materna, já que esse afastamento/ausência concebe todo o poder de criação e educação a mulher/mãe.

Em certos ambientes culturais, atributos específicos do corpo são imbuídos de significados mais profundos do que outros. A ideia de sexo -masculino e feminino- não pode ser sempre vista como um divisor natural incontestado para a categorização de corpos, tampouco os órgãos genitais podem ser considerados sempre como elementos centrais na definição da identidade de um corpo. Assim sendo, torna-se essencial refletir sobre como os conceitos de sexo e gênero eram percebidos e construídos em contextos culturais e períodos históricos específicos. Esta abordagem nos permite uma compreensão mais matizada e contextualizada de como as sociedades antigas entendiam e representavam a identidade de gênero, desafiando nossas noções contemporâneas e frequentemente binárias sobre o assunto.

A cada tempo busca-se por um passado longínquo e idealizado para se construir o ideal de homem viril. Pelo século XIX, buscava-se a virilidade numa selvageria primitiva, no nativo misturado ao mito do bom selvagem e no ideal medieval alçado de passado mítico, dando fórmula na origem primitiva e ideal dos antepassados que formam o próprio povo/nação. A alvorada do século XX nos traz a condensação dos modelos de ideal de virilidade gestados até então pelos tempos idos. George Valois, nos ajuda a compreender a mítica que nos é familiar sobre a configuração do mito da virilidade nesse começo do século XX. Em seu livro, *L'Homme qui vient, philosophie de l'autorité* (1909) encontramos no capítulo intitulado:

L'homme qui vient / L'homme au fouet, ou le premier noble, ou le premier capitaliste, ou l'initiateur de la civilisation (O Homem que Vem / O Homem do Chicote, ou o Primeiro Nobre, ou o Primeiro Capitalista, ou o Iniciador da Civilização) encontramos os elementos de criação do iniciador da civilização.

No início os homens viviam como animais: “no tempo em que nossos pais viviam em estado natural, isto é, no tempo em que nada os distinguiam dos outros animais” (Valois, 1909, p. 1); vivem com medo “se escondiam em buracos das garras de ursos e tigres que destruíam seus sonhos”(Valois, 1909, p. 1), há um homem (que para Valois é quem inicia a civilização) que não suporta tal situação e se diz: “Não é assim que um homem deve existir! Isto não é viver! Quanto a mim, eu quero.”(Valois, 1909, p. 1) Ele quem resolve a adversidade que a horda enfrentava com o tigre: “ não é necessário esperar que o tigre nos ataque, antes é preciso ir matá-lo na floresta”(Valois, 1909, p. 2) Os anciãos da horda tentam refutá-lo outros membros o veem com desconfiança, encaram-no como um inimigo que pode prejudicar o grupo. “Tendo adivinhado os pensamentos de seus irmãos, ele os observa, espanca um certo número deles, nocauteia um ou dois ao todo; ele mata o tigre, o animal que ameaçava o grupo e volta com uma coisa de sua própria invenção, um bastão ao qual ele amarrara a cauda do tigre: um chicote”(Valois, 1909, p. 3). E retorna como homem vigoroso, firme e de grande sagacidade e faz de seus companheiros escravos e os livra de seu estado bestial do reino da preguiça. "Assim, chega ao fim o reino da preguiça que está no fundo de nossa natureza e começa o reino do trabalho e da civilização"(Valois, 1909, p. 4). E os governa, convencendo-os de que agora eles “possuem muito mais do que se continuassem sendo cachorros errantes”(Valois, 1909, p. 5), pois agora eles possuem comida e segurança. Os homens que agora encontram-se subjugados são também submissos e agradecidos à violência do líder, “ E eles se inclinaram e sussurraram: -Que teu nome seja louvado, ó vitorioso, pois o chicote que tu tens em tua mão é como o desejo que nós tínhamos de nos elevarmos acima de nós mesmos. Então, bata em nós se tu nos amas, e não nos abandone, para que nós não nos tornemos cachorros errantes e voltemos à preguiça animalesca. Golpei-nos, para que continuemos homens”(Valois, 1909, p. 5, 6) ou (Valois, 1909, p. 1-6)¹⁰. Essa alegoria

10 Tradução nossa: “Au temps où nos pères vivaient dans l'état de nature, c'est-à-dire au temps où rien ne les distinguait des autres animaux” (p.1); “se cachant la nuit dans les trous où la griffe de l'ours ou du tigre venait déchirer leurs songes” (p. 1); “-Cela n'est pas une existence d'homme! Cela n'est pas vivre” Moi, je veux.” (p. 1); “Il ne faut pas attendre que le tigre vienne nous attaquer; il faut aller le tuer dans la forêt; Ayant deviné les pensée de ses frères, il le guetta, en battit un certain nombre, en assoma un ou deux tout à fait, tua le tigre et revient avec un chose de son invention, un bâton auquel il avait lié la queue du tigre: le *fuet*.”(p. 3); “Ainsi prit fin le règne de la paresse qui est au fond de notre nature, et commença le règne de l'effort et la civilisation” (p.

apresentada por Valois sintetiza o modo pelo qual o mito da virilidade se desenha no começo do século XX, propondo assim um marco civilizatório.

Nessa busca por uma origem que explique uma virilidade primitiva, mas que ao mesmo tempo não seja de mera selvageria degenerada, é que a concepção proposta por Valois se mostra preciosa e pertinente por ser capaz de explicar em uma única mítica, de acordo com Ambra:

1-o estágio selvagem e atrasado da humanidade, 2- seu momento exato de passagem, 3- a instauração de um líder poderoso, 4- temido pelos demais, 5- mas cuja submissão é desejada e que, finalmente, 6- inaugura o modo de civilizado de gestão do social (AMBRA, 2015, p. 128).

De certo, sublinhamos que o conhecimento que adquirimos até os dias de hoje relativo à virilidade nos leva a entendê-la não como algo natural e próprio do homem como se faz crer, mas que ela foi gestada ao longo do tempo e que a representação de masculinidade não corresponde a um imperativo universal, mas que o juízo que se é feito da masculinidade é de uma masculinidade específica, um exclusivo padrão alfa de virilidade.

2.3 Masculinidade e o S plural

Saussure (2012) fala que o significado, dentro da língua, se dá nas relações de diferença que as palavras têm uma com as outras. Sabemos e compreendemos o que é "macho" porque não é "fêmea". Saussure nos explica que o significado de um signo se dá pela relação com outros signos que determinam por oposição e exclusão seu significado. De modo que, cada signo tem seu significado precisamente em relação com os outros signos da língua. Como declara:

De um lado, o conceito nos aparece como a contraparte da imagem auditiva no interior do signo, e, de outro, este mesmo signo, isto é, a relação que une seus dois elementos, é também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua. (...) A língua [é] um sistema em que os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros (SAUSSURE, 2012, p. 133).

E por analogia ou paralelismo a estrutura existente na língua e a estrutura da identidade, sabemos o significado de "homem" por não ser o mesmo de "mulher", contudo, o

4); "vous aurez ainsi plus encore que ce que vous auriez eu si vous étiez demeurés des chiens errants" (p. 5); "Et les autres s'inclinaient et murmuraient: - Que ton nom soit loué, ô victorieux, car le fouet que tu tiens dans ta main est comme le désir que nous avons de nous élever au-dessus de nous-mêmes. Frappe-nous donc, maître, si tu nous aimes, et ne nous abandonne pas, afin que nous ne redevenions pas à la paresse des animaux"(p. 5, 6) (VALOIS, 1909, p. 1-6).

significado, não pode ser cravado ou encerrado por um indivíduo, pois o que falamos carrega um “antes” e um “depois” deixando margem para ressignificações e a identidade por ser estruturada como a língua, carrega o mesmo princípio. Em outras palavras, compreendemos por analogia entre língua e identidade, que assim como na estrutura da língua uma palavra possui um vasto campo semântico mutável, ou seja, o que seria a identidade de uma palavra pode se modificar, pode perder ou ganhar um novo significado, similarmente ocorre à estrutura da identidade por não ser percebida como uma realidade imutável.

A identidade (ou identificação) é concebida como uma construção complexa, transmitida, negociada e perpetuamente redefinida por meio da linguagem, dentro do contexto de interações sociais. Esse processo multifacetado engloba o senso de si, emergindo tanto de como os indivíduos percebem a si mesmos quanto de como são percebidos pelos outros. Esta dualidade reflete a natureza dinâmica da identidade, que é simultaneamente interna e externamente moldada, evidenciando a interdependência entre autoconcepção e reconhecimento social. Portanto, a identidade é um fenômeno intrinsecamente relacional, forjado nas trocas simbólicas e nas práticas comunicativas que constituem a vida social.

A concepção que temos do que significa “ser homem” surge pelo que nos é transmitido de uma representação do que é o masculino, como um conjunto de significados que são socialmente naturalizados. As representações são construídas a partir de experiências e interações sociais e por isso nossas percepções são influenciadas por fatores sociais, culturais e históricos que moldam nossas concepções, crenças e atitudes. Como corrobora Stuart Hall (1997, p.17): “Representação é a produção do significado dos conceitos em nossas mentes através da linguagem”.¹¹ E como a linguagem e o discurso são os instrumentos utilizados pela humanidade para interagir, se comunicar e transmitir conhecimento, a representação que temos da identidade de nós mesmos e dos outros é construída pelo discurso. Todavia, o discurso pode ser usado tanto para reforçar quanto para desafiar representações sociais existentes. Por exemplo, durante muito tempo perdurou a crença de que homem era uma categoria universalizante e generalizável de identidade fixa e estruturada, mais específico homem cis gênero, branco, com poder aquisitivo. Homem não teria gênero, diferentemente de pobres, negros, mulheres, gays e todas as outras minorias... Até que movimentos tais como o feminista, para citar um dentre tantos, possibilitaram a integração de homem, enquanto

11 Tradução nossa de: “Representation is the production of meaning of the concepts in our minds through language” (Hall, 1997, p.17).

gênero, no debate, viabilizando discussões e levantando questões, agora, sobre masculinidades plurais. Despertam, então, movimentos de contestação do androcentrismo e patriarcalismo que buscam desenvolver uma visão mais ampla sobre masculinidades, tais como: Masculinidades trans, masculinidades negras, feminismo masculino, desconstrução da masculinidade tóxica; organizações como: Instituto Papai, Rede de Homens pela Equidade de Gênero (RHEG), Marcha do orgulho crespo etc.

Cláudia Natividade Felipe (2006) em sua dissertação intitulada: *Masculinidades em foco: Construções discursivas sobre identidade de gênero social* aborda a observação de cinco vertentes feita por Mendes (1998): “o Movimento mitopoético, o movimento pelo direito dos homens (men's rights), o fundamentalismo masculino, o movimento profeminista e o movimento das terapias da masculinidade” (Felipe, 2006).

Esse trabalho é também um fazer coro às formas plurais de masculinidade contra a concepção reducionista da “masculinidade destrutiva”¹²descrita em trabalhos como o de Metcalf & Humphries de 1985 intitulada *The sexuality of Men* que caracteriza a masculinidade e por conseguinte o ser homem como: agressivo, competitivo, emocionalmente inapto, “frio” e dependente em ser dominante no sexo com penetração. Mas essa simplista definição deixa de mencionar o bônus de medos, inseguranças e angústias em relação a ter competência em desempenhar tal papel, ocasionando ansiedade por performance sexual, estranhamento para com as emoções e relacionamento débil com os pais, para citar alguns. (Nixon, in Hall, 1997.)

Abordar masculinidades plurais é um ponto de partida para tratarmos dos malefícios ocasionados por essa masculinidade destrutiva. Já que masculinidade não é uma característica fixa e única, mas sim uma construção social que varia de acordo com contextos culturais, históricos e individuais. É mister pôr em evidência a diversidade de experiências, identidades e expressões masculinas existentes na sociedade; vale reconhecer que não existe uma única maneira “correta” de ser homem, mas sim uma ampla gama de possibilidades e formas de expressar e viver a masculinidade. Isso inclui desafiar estereótipos de gênero, questionar normas tradicionais e buscar relacionamentos mais equânimes.

12 Termo retirado do livro: *The Will to Change: Men, Masculinity, and Love* de Bell Hooks.

2.4 Masculinidade reificada

O poder é uma característica intrínseca das sociedades humanas. Isso inclui desde o poder explícito de instituições governamentais até formas mais sutis de poder, como a influência sobre opiniões e desejos. Em todos os estratos da experiência humana, o poder se faz presente, seja de forma explícita ou implícita. O poder é distribuído de forma desigual em muitas sociedades pelo mundo e o que faz do homem, geralmente, ser aquele que detém mais poder e privilégio em relação a outros?

Em sua obra *Mythologies*, publicada originalmente em 1957, Roland Barthes explora como os mitos culturais -que ele define como sistemas de comunicação, mensagens e valores- são criados e como operam dentro da sociedade. Através da análise de vários elementos da cultura popular e do cotidiano, ele revela como certos conceitos e ideias são naturalizados e despolitizados, tornando-se 'invisíveis' ou 'neutros'. Embora o termo “*exnomination*” não esteja explicitamente usado nessa obra o conceito está implicitamente presente em muitas de suas análises. Em *Mythologies*, Barthes descreve como os mitos funcionam ao naturalizar construções culturais e sociais específicas, de modo que elas pareçam universais e dadas como naturais da existência, quando na verdade são produtos de circunstâncias históricas e culturais particulares.

Podemos entender a *exnomination* como um processo de ofuscação, como um véu da ideologia, que faz uso excessivo e banalização, um esvaziamento de significado, um processo de combinação de determinada ideologia com o senso comum que torna invisível a influência da ideologia e faz com que ao se falar sobre o assunto (de dominação ideológica) seja o mesmo que “falar sobre água a um peixe”, ou seja, como algo que já é tão normalizado que a crença é que sempre existiu ou sempre foi assim. Inspirado nessa ideia da *Exnomination*, deparamo-nos com o conceito de masculinidade e do que é ser homem tomando-o como se fosse algo natural, nunca questionado, sempre o modelo de existência a ser referência.

Contudo, mesmo que o projeto ideológico, da classe detentora do poder, seja de tornar invisível o modo pelo qual exerce seu domínio, para tentar naturalizar e mitigar qualquer resistência, o problema continua lá. A ativista pelos direitos das mulheres Betty Friedan em *A Mística Feminina* (primeiramente publicado em 1963) fala sobre “o problema sem nome” para descrever o modo pelo qual mulheres estadunidenses, na década de 1950, se sentiam incompletas e infelizes mesmo como conforto material suprido, mas sem ter os direitos iguais aos dos homens. Embora, a não nomeação de uma experiência vivida não a torne menos real, cunhar um termo para identificar determinados fenômenos pode nos ajudar em nosso

tensionamento social, com por exemplo o cunho de palavras tais como “sexismo” e “racismo” que primeiramente descreviam formas de discriminação e que por fim ajudam a identificar e classificar certas ações como ilegais. Certamente que apenas nomear ou mudar a forma de falar não vai mudar a sociedade; a nomeação e a mudança na linguagem devem ser uma parte das mudanças estruturais em como as pessoas participam na sociedade e vivem suas vidas (Goddard and Carey, 2017.)

Baseado nisso e na abordagem sóciocognitiva de Van Dijk em interface com os modos de operação ideológico de Thompson, apresentamos a concepção de “masculinidade reificada” como contribuição aos Estudos da Linguagem.

A masculinidade reificada é a concepção de masculinidade transformada em uma entidade fixa, estática e objetiva, desvinculada de seu contexto sócio-histórico e cultural. Ela trata as características, comportamentos e expectativas associados ao ser homem como qualidades inerentes ao sexo masculino, não como produtos de processos sociais e culturais. Este fenômeno é sustentado e promovido por meio de formas simbólicas, como linguagem, mídias e instituições culturais, e tem implicações significativas para a saúde mental e física dos homens, além de sustentar e perpetuar relações de poder desiguais entre os gêneros.

A reificação da masculinidade ocorre quando qualidades tradicionalmente masculinas, como força, dominância e controle emocional, são vistas como inatas e não como resultado de influências culturais e sociais. Estratégias linguísticas como a nominalização transformam essas características em substantivos, conferindo-lhes uma aparência de objetividade e permanência. Este processo é reforçado pela naturalização e eternalização da masculinidade, normas vistas como atemporais e imutáveis, ignorando sua evolução histórica.

Essa percepção estática da masculinidade pode dificultar o progresso em direção a uma maior equidade de gênero, reforçando uma divisão rígida de papéis de gênero. Além disso, essa percepção contribui para problemas de saúde mental entre os homens, que podem sentir-se incapazes de expressar emoções ou buscar ajuda devido às expectativas de gênero restritivas.

Integrando a perspectiva sociocognitiva de Teun A. Van Dijk nos Estudos Críticos do Discurso (ECD) ao conceito de masculinidade reificada, observa-se uma interseção profunda entre linguagem, cognição e sociedade na construção e perpetuação de normas de gênero. A abordagem sociocognitiva enfatiza como os indivíduos interpretam eventos e elaboram representações mentais, interligando discurso, processos cognitivos e estrutura social. Esta

fusão de interesses linguísticos, cognitivos e sociais é fundamental para entender como a masculinidade reificada se manifesta e é sustentada no discurso.

A masculinidade reificada, entendida como uma entidade fixa e objetiva desvinculada de seu contexto sociocultural, é um exemplo claro de como o discurso não é apenas uma representação linguística, mas um construtor da realidade social. As características masculinas, como força e dominância, são frequentemente apresentadas como inatas através de estratégias discursivas que as transformam em entidades concretas, um processo que a abordagem sociocognitiva ajuda a desvendar.

A análise sociocognitiva do discurso, ao investigar os níveis da estrutura social, revela que os tópicos discursivos e as macroestruturas semânticas são frequentemente moldados por indivíduos poderosos, influenciando as estruturas do discurso e como as informações são percebidas e compreendidas pela coletividade. Essa influência é crucial na formação das normas de gênero e na perpetuação da masculinidade reificada.

Os modelos mentais e contextuais, como explicado por Van Dijk, são construções dinâmicas que controlam o discurso e a interação, influenciando a maneira como processamos e aplicamos informações sobre o mundo social. Esses modelos não são apenas individuais, mas também coletivos, influenciando a tessitura discursiva da sociedade. Eles são essenciais para compreender como a masculinidade reificada é construída e mantida na linguagem e no discurso.

A masculinidade reificada, portanto, é um produto de processos cognitivos e sociais que são reproduzidos, refletidos e reforçados no discurso. Isso inclui o papel da memória, de atitudes, de opiniões e de ideologias na construção e perpetuação de normas de gênero. A análise sociocognitiva oferece *insights* sobre como esses processos cognitivos são moldados por fatores socioculturais e, por sua vez, como eles desempenham um papel ativo na formação desses mesmos fatores.

Desafiar a masculinidade reificada requer uma abordagem holística que integra a linguagem, a cognição e o contexto social. Essencialmente, isso implica em questionar e desconstruir as normas de gênero que são perpetuadas através do discurso, abrindo espaço para o reconhecimento da masculinidade como uma entidade social e cultural sujeita a variações. Ao se adotar esta perspectiva, promove-se uma visão mais flexível e inclusiva de masculinidade, que é capaz de abranger uma gama mais ampla de experiências e identidades. Esta mudança de paradigma é fundamental para fomentar uma sociedade mais igualitária e

empática, na qual as expectativas de gênero obsoletas não limitam os indivíduos. A perspectiva sociocognitiva emerge como uma ferramenta valiosa nesse processo, facilitando a exploração dessas dinâmicas e a promoção de uma sociedade mais justa e equilibrada. Ao desafiar as construções reificadas de masculinidade, desmantelamos as barreiras impostas por normas de gênero rígidas e construímos um caminho para uma compreensão mais autêntica e equitativa do gênero.

3. AS BASES EPISTEMOLÓGICAS PARA UMA PROPOSTA DE INTERFACE TEÓRICA MULTIDISCIPLINAR

Esta dissertação traz como embasamento teórico: (i) os mecanismos pelos quais as representações simbólicas moldam as ideologias e os modos de como operam na sociedade com base em Thompson (2011), Terry Eagleton (1991) e considerando que ideologia também envolve sociocognição, com base em Van Dijk (2005, 2009, 2015, 2016, 2018, 2020), dentro da abordagem sócio-cognitiva dos Estudos Críticos do Discurso investigamos como as práticas discursivas, em específico as macroestruturas semânticas e o uso do léxico, corroboram com a masculinidade reificada; e (ii) as reflexões sobre masculinidade tomando por base os estudos de Hooks (2004), Banditer (1992), Albuquerque Júnior (2013), Alain Corbin (2013), Pedro Ambra (2015) e Raewyn Connell (2005, 2015), Ivan Jabonkla (2019) e Bourdieu (2020).

3.1 Acepção de ideologia nos estudos culturais, mobilização do sentido

A ideologia é um fenômeno multifacetado que desafia a compreensão humana há séculos. Diversos teóricos têm dedicado seus esforços para analisar esse conceito fundamental nas ciências sociais. A análise da ideologia é uma tarefa complexa, porém essencial, especialmente ao realizar uma pesquisa discursiva crítica. Levando em consideração que a formação da identidade não é exclusivamente biológica, mas se dá também por processos cognitivos, sociais e culturais, é necessário examinar o papel das ideologias nesse processo. Neste contexto, serão apresentadas algumas contribuições teórico-metodológicas que visam fornecer uma base sólida para abordar essa temática em nosso estudo. A começar por Eagleton (1991) que nos mostra diferentes abordagens teóricas a respeito da ideologia, explicando-nos seus principais pontos.

Terry Eagleton (1991) faz a seguinte ponderação sobre o conceito de ideologia:

A palavra "ideologia", poderíamos dizer, é um texto¹³, tecido de um conjunto completo de diferentes fios conceituais; é traçada por histórias divergentes e, provavelmente, é mais importante avaliar o que é valioso ou pode ser descartado e

13 A relação entre texto e tecido, nesse contexto, é metafórica. A frase sugere que a palavra "ideologia" é como um texto, uma construção composta por várias partes interligadas, assim como um tecido é formado por diferentes fios entrelaçados. Assim como um texto é composto de palavras e frases que se conectam para transmitir significado, a ideologia é formada por várias ideias e conceitos que se entrelaçam para criar uma compreensão do mundo.

cada uma dessas linhas do que as unir forçosamente em alguma Grande Teoria Global (EAGLETON, 1991, p.1).¹⁴

Eagleton nos faz perceber o quão emaranhado pode se tornar tentar conceituar o entrelaçamento dos fios que tecem a ideologia por suas inúmeras configurações. É mister apropriar-se de relevantes abordagens! Abordagens simplistas e deterministas devem ser questionadas e até preteridas ao passo que as abordagens que tratam a ideologia ressaltando sua natureza complexa e dando importância a uma análise contextualizada são mais efetivas. Ele enfatiza que a ideologia não pode ser reduzida a uma única influência ou explicação, mas sim que é influenciada por uma interação complexa de fatores sociais, políticos, econômicos e culturais. A compreensão da ideologia requer uma abordagem crítica e sensível ao contexto em que emerge e se manifesta.

Levando-se em conta o valor da probabilidade, juntamente com um embasamento na verossimilhança, observamos um desempenho crucial na formação das crenças coletivas e individuais acerca da normalização, por exemplo, da pretensa ideia do que é ser homem. Sendo a probabilidade uma medida que busca quantificar a possibilidade de um evento ocorrer ou uma afirmação ser verdadeira, ela exerce influência em nossa percepção sobre a validade e solidez de um determinado argumento ou conceito. Já, a verossimilhança, por sua vez, relaciona-se à aparência de verdade, é o quão provável ou realista algo parece ser, considerando as evidências disponíveis. Quando a probabilidade e a verossimilhança são levadas em conta, ocorre a construção da crença, esse estado mental no qual aceitamos algo como verdadeiro ou válido. Nesse contexto, a probabilidade e a verossimilhança desempenham um papel fundamental, fornecendo suporte para a formação da *doxa*.

Essa *doxa*, sobre a qual se apoia o discurso ideológico, é um lugar comum que tende a rejeitar a episteme sociológica das performatividades e das masculinidades plurais. Em outras palavras, o discurso produzido nesse espaço plausível do senso comum, do consenso, é feito por cercear o debate dentro do campo ideológico da classe dominante. Tal cerceamento, controla o discurso e controlar o discurso é, indiretamente, também exercer controle sobre um grupo social. Deter o controle do discurso é acessar o poder. Não é necessário repressão quando se pode persuadir, doutrinar e manipular pessoas.

14 Tradução nossa de: “The word 'ideology', one might say, is a text, woven of a whole tissue of different conceptual strands; it is traced through by divergent histories, and it is probably more important to assess what is valuable or can be discarded in each of these lineages than to merge them forcibly into some Grand Global Theory” (EAGLETON, 1991, p.1).

A partir disso, podemos compreender a importância, a produtividade e, em certa medida, o perigo da influência da ideologia. Eagleton (1991) nos convida a observar as implicações abrangentes da ação ideológica. A respeito do impacto da ideologia na vida dos indivíduos e nas relações interpessoais, é importante considerar seu modo de execução, no que nos esclarece Eagleton (1991, p. 14):

Não é suficiente que uma mulher ou sujeito colonizado seja definido como uma forma inferior de vida; eles devem ser ativamente ensinados dessa definição e alguns deles se mostram graduados brilhantes nesse processo. É surpreendente como homens e mulheres astutos, engenhosos e perspicazes podem se provar incivilizados e obtusos. Em certo sentido, é claro, essa "contradição performativa" é motivo de desânimo político; mas, em circunstâncias apropriadas, é uma contradição na qual uma ordem dominante pode vir a fracassar.¹⁵

No que concerne esse excerto, damos destaque aqui ao que o autor diz: “eles devem ser ativamente ensinados”. As pessoas são constantemente expostas a ideologias através dos discursos políticos, da mídia, da educação e de outras instituições sociais, elas absorvem e internalizam essas ideologias, muitas vezes sem questioná-las, o que pode limitar sua capacidade de pensar criticamente e de agir de forma autônoma. Contudo, o autor esclarece que, “é porque as pessoas não param de desejar, lutar e imaginar, mesmo nas condições aparentemente mais desfavoráveis que a prática da emancipação política é uma possibilidade genuína” (Eagleton, 1991, p.13). Tal elucidação nos conduz indutivamente ao entendimento de que apesar de toda carga ideológica lançada sobre os ombros dos indivíduos, moldando-os e convencendo-os a adesão de uma determinada posição ou situação, ainda assim os indivíduos não são totalmente assujeitados ou apartados a esse processo. Ainda há uma certa dosagem de consciência no que concerne às suas próprias realidades, pois sem essa qualidade da mente que permite ao ser, experienciar, compreender aspectos e perceber a relação entre si e um ambiente, eles não poderiam ser “ensinados” (influenciados) pela ideologia.

Não é suficiente apenas definir uma mulher como mais frágil, é preciso ensiná-la a ser. Para citar a título de um singelo exemplo do condicionamento ideológico ensinado às mulheres que as afeta fisicamente, abordaremos sucintamente o assunto dos exercícios físicos.

¹⁵ Tradução nossa de: “It is not enough for a woman or colonial subject to be defined as a lower form of life: they must be actively taught this definition and Some of them prove to be brilliant graduates in this process. It is astonishing how subtle, resourceful and quick-witted men and women can be in proving themselves to be uncivilized and thickheaded. In one sense, of course, this 'performative contradiction' is cause for political despondency; but in the appropriate circumstances it is a contradiction' on which a ruling order may come to grief.” (EAGLETON, 1991, p.14)

Sobre a questão da fisicalidade feminina, Nail Cunningham em seu livro, *The New Woman in the Victorian Novel* nos mostra logo na introdução: “as mulheres provavelmente continuariam sendo o sexo mais fraco enquanto estivessem presas em barbatanas de baleia (*espartilhos*) e limitassem sua atividade física aos movimentos decorosos da sala de baile.”¹⁶ Durante o período vitoriano na Inglaterra, que compreendeu a maior parte do século XIX (1837-1901), as mulheres eram amplamente desencorajadas a se envolverem em atividades físicas intensas. A visão predominante da época era que as mulheres deveriam ser frágeis, delicadas e dedicadas exclusivamente às responsabilidades domésticas e ao papel de esposa e mãe. O que numa versão mais moderna, a revista *Veja*, em abril de 2016, diria: “bela, recatada e do lar”. O exercício vigoroso era considerado prejudicial à sua saúde e capacidade reprodutiva, sendo amplamente desencorajado. No *Journal of Sport History*, Vol. 16, Nº 2 encontramos um argumento proposto por McCrone ao relatar que o atletismo e a verdadeira feminilidade dificilmente seriam harmoniosos e que a mulher que praticava esportes representava uma contradição às noções conservadoras do comportamento aceito como apropriadamente feminino. Essas crenças eram fundamentadas em concepções científicas e médicas da época, baseadas em teorias falhas e preconceituosas sobre a fisiologia feminina. Os médicos e cientistas vitorianos acreditavam que o exercício excessivo poderia causar danos ao sistema reprodutivo das mulheres, como a "proliferação masculina" (a ideia de que o exercício físico intenso poderia masculinizar as mulheres) e até mesmo levar à infertilidade.

Contudo, não preciso tratar aqui dos benefícios que as atividades físicas regulares trazem, já é um consenso na ciência. Todavia, é significativo apontar estudos mais recentes sobre a diferença entre os gêneros no treinamento de força e tais estudos nos mostram que a diferença de força existente entre homens e mulheres na realidade é superestimada. Fica mais fácil entender essa maximização feita na diferença de força entre os sexos ao lermos sobre força absoluta e força relativa. Ao tratar de força absoluta entre os gêneros há uma significativa diferença entre os sexos e isso importa para aquelas pessoas que são atletas de alto rendimento e, diga-se de passagem, que não se pode confundir a palavra atleta com saúde, embora existam atletas saudáveis, ser atleta de alto rendimento não é sinônimo de ser saudável. Uma corrida de 100 metros rasos na qual a vitória é decidida por milésimos de

16 Tradução nossa: “women were likely to remain the weaker sex as long as they were encased in whalebone and confined their physical activity to the decorous movements of the ballroom” (CUNNINGHAM, 1978, p.2, grifo nosso).

segundos é compreensível a preocupação que um sexo pode fornecer de diferença para o resultado. Mas o que dizer de todo o resto da população? Das pessoas comuns que apenas se exercitam por uma questão de saúde ou estética?

O trabalho de Steven J. Fleck e William J. Kraemer, *Fundamentos do Treinamento de Força Muscular*, em termo de força absoluta, nos aponta que a diferença entre gêneros na força absoluta para uma mulher é em média 63% da força máxima média dos homens. É como se uma mulher conseguisse levantar uma única vez um garrafão de água de 20 kg e um homem conseguisse levantar uma única vez um garrafão de água de 27,4 kg. Exemplifico com um garrafão de água por a troca de garrafão de água ser algo comum em muitos dos lares e ambientes de trabalho no Brasil. 7,4 kg é um peso tão formidável assim para causar espanto e classificar a mulher como fraca e frágil? Ou ela é ensinada e condicionada a deixar o corpo mais fraco e conseqüentemente mais frágil? Atentem ao uso do léxico utilizado, não se diz que ela tem menos força, mas que ela é mais fraca. Essa diferença em média de 63% da força máxima média do homem é em termos de força absoluta e o que os estudos apontam em termos de força relativa? A força relativa é um conceito que se refere à capacidade de gerar força em relação ao peso corporal ou à massa corporal magra. É uma medida do quão forte uma pessoa é em relação ao seu tamanho ou peso. Em outras palavras, a força relativa considera a relação entre a força absoluta e a massa corporal de um indivíduo. No que concerne a força relativa Fleck e Kraemer dizem: “Quando ajustada pela altura e pela massa corporal magra, a forçadas mulheres no supino é de 74% a dos homens, porém a força feminina no *leg press* de 104% da masculina.” E retomo mais uma vez ao exemplo do garrafão de água de 20 kg. A diferença entre um homem e uma mulher seria como se ela conseguisse levantar 20 kg e ele 25 kg, uma diferença média de 5 kg. Agora pense nessa diferença de 26% a menos de força navida prática e cotidiana. Se ele ergue 10 kg no exercício de rosca direta, ela ergue 7,4 kg, uma diferença de 2,6 kg. Se ela levanta 10 pacotes de 1kg de arroz, ele vai levantar só mais 2 pacotes de meio a mais. Isso para os músculos dos membros superiores porque os dos membros inferiores se equiparam. Esses números mostram que sim, há uma certa diferença, mas essa diferença justifica todo o discurso de mulheres serem mais fracas e mais frágeis quando os números apontam menos força e não tão discrepantes ou há alguma intencionalidade?

Mesmo nos nossos tempos, após tantas ondas feministas, tanto trabalho, tanta promoção de autonomia e emancipação feminina, muitas mulheres têm receio de ir a academia de musculação e fazer determinados exercícios ou praticar algum treinamento para

os membros superiores ou levantar mais carga porque tem medo de ficarem “parecidas” com homens, pois repetidamente foi-lhes ensinada que músculo é coisa de homem, que vai ficar parecendo homem etc. Quando na realidade o músculo é coisa do corpo humano. Com esse singelo exemplo quero tornar mais evidente a constatação de que se a necessidade de contínuo ensinamento se faz presente por parte do discurso ideológico, é porque os indivíduos não são completamente destituídos de discernimento. Tanto que constantemente encontramos movimentos de reação às imposições ideológicas da classe dominante. Embora as condições materiais e históricas sejam indubitavelmente um elemento-chave para a viabilidade de mudanças mais concretas, quero ressaltar a importância de estar e se manter cômico dos aparatos operacionais da ideologia. Tal conscientização permitirá um desvencilhar, uma resistência ou mesmo um tensionamento no momento apropriado, das garras do abuso de poder.

Um dos fatores fundamentais que possibilita êxito da operacionalização ideológica é que ela se apresente não como uma ilusão imposta, mas sim como um reflexo autêntico da realidade social. Eagleton (1991, p.15):

As ideologias bem-sucedidas devem ser mais do que ilusões impostas e, apesar de todas as suas inconsistências, devem comunicar aos seus súditos uma versão da realidade social que seja real e reconhecível o suficiente para não ser simplesmente rejeitada imediatamente.¹⁷

Em outras palavras, as ideologias bem-sucedidas devem ir além de simples imposições ilusórias, buscando estabelecer uma ligação sólida e coerente entre seus princípios fundamentais e a vivência real das pessoas. Isso implica em comunicar uma versão da realidade social que seja genuína e facilmente reconhecível, evitando assim uma rejeição imediata por parte dos receptores. Portanto, a mobilização ideológica eficaz depende da capacidade de construir uma narrativa que se baseie em fatos e experiências compartilhadas, oferecendo uma interpretação coerente e plausível da sociedade. E mesmo tendo uma ligação sólida com uma versão da realidade social a ideologia ainda porta proposições completamente falsas, como: “que os judeus são seres inferiores, que as mulheres são menos racionais que os homens, que os fornicadores serão condenados a tormento perpétuo.” (Eagleton, 1991, p.15).

¹⁷ Tradução nossa de: “successful ideologies must be more than imposed illusions. And for all their inconsistencies must communicate to their subjects a version of social reality which is real and recognizable enough not to be simply rejected out of hand” (EAGLETON, 1991, p. 15.)

Dessa maneira, o discurso ideológico tem a habilidade de comunicar tanto verdades como inverdades. Bem como elas podem enunciar verdades no que afirmam como inverdades no que excluem, “A justiça no Brasil é para todos.” É verdade que todos são iguais perante a lei como diz o artigo 5º da Constituição Brasileira, mas não é verdade que todos têm acesso à justiça de modo igualitário, pois aqueles com mais recursos materiais se beneficiam de privilégios que a justiça oferece e que os menos abastados não usufruem. Outros tipos de enunciados ideológicos envolvem inverdades sem necessariamente pretender enganar ou ser significativamente exclusivo, “Eu sou brasileiro e tenho orgulho disso.” Tanto ser brasileiro quanto ter orgulho de sê-lo podem ser verdades, porém isso implica que ser brasileiro é uma virtude por si só e por isso se pode ter orgulho, o que não é verdade. De modo que nem todo discurso proferido ideologicamente caracteriza o mundo de maneiras errôneas. (Eagleton, 1991).

Com uma abordagem mais pedagógica Eagleton (1991) nos providencia seis modos diferentes de definições aproximadas para ideologia, as quais mostrarei sucintamente: 1- “O processo material geral de produção de ideias, crenças e valores na vida social. Tal definição é política e epistemologicamente neutra, e está próxima do significado mais amplo do termo 'cultura'.” 2- “O significado ligeiramente menos geral de ideologia se concentra em ideias e crenças (verdadeiras ou falsas) que simbolizam as condições e experiências de vida de um grupo ou classe social específicos, que possuem relevância social.” 3- “A promoção e legitimação dos interesses de um grupo social em oposição a interesses contrários.” 4- “Um quarto significado de ideologia manteria o foco na promoção e legitimação de interesses setoriais, mas restringiria isso às atividades de um poder social dominante.” 5- “Uma quinta definição de ideologia significa idéias e crenças que ajudam a legitimar os interesses de um grupo ou classe dominante especificamente por meio de distorção e dissimulação.” e 6- “Por fim, a possibilidade de um sexto significado de ideologia, que mantém o foco em crenças falsas ou enganosas, mas considera tais crenças não como oriundas dos interesses de uma classe dominante, mas sim da estrutura material da sociedade como um todo.”¹⁸

18 Tradução nossa de: “the general material process of production of ideas, beliefs and values in social life. Such a definition is both politically and epistemologically neutral, and is close to the broader meaning of the term 'culture.'”; 2- “slightly less general meaning of ideology turns on ideas and beliefs (whether true or false) which symbolize the conditions and life experiences of a specific, socially significant group or class.”; 3- “the promotion and legitimation of the interests of such social groups in the face of opposing interests.”; 4- “A fourth meaning of ideology would retain emphasis on the promotion and legitimation of sectoral interests, but confine it to the activities of a dominant social power.”; 5- “fifth definition, in which ideology signifies ideas and beliefs

Somando-se a essas definições, Eagleton nos apresenta Raymond Geuss e sua obra *The Idea of a Critical Theory - Habermas and the Frankfurt School*, que expressa três noções de sentido úteis para o termo ideologia:

I- Ideologia no sentido descritivo: Formada por elementos discursivos e não discursivos a ideologia nesse sentido refere-se a uma parte na qual as características ou fatos do sistema sócio-cultural de um grupo possa ser descrito ou explanado o que inclui as crenças que os membros do grupo sustentam, os conceitos que usam, as atitudes e disposições psicológicas que apresentam, seus motivos, seus desejos, valores e predileções, trabalhos artísticos, rituais religiosos, gestos etc. E nesse sentido a ideologia descritiva não possui critério de avaliação e nem faz juízo de valor (Geuss, 1981, p.5).

II- Ideologia no sentido pejorativo: Nesta concepção, a ideologia é vista de forma negativa, pejorativa ou crítica. Ela é entendida como uma ilusão ideológica ou uma consciência baseada em premissas falsas de natureza ideológica. Segundo essa perspectiva, as ideologias são sistemas de pensamento distorcidos ou manipulados, criados com o propósito de promover interesses específicos ou perpetuar estruturas de poder desiguais. Acredita-se que tais ideologias mascarem a realidade e contribuam para a manutenção de injustiças e opressão gerando efeitos que auxiliam na legitimação de um sistema de poder injusto, alimentando assim a ilusão (Geuss, 1981, p. 14).

III- Ideologia no sentido Positivo: Aqui, a ideologia pode ser entendida como uma visão de como a sociedade deve funcionar e como os problemas sociais devem ser abordados. No entanto, a ideologia positiva não está pronta e à espera ser descoberta ou encontrada "lá fora", ela é algo que precisa ser construída, criada. Isso significa que uma ideologia positiva não pode ser simplesmente encontrada através de investigação empírica, como se fosse uma verdade objetiva. Em vez disso, ela é moldada e desenvolvida por meio do diálogo, do debate intelectual e do engajamento ativo com questões sociais, políticas e filosóficas. Uma ideologia positiva é um produto da construção de uma sociedade, é uma busca contínua por uma verdade construída coletivamente, levando em consideração os desafios e as necessidades de uma determinada sociedade em um determinado contexto histórico (Geuss, 1981, P. 23, 24).

which help to legitimate the interests of a ruling group or class specifically by distortion and dissimulation"; 6- "There is, finally, the possibility of a sixth meaning of ideology, which retains an emphasis on false or deceptive beliefs but regards such beliefs as arising not from the interests of a dominant class but from the material structure of society as a whole." (EAGLETON, 1991, p. 28-30.)

A ideologia descritiva tem a capacidade de fornecer uma compreensão abrangente da realidade, permitindo-nos analisar e interpretar os fenômenos sociais e culturais. No entanto, é importante reconhecer que essa abordagem pode ser susceptível de ser usada para justificar e perpetuar o *status quo* e as estruturas de poder existentes. Por outro lado, a ideologia pejorativa pode ser instrumentalizada para deslegitimar grupos ou indivíduos percebidos como uma ameaça ao *status quo*, proporcionando uma base para a marginalização e discriminação. Devemos estar cientes de seu potencial para promover o ódio e a violência, reconhecendo a importância de abordagens equilibradas e respeitadas no discurso público. Por último, a ideologia positiva pode ser um catalisador para mudanças sociais e políticas progressistas. Se utilizada de forma construtiva, pode inspirar ações que visem a melhoria da sociedade. No entanto, também é relevante destacar que uma ideologia positiva pode tender a criar uma visão utópica do mundo, o que pode ser desafiador, uma vez que pode não refletir a realidade concreta e complexa em que vivemos.

Geuss (2008) argumenta que é importante ser crítico de todas essas noções de sentido das ideologias e estar ciente de seus pontos fortes e fracos. Segundo ele, cada tipo de ideologia possui características distintas, influenciando a forma como entendemos o mundo e interagimos com ele, por isso estar dispostos a questionar nossas crenças e considerar outras perspectivas é construtivo.

As ideologias são sistemas de crenças que ajudam as pessoas a entender e orientar suas ações em um mundo complexo e muitas vezes confuso. Elas fornecem uma estrutura para compreender o mundo e nos ajudam a tomar decisões difíceis.

Uma ideologia, então, é um conjunto de crenças, atitudes e preferências que são distorcidas como resultado da operação de relações específicas de poder; a distorção se caracteriza pela apresentação dessas crenças, desejos etc., como inerentemente conectados a algum interesse universal, quando na realidade eles estão subordinados a interesses particulares (GEUSS, 2008, p. 52).¹⁹

As ideologias também podem ser usadas para justificar a opressão e a exploração, e para promover a violência e o conflito, podem ser baseadas em religião, filosofia, história ou qualquer outra fonte. Elas podem ser formais ou informais, conscientes ou inconscientes.

19 Tradução nossa de: “An ideology, then, is a set of beliefs, attitudes, preferences that are distorted as a result of the operation of specific relations of power; the distortion will characteristically take the form of presenting these beliefs, desires, etc., as inherently connected with some universal interest, when in fact they are subservient to particular interests” (GEUSS, 2008, p. 52).

Ademais, as ideologias podem distorcer nossa percepção da realidade, nos impedindo de ver o mundo como ele verdadeiramente é, e nos levando a tomar decisões que não estão em nosso melhor interesse. Contudo, não se pode negar o papel significativo que as ideologias desempenham na compreensão do mundo que nos rodeia. Elas nos auxiliam a interpretar informações complexas e a tomar decisões em situações desafiadoras. Além disso, ao adotar uma ideologia, podemos nos sentir parte de um propósito maior, o que pode trazer um senso de pertencimento e significado.

E sob uma perspectiva positiva, as ideologias podem ser motivadoras para ação. Ao adotarmos uma visão particular do mundo, somos instigados a agir em conformidade com nossas crenças, buscando efetuar mudanças que reflitam nossos valores e aspirações.

Em resumo, é crucial reconhecer que as ideologias possuem implicações que podem ser prejudiciais ou benéficas, dependendo de como são utilizadas e interpretadas. Como pesquisadores, é essencial analisar criticamente as ideologias, entendendo sua influência nas sociedades e examinando suas consequências, tanto positivas quanto negativas. Essa compreensão pode ser um passo importante em direção a uma abordagem mais informada e equilibrada em relação ao papel das ideologias em nosso mundo contemporâneo.

3.1.2 O proveito de uma visão crítica na conceituação de ideologia

Conforme Raymond Geuss (2008, p.50), o poder em suas diversas manifestações é uma característica fundamental das sociedades humanas. Ao contemplarmos esse conceito, é natural e imediato pensarmos nas maneiras mais diretas em que ele é empregado como por exemplo o poder de um governo em prender quem transgride a lei, o poder de um adulto levantar um pacote pesado ou de uma empresa usar seu poder financeiro para eliminar a concorrência. No entanto, o poder também pode ser aplicado de forma indireta, moldando opiniões, atitudes e desejos, aparentando criar um "consentimento" que nem sempre é prontamente perceptível, o que tem sido objeto de discussão por muitos. Quando há abuso do poder, há dominação, “definida aqui como o exercício do poder social por elites, instituições ou grupos, que resulta em desigualdade social, incluindo desigualdade política, cultural, de classe, étnica, racial e de gênero”(Dijk, 1993, p. 249). Quando o poder é usado para subjugar, estamos tratando de dominação, do abuso de poder que por sua vez frequentemente é baseado e legitimado por ideologias, ou seja, nas crenças que organizam e controlam as representações sociais de grupos e seus indivíduos (Dijk, 2009).

Thompson (2011), por sua vez, pretende desenvolver o conceito de ideologia por apresentar hipóteses que se dispõem com o objetivo de contribuir com os estudos anteriores e avançar mais em seus conceitos. Para tal, a formulação alternativa que ele oferece começa por distinguir entre dois *tipos* gerais de concepção de ideologia classificando-as em duas categorias básicas: neutras e críticas.

As concepções neutras de ideologia são abordagens analíticas que procuram caracterizar fenômenos como ideologia, ou seja, sistemas de crenças e valores que moldam a forma como as pessoas percebem e interpretam a realidade. Elas não assumem que tais fenômenos sejam necessariamente enganadores, ilusórios ou guiados por interesses particulares de grupos específicos. Assim como o equipamento militar, a ideologia pode ser considerada uma ferramenta para alcançar a vitória, mas não está vinculada a um vencedor específico, já que está disponível para qualquer indivíduo ou grupo que possua os recursos e habilidades para utilizá-la. Essa perspectiva neutra reconhece que a ideologia pode desempenhar um papel importante na formação de opiniões, ideias políticas e sociais, mas não a considera intrinsecamente manipuladora ou distorcida. Em vez disso, ela busca analisar de forma imparcial como diferentes ideologias influenciam o pensamento humano e a organização da sociedade (Thompson, 2011, p.72,73).

As concepções críticas, conforme Thompson (2011, p. 73), representam uma abordagem com um viés negativo, crítico e pejorativo. Nessa perspectiva, os fenômenos que são caracterizados como ideologia, ou como sendo ideológicos, são considerados como enganosos, ilusórios e enviesados. Essas concepções críticas partem do pressuposto de que a ideologia é uma forma de falsa consciência, manipulando e obscurecendo a compreensão da realidade. Os elementos ideológicos são vistos como instrumentos de dominação, usados por grupos ou instituições para exercer controle sobre outros e manter sua posição de poder. Assim, a conotação pejorativa atribuída à ideologia advém do entendimento de que ela é um obstáculo à emancipação e à transformação social. O autor ainda explica que o sentido negativo da concepção crítica se dá pelos critérios de negatividade que as fundamentam, sendo eles: A) abstrata ou impraticável, B) errônea ou ilusória, C) expressa interesses dominantes e D) sustenta relações de dominação.

Fundamentando-se nessas premissas, Thompson (2011) direciona sua atenção para a interseção entre formas simbólicas e relações de poder. Para ele, “estudar ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (2011, p.76). Em outras palavras, Thompson destaca que as formas simbólicas, como símbolos,

discursos e representações culturais (em circunstâncias sócio-históricas específicas) têm a capacidade de moldar as percepções e valores das pessoas. Essas formas simbólicas são instrumentos poderosos para construir significados que influenciam as crenças e comportamentos em relação aos sistemas de poder existentes, contribuindo, assim, para a perpetuação e sustentação das relações de dominação.

Por exemplo, a religião pode ser usada para controlar o comportamento das pessoas, enquanto arte também pode ser usada para promover uma visão de mundo que beneficia os poderosos. Tal como quando se faz um documentário para promover a música “erudita”, as conhecidas músicas de concertos europeus, dando destaque a características como harmonia e melodia ao passo que se preteriza o ritmo. Afinal, no ocidente, quais as culturas que utilizam o ritmo de modo predominante em seu fazer artístico musical? E por que usar do léxico “erudita” para classificar a música de concerto europeia? A linguagem pode ser usada para criar estereótipos sobre grupos de pessoas, o que pode levar à discriminação e à opressão. Thompson (2011, P. 79) compreender “por “formas simbólicas” o amplo espectro de ações e falas, imagens e textos produzidos por sujeitos, reconhecido por eles e por outros como construtos significativos”. Por meio dessa abordagem, o estudo linguístico adquire uma perspectiva mais ampla e relevante para compreender como o uso e a manipulação das formas simbólicas estão entrelaçados com dinâmicas de poder na sociedade. Dessa forma, o trabalho de Thompson traz uma valiosa contribuição para a compreensão dos processos complexos que permeiam a relação entre linguagem, ideologia e poder.

Ao examinarmos cuidadosamente as interações entre formas simbólicas e relações de poder, somos apresentados a uma contribuição significativa de John B. Thompson para uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas sociais e culturais:

Ao estudarmos a ideologia, *podemos* nos interessar pelas maneiras como o sentido mantém relações de dominação de classe, mas devemos também interessar-nos por outros tipos de dominação, tais como as relações sociais estruturadas entre homens e mulheres, entre um grupo étnico e outro, ou entre estados-nação hegemônicos e outros estados-nação localizados à margem do sistema global (THOMPSON, 2011, P. 78).

Essa abordagem proporciona *insights* valiosos para analisar criticamente como as ideologias são construídas e como atuam na nossa percepção da realidade, influenciando, por sua vez, a estruturação do poder e da desigualdade em nossa sociedade. Dessa forma, a abordagem de Thompson nos capacita a adotar uma postura crítica e também reflexiva ao compreender as complexas interconexões entre o sentido mobilizado pelas formas simbólicas, as relações de dominação, poder e sociedade.

Ao debruçarmo-nos sobre os modos que instrumentalizam a mobilização dos sentidos para propiciar o abuso de poder e por conseguinte as relações de dominação, ao entendermos o conceito negativo de ideologia, ao explorar essas relações intrincadas, conseguiremos avançar em nossas pesquisas, poderemos usar os modos de operação da ideologia para criar mudanças positivas e promover a equidade em nossa realidade social.

3.1.3 Cinco modos de operação da ideologia

Thompson (2011, P. 80) nos diz que, dentro de uma determinada condição sócio-histórica, há várias formas em que o sentido pode servir para manter relações de dominação. Basta atentar à interação entre sentido e poder dentro da circunstância. Contudo há cinco modos gerais pelos quais a ideologia opera ligados à construção simbólica. Para uma realização efetiva dos estudos da ideologia Thompson os distingue em: “legitimação”, “dissimulação”, “unificação”, “fragmentação” e “reificação”.

Legitimação: nesse modo as ideias que expressam as relações de dominação são legitimadas, ou seja, são tratadas como dignas de apoio e justas para serem representadas. Ao proporcionar-lhes uma aparência de naturalidade e aceitabilidade, a assimetria de poder e dominação é justificada.

Para poder operacionalizar a legitimação usa as seguintes estratégias:

Racionalização: As formas simbólicas são criadas por agentes com o propósito de estabelecer uma lógica argumentativa que busca defender ou comprovar a legitimidade de relações ou instituições sociais. Por meio dessas formas simbólicas, a audiência é persuadida a acreditar que essas relações ou instituições são dignas de apoio.

Universalização: Ocorre quando pactos ou acordos institucionais que, na realidade, atendem aos interesses de uma minoria, são apresentados ou oferecidos como se estivessem atendendo às necessidades e interesses de toda a sociedade criando a ilusão de que beneficiam a todos, mesmo que sua implementação beneficie apenas uma parcela da população. O convencimento se dá uma vez que explora ideais de igualdade e justiça para fins de legitimar ou ocultar interesses particulares.

Narrativização: é criada por meio de narrativas que apresentam os pactos ou acordos institucionais como parte de uma tradição eterna e aceitável, conectando-os ao passado de forma a legitimar sua existência no presente. Essas histórias são usadas como ferramentas para legitimar as medidas como justas, aceitáveis e alinhadas com uma ordem social

estabelecida, criando a ilusão de continuidade e tradição para garantir apoio e aceitação, embora sirva aos interesses de uma minoria privilegiada.

Dissimulação: A ideologia pode ser vista como uma forma de dissimulação, na medida em que permite o estabelecimento e a manutenção de relações de dominação através do ocultamento, da negação ou da obscuridade de tais processos. Ela opera ao desviar nossa atenção ou apresentar uma representação distorcida da realidade, encobrendo as dinâmicas subjacentes de poder. Ao serem representadas de maneira enganosa, essas relações podem desviar nossa atenção dos reais mecanismos de poder em jogo perpetuando assim as estruturas de dominação.

A ideologia como dissimulação pode ser expressa em estratégias como:

Deslocamento: é um conceito utilizado para designar a transferência das conotações positivas ou negativas de um termo específico, originalmente aplicado a um objeto ou pessoa, para outro.

Eufemização: As ações, instituições ou relações sociais são retratadas ou redefinidas de forma a evocar uma avaliação positiva. Ao moldar as mensagens de forma positiva, os comunicadores buscam cativar a audiência, criar empatia e persuadir as pessoas sobre determinados assuntos, tornando-os mais aceitáveis, atrativos ou desejáveis.

Tropo: O "tropo" é um conceito importante na teoria da linguagem e hermenêutica, que se refere a figuras de linguagem ou formas simbólicas que desviam ou deslocam o significado comum das palavras para criar um novo sentido ou significado. Os recursos linguísticos são usados de forma a transcender o sentido literal das palavras para expressar formas simbólicas, ideias, sentimentos ou conceitos. Tropos são recursos retóricos que se utilizam da linguagem de maneira figurativa, empregando metáforas, metonímias, sinédoque, e outras formas de expressão poética e literária.

O uso da linguagem não é sempre ideológico, entretanto o uso figurativo da linguagem é uma prática amplamente presente no discurso cotidiano e eficaz para evocar sentidos em determinado contexto sócio-histórico. E a depender do cenário, em certos contextos, esse uso figurativo pode estar impregnado de poder, possibilitando a criação, sustentação e reprodução de relações de dominação.

-*Sinédoque*: é uma figura de linguagem que consiste na união semântica entre a parte e o todo, utilizando um termo que representa o todo para se referir a uma de suas partes, ou vice-versa, usando um termo que representa uma parte para referir-se ao todo.

-*Metonímia*: é uma figura em que um termo é utilizado para substituir outro com o qual não possui uma associação intrínseca. A metonímia ocorre quando um elemento é mencionado em vez de outro devido a uma conexão ou relação próxima, mas não necessariamente inerente, entre eles.

-*Metáfora*: é uma figura de linguagem que consiste em usar uma palavra ou expressão em um sentido não literal, atribuindo-lhe uma característica ou significado de algo com o qual tenha alguma semelhança ou associação. É uma forma de comparação indireta, onde o termo usado para descrever algo não é aplicado de maneira direta, mas com base em uma relação simbólica entre os elementos envolvidos.

Unificação: Relações de dominação podem ser estabelecidas e mantidas por meio da construção, no nível simbólico, de uma unidade que conecta os indivíduos numa identidade coletiva, ignorando as diferenças e divisões que possam existir entre eles.

A ideologia por meio de narrativas, símbolos, tradições, mitos e outros elementos culturais criam uma identidade coletiva compartilhada (a unidade simbólica) e ao criar essa identidade coletiva, as diferenças e divisões entre os indivíduos são minimizadas ou mesmo negadas. Os elementos culturais enfatizam valores, crenças e interesses comuns, criando a ilusão de um "nós" homogêneo e coeso, independentemente das diferenças sociais, econômicas, étnicas, de gênero ou outras que possam existir dentro desse grupo. Essa construção de uma identidade coletiva pode ser usada para legitimar a dominação, pois ela gera um sentimento de pertencimento e lealdade ao grupo dominante.

A ideologia como unificação pode ser expressa em estratégias como:

-*Padronização*: Formas simbólicas são ajustadas para se adequar a um referencial padrão, que é apresentado como um fundamento compartilhado e aceitável de troca simbólica. São elementos que descrevem e representam conceitos, ideias ou significados por meio de símbolos, palavras, imagens ou outros elementos culturais, como bandeiras nacionais, religião, língua e escrita, marcas e logotipos etc. Esses símbolos são adaptados para se encaixarem em um referencial padrão, que é uma estrutura cultural, social ou linguística

previamente estabelecida. Esse referencial padrão é proposto como um fundamento comum, aceitável e compartilhado pela sociedade.

-Simbolização da unidade: Essa estratégia consiste na criação de símbolos de unidade, identidade e identificação coletiva, que são propagados dentro de um grupo ou de vários grupos em conjunto. Esses símbolos desempenham um papel crucial na construção e manutenção de uma identidade coletiva, reforçando os laços entre os membros do grupo e criando um senso de pertencimento e coesão.

Na prática, a simbolização da unidade pode estar profundamente conectada com o processo de narrativização. Isso significa que os símbolos se tornam uma parte essencial das narrativas de origens, e muitas vezes projetando um destino coletivo desejado. A simbolização da unidade e a narrativização são elementos entrelaçados que moldam a coesão social e a identidade coletiva, e têm um papel significativo na construção da cultura, da memória coletiva e da continuidade do grupo ao longo do tempo.

Fragmentação: Relações de dominação podem ser mantidas não só pela unificação das pessoas em uma coletividade, mas também pela fragmentação daqueles indivíduos e grupos que possam representar um desafio real aos grupos dominantes. Além disso, forças de oposição potencial podem ser redirecionadas em direção a um alvo que é projetado como mau, perigoso ou ameaçador, a fim de enfraquecer a resistência e manter o controle.

Ao enfatizar essas diferenças e destacar os conflitos entre os diferentes grupos, as forças opositoras ficam enfraquecidas e menos propensas a se unirem para desafiar a dominação. Ao criar um "outro" que é demonizado ou apresentado como uma ameaça à segurança ou aos valores do grupo, a atenção é desviada dos problemas reais e das questões sistêmicas subjacentes.

-Diferenciação: nessa estratégia da construção simbólica enfatiza-se as distinções, diferenças e divisões entre pessoas e grupos, fortalecendo as características que os separam e impedem que se unam de forma efetiva para desafiar as relações de poder estabelecidas ou participar plenamente no exercício desse poder.

-Expurgo do outro: essa tática consiste na criação de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como malévolo, perigoso e ameaçador. Contra o qual os indivíduos são instigados a rechaçar coletivamente ou a eliminar essa suposta ameaça.

O expurgo do outro, muitas vezes, se sobrepõe com estratégias que tem como finalidade a unificação. São atribuídas características negativas e perigosas a esse inimigo, a fim de gerar medo e ansiedade entre as pessoas, criando um senso de urgência para agir contra ele. Ao retratar um grupo ou indivíduos como nocivo, mau, ameaçador e perigoso, aqueles que promovem essa estratégia buscam unir as pessoas em torno de uma identidade coletiva comum diferenciando-os desse outro, fortalecendo laços e coesão social para mobilização em torno de uma causa comum, muitas vezes em busca de justificar ações ou políticas específicas.

Reificação: Relações de dominação podem ser estabelecidas e mantidas ao retratar uma situação transitória ou histórica das relações sociais, instituições ou ideias como algo natural, atemporal e tratadas como concretas e tangíveis. Processos sociais são retratados como entidades fixas ou eventos quase naturais, tratados como uma entidade objetiva, como se fossem coisas físicas, o que acaba obscurecendo seu caráter social e histórico. Essa reificação dos processos sociais pode levar a uma percepção distorcida da realidade, ignorando as complexas dinâmicas sociais e históricas que estão por trás deles.

Por exemplo, quando se trata de uma instituição, como o Estado, a ideia abstrata de "Estado" pode ser reificada, tratada como uma entidade real, como se fosse algo com uma existência física e independente, apesar de ser uma construção social e política. Como resultado, os fenômenos sociais complexos são simplificados e reduzidos a entidades concretas, o que pode obscurecer as dinâmicas de poder e a complexidade das relações sociais.

A ideologia como reificação pode ser expressa em estratégias como:

-Naturalização: um estado de coisas que é uma construção social e histórica pode ser erroneamente considerado como um acontecimento natural ou um resultado inevitável de características naturais, como, por exemplo, a construção socialmente moldada por fatores sociais, econômicos e históricos da divisão de trabalho entre homens e mulheres.

Além disso a reificação pode ser utilizada por meio de vários recursos gramaticais e sintáticos, tais como:

-Nominalização: é um processo linguístico em que verbos, adjetivos, sentenças ou parte delas, descrições da ação dos participantes envolvidos são transformados em um substantivo, ou seja, em nome. Isso pode ocorrer, por exemplo, por meio da adição de um

sufixo, como "-ção" ou "-mento" em português. A utilização desse recurso permite que ações, processos ou qualidades sejam transformados em entidades estáticas e aparentemente objetivas. A nominalização torna algo abstrato em algo concreto, como se fosse uma coisa independente, quando, na realidade, é um fenômeno de um processo dinâmico.

-Passivização: Nessa estratégia, a linguagem é utilizada para ocultar ou desviar a responsabilidade das ações e decisões de indivíduos ou grupos. Na passivização, a ação é expressa na voz passiva, o que resulta em uma construção da frase em que o sujeito da ação é omitido ou colocado em segundo plano, enquanto o objeto da ação é destacado. Isso pode levar à percepção de que as ações ocorrem de forma espontânea ou inevitável, sem a intervenção consciente ou ativa de agentes específicos.

O uso desses recursos gramaticais e sintáticos como aparato de operacionalização ideológica pode ser utilizados para estabelecer e perpetuar relações de dominação por meio da reificação de fenômenos sócio-históricos. Ao representar processos como entidades fixas e estáticas, esses recursos tendem a obscurecer ou diluir os agentes e ações envolvidos. Dessa forma, contribuem para reintroduzir a noção de uma sociedade "sem história" no cerne de uma sociedade inegavelmente histórica (Thompson, 2011, p. 88, 89).

Ao distinguir os cinco modos gerais pelos quais a ideologia pode operar, Thompson (2011, p. 81, 82) enfatiza três pontos importantes:

Ele não pretende afirmar que esses cinco modos sejam as únicas maneiras pelas quais a ideologia opera, nem que eles atuem de forma independente um do outro. Na verdade, esses modos podem se sobrepor e reforçar mutuamente.

Ao associar esses modos de operação a determinadas estratégias de construção simbólica, não se está defendendo que essas estratégias estejam exclusivamente ligadas a esses modos ou que sejam as únicas relevantes.

É relevante esclarecer que, ao realçar algumas estratégias típicas de construção simbólica, não se pretende afirmar que essas estratégias, por si só, sejam sempre ideológicas.

No *corpus* da presente pesquisa, é concedida uma ênfase proeminente ao modo de *Reificação*, principalmente por razões didáticas e com o objetivo de alinhar-se com as investigações no campo da linguística. Essa escolha metodológica visa aprofundar a compreensão das operações ideológicas, destacando-se o papel da linguagem nesse processo. Contudo, é importante salientar que, mesmo com essa abordagem direcionada, reconhece-se

que outros modos de operação ideológica podem influenciar o *corpus* analisado. Ainda que a ênfase recaia sobre a reificação, permanece aberta a percepção e análise dos demais modos de atuação da ideologia sobre os dados em estudo.

Ao identificar os diversos modos de operação da ideologia e das estratégias simbólicas com as quais eles podem estar associados e expressos, evidencia-se algumas formas para refletir sobre a interação entre sentido e poder na vida social. Enquanto que paralelamente chama-se a atenção para como o sentido pode ser utilizado para estabelecer e perpetuar relações de dominação. Thompson (2011, p. 89) ainda diz:

Se o sentido gerado pelas estratégias simbólicas ou difundido pelas formas simbólicas serve para estabelecer ou sustentar relações de dominação, é uma questão que deve ser respondida somente pelo exame dos contextos específicos dentro dos quais as formas simbólicas são produzidas e recebidas, somente através dos exames do mecanismos específicos através dos quais elas são transmitidas dos produtores para os receptores, e somente através do exame do sentido que essas formas simbólicas possuem para os sujeitos que as produzem e as recebem.

Em outras palavras, compreender o papel das formas simbólicas no estabelecimento ou na sustentação de relações de dominação é um processo complexo e dependente do contexto. Requer uma análise minuciosa dos elementos envolvidos em sua produção, transmissão e recepção. Isso implica examinar as dinâmicas sociais específicas, os interesses em jogo e as ideologias subjacentes, a fim de entender como o sentido é construído e como ele pode influenciar as relações de poder e dominação em contextos particulares. Somente por meio desse exame detalhado é possível compreender a natureza e o impacto dessas formas simbólicas nas dinâmicas sociais e nas estruturas de poder.

Thompson (2011) ainda nos chama a atenção ao fato de que as estratégias de construções simbólicas são instrumentos que podem ser utilizados tanto para consolidar relações hegemônicas como para desafiá-las, que podem ser úteis para enaltecer entidades e coletividades detentoras de poder como podem ser ferramentas para atingi-las e subvertê-las. Contudo, devemos reconhecer que tal dilema somente pode ser elucidado mediante um meticuloso exame de como tais manifestações simbólicas se manifestam em contextos específicos de natureza sócio-histórica. É imperativo considerar sua aplicabilidade e compreensão por parte daqueles que as concebem e as assimilam nas complexas tramas sociais que constituem a quotidianidade.

3.2 A abordagem sociocognitiva dos Estudos Críticos do Discurso de Teun A. Van Dijk

A perspectiva Sociocognitiva nos Estudos Críticos do Discurso de Teun A. Van Dijk dá grande ênfase à forma como os indivíduos interpretam acontecimentos reais ou eventos

discursivos e à maneira como elaboram uma representação mental sobre isso, é um interesse nas relações entre mente, interação discursiva e sociedade. Em vez de se concentrar apenas nos textos ou na estrutura linguística, essa abordagem considera a relação entre a estrutura do discurso, os processos cognitivos dos participantes e a estrutura social. É uma fusão inovadora de interesses linguísticos, cognitivos e sociais. Assim define Van Dijk (2001, p.98):

'O discurso', neste contexto, é entendido no sentido amplo de um 'evento comunicativo', incluindo interações conversacionais, textos escritos, bem como gestos associados, expressões faciais, layout tipográfico, imagens e qualquer outra dimensão 'semiótica' ou multimídia de significação. De maneira similar, 'cognição' aqui engloba tanto a cognição pessoal quanto a social, crenças e objetivos, bem como avaliações e emoções, além de quaisquer outras estruturas 'mentais' ou de 'memória', representações ou processos envolvidos no discurso e na interação. E, por fim, 'sociedade' inclui tanto as microestruturas locais de interações presenciais situadas, quanto as estruturas mais globais, sociais e políticas, definidas de várias maneiras em termos de grupos, relações entre grupos (como dominação e desigualdade), movimentos, instituições, organizações, processos sociais, sistemas políticos e propriedades mais abstratas de sociedades e culturas.

A interseção da linguística com a sociologia, a antropologia e a ciência política tem contribuído com o desenvolvimento dos estudos críticos do discurso acerca do poder intrínseco à linguagem e sua capacidade de moldar, perpetuar e, em alguns casos, transformar a realidade sociocultural. A abordagem sociocognitiva, ao investigar os níveis da estrutura social, interligando discurso, cognição e sociedade, postula que o discurso não é mera representação linguística, mas sim um reflexo e, simultaneamente, um construtor da realidade social. As escolhas léxico-gramaticais não são ao acaso; são, em verdade, manifestações de complexos processos cognitivos que, por sua vez, são influenciados por e influenciam a estrutura social.

As abordagens críticas são conhecidas como Análise Crítica do Discurso (ADC), mas Van Dijk também usa Estudos Críticos do Discurso (ECD) porque esse termo sugere que tal abordagem crítica não envolve apenas análise crítica, mas também teoria crítica, bem como aplicações críticas.

É importante enfatizar desde o início que a análise do discurso não é um método, mas uma interdisciplina em que uma grande variedade de métodos qualitativos e quantitativos são utilizados - além dos métodos usuais de análise gramatical ou linguística. Portanto, preferimos o termo Estudos do Discurso para esta interdisciplina que, cada vez mais, se fundiu com outros estudos de texto e conversa, que eram concomitantes e inicialmente em grande parte independentes, nas décadas de 1960 e 1970. (VAN DIJK, 2014, P.10)

Os Estudos Críticos do Discurso (ECD) concentram-se na investigação metódica dos mecanismos através dos quais os atores sociais mobilizam recursos semióticos –tais como expressões linguísticas, construções musicais, construções visuais e representações

imagéticas— com o propósito de contestar modalidades representacionais, práticas discursivas e identitárias que perpetuam dinâmicas excludentes e opressoras. Por ser de uma perspectiva crítica, a análise é feita com ‘atitude’ focando no papel que o discurso desempenha na produção e manutenção do abuso de poder e dominação. Como nos explica Van Dijk, (2001, 96):

Isso significa que a pesquisa em Análise Crítica do Discurso (ADC) combina o que, talvez de forma um tanto pomposa, costumava ser chamado de "solidariedade com os oprimidos" com uma atitude de oposição e dissidência contra aqueles que abusam do texto e da fala para estabelecer, confirmar ou legitimar seu abuso de poder.²⁰

Ao identificar e problematizar tais padrões, os ECD simultaneamente elucidam e propõem a emergência de discursos, gêneros e estilos contrapostos de resistência. Neste contexto, tal abordagem teórica e metodológica estabelece um diálogo profundo com os paradigmas dos movimentos sociais contemporâneos, postulando que seus adeptos, em diversas magnitudes, alinham-se à defesa dos direitos dos grupos subalternizados, advogando por integração que engloba, igualdade no acesso, oportunidades equitativas e a realização plena da cidadania.

Partindo do pressuposto de que a relação entre discurso e sociedade é mediada pela cognição, evidenciamos os três pilares centrais: discurso, cognição e sociedade. Começaremos por entender como Van Dijk estabelece a concepção de discurso. Para esse proeminente linguista e um dos pioneiros da Análise do Discurso, definir um conceito para discurso é uma tarefa, de fato, complexa. A título de exemplo, Van Dijk em “ADC Multidisciplinar: um apelo à diversidade” (2001) diz que, enquanto texto e contexto são elementos essenciais na Análise Crítica do Discurso, décadas de pesquisa neste domínio têm identificado várias unidades significativas nas estruturas discursivas, incluindo, mas não se limitando a, aspectos paraverbais, visuais, fonológicos, sintáticos, semânticos, estilísticos, retóricos, pragmáticos e interacionais. A profundidade e a vastidão dessas estruturas significam que qualquer tentativa de realizar uma análise "total" ou "completa" de um discurso será sempre uma aspiração e não uma realização concreta. É simplesmente inviável analisar exaustivamente cada nuance e subtexto de um conjunto de textos ou expressões verbais, especialmente quando consideramos as variações culturais, históricas e individuais que influenciam a linguagem. Uma avaliação exaustiva de um conjunto de textos ou expressões verbais é praticamente impossível.

²⁰ Tradução nossa de: “That is, CDA research combines what perhaps somewhat pompously used to be called ‘solidarity with the oppressed’ with an attitude of opposition and dissent against those who abuse text and talk in order to establish, confirm or legitimate their abuse of power” (VAN DIJK, 2001, p. 96).

Por isso, a tarefa do analista de discurso é muitas vezes seletiva. Em vez de se esforçar para abranger tudo, ele deve identificar e concentrar-se nas estruturas e elementos discursivos mais relevantes para sua questão de pesquisa. Por exemplo, ao estudar como homens e/ou mulheres são representados na mídia, um analista pode focar especificamente na retórica, no uso dos léxicos e nos aspectos estilísticos que estão reforçando e naturalizando sexismo, ignorando, talvez, as nuances fonológicas.

Assim, na Análise Crítica do Discurso, é imperativo que façamos seleções, focando nas estruturas discursivas que são pertinentes para a investigação de problemas sociais. Van Dijk (2001) nos insta que ao estudar o poder manifestado no discurso, um foco central da Análise Crítica do Discurso, é concentrar-se nas características do discurso que são moldadas pelo poder social. Isso significa que determinadas nuances no modo de falar podem variar de acordo com quem fala e a posição ou influência social que essa pessoa detém. Um falante, por exemplo, tem a autonomia de selecionar o tópico, decidir a organização do seu discurso ou empregar figuras retóricas com o objetivo de persuadir, cativar ou dominar seus ouvintes. Contudo, é importante reconhecer que certos aspectos da língua são estáveis, como as regras gramaticais que definem a formação de palavras ou a estruturação de frases. Estas características, por serem fixas, não são susceptíveis a manipulações pelo falante para demonstrar poder e, assim, podem ser consideradas menos relevantes em uma análise focada na dinâmica do poder no discurso.

Sabendo o quão complexo é definir discurso, Van Dijk nos oferece o substancial para tentarmos compreender:

Assim, o discurso é um fenômeno social multidimensional. Ele é simultaneamente um objeto linguístico (verbal, gramatical), representando sequências significativas de palavras ou frases; uma ação, como uma afirmação ou uma ameaça; uma forma de interação social, como uma conversa; uma prática social, tal como uma palestra; uma representação mental, englobando um significado, um modelo mental, uma opinião ou conhecimento; um evento ou atividade comunicativa ou interacional, como um debate parlamentar; um produto cultural, como uma telenovela; ou até mesmo uma mercadoria econômica que é vendida e comprada, como um romance. (VAN DIJK, 2009, P. 84).²¹

21 Tradução nossa de : “Thus, discourse is a multidimensional social phenomenon. It is at the same time a linguistic (verbal, grammatical) object (meaningful sequences or words or sentences), an action (such as an assertion or a threat), a form of social interaction (like a conversation), a social practice (such as a lecture), a mental representation (a meaning, a mental model, an opinion, knowledge), an interaccional or communicative

Para Van Dijk, o discurso é um objeto não autônomo, é tanto sócio-histórico quanto político-cultural, é uma manifestação multifacetada da sociedade, atuando simultaneamente como uma sequência linguística que transmite ideias, uma ação ou interação social, uma representação de pensamentos e crenças, e até mesmo como um produto cultural ou mercadoria comercial. Em suas diversas formas, ele pode ser visto como uma conversa casual, um debate formal, uma obra de entretenimento ou um item vendável, refletindo sua natureza abrangente e multifuncional no contexto social.

Em suma, o que se deve destacar é que, apesar das diversas abordagens de análise do discurso oferecerem diferentes conceitos sobre o que é o discurso todas elas conduzem “os entusiastas de ECD (Estudos Críticos do Discurso) a se debruçar “em como o discurso reproduz a dominação social, isto é, o abuso de poder de um grupo sobre outro, e como grupos dominados podem resistir discursivamente a esse abuso.” (Van Dijk, 2009, p. 81)

No que diz respeito ao “contexto”, ele assume uma dimensão mais formal em comparação com termos análogos como "situação", "circunstâncias" ou "entorno". Esta distinção não é meramente semântica, mas epistemológica. O uso do termo "contexto" é frequentemente invocado quando se busca compreender um fenômeno, seja ele um evento, ação ou discurso, em profunda inter-relação com seu ambiente circundante. Isso sugere que o fenômeno em questão não é apenas influenciado por, mas também moldado pelas condições e consequências que o cercam. Em termos metodológicos, isso implica que o contexto não serve apenas como uma ferramenta descritiva, mas é instrumental na explicação causal. Por exemplo, ao avaliar uma declaração proferida em um cenário político, é imperativo considerar o panorama político, social e cultural em que foi feita. Assim, o contexto não apenas ilumina as características manifestas do fenômeno, mas também lança luz sobre os fatores subjacentes que contribuem para sua ocorrência. (Van Dijk, 2020, p. 19.)

Na abordagem social e cognitiva de contexto, Van Dijk (2020, p. 43.) assim designa:

Defini o contexto como um tipo específico de modelo mental, isto é, como representações das próprias situações comunicativas feitas subjetivamente pelos participantes, e não como as situações comunicativas enquanto tais que é o tratamento habitual. [...] As situações sociais não influenciam diretamente a língua e o discurso e que essa influência é possível somente passando pelos modelos mentais. Essa interface mental representa subjetivamente os aspectos relevantes da situação

event or activity (like a parliamentary debate), a cultural product (like a telenovela) or even an economic commodity that is being sold and bought (like a novel)” (VAN DIJK, 2009, p.84).

comunicativa; ao mesmo tempo, é o tipo de estrutura cognitiva que consegue monitorar a produção e a compreensão do discurso.”

Em vez de se ater à noção convencional de contexto, que compreende o cenário da comunicação em si, essa perspectiva insiste na representação subjetiva da situação comunicativa feita pelos participantes. Assim, o que é relevante não é a situação objetiva em si, mas a percepção e a representação mental dessa situação pelos participantes da comunicação. Essa percepção influencia diretamente a forma como o discurso é produzido e compreendido.

Isso significa que a realidade social não molda o discurso diretamente, mas influencia a representação mental que os falantes têm dessa realidade. E é essa representação mental que, por sua vez, guia a produção e a compreensão do discurso. Em termos mais simples, significa que as situações sociais por si só não mudam diretamente a forma como falamos ou o que dizemos. Em vez disso, como percebemos e entendemos essas situações em nossa mente é que realmente importa. Por exemplo, duas pessoas podem estar na mesma situação social, mas interpretá-la de maneiras diferentes. Essas diferentes interpretações mentais, ou como elas "veem" a situação em suas cabeças, podem influenciar a forma como cada pessoa fala ou reage a ela. Assim, é nossa interpretação mental da realidade ao nosso redor que afeta nosso discurso e comunicação.

Por certo que há discordância entre aqueles que pesquisam a ADC (ECD) sobre o conceito de contexto. Todavia, as explicações providenciadas por Van Dijk não podem passar despercebidas ou menosprezadas tendo em conta suas implicações em nossas análises. Se a apresentação do contexto fosse isenta de subjetividade, seguindo o modelo "fechado" defendido por diversos pesquisadores, todas as histórias seriam narradas de maneira idêntica. Não haveria variação nos argumentos, como se cada um de nós fosse um ser único, sem levar em consideração as crenças e valores individuais que se alinham com as ideologias de grupos aos quais pertencemos. Esses elementos se tornam evidentes no processo de criação ou interpretação de um texto. Em resumo, os falantes de uma língua constroem uma representação não apenas do próprio texto, mas também do contexto social subjacente, o que culmina em uma interação dinâmica entre eles. (Van Dijk, 2020.)

Isto posto, é patente que o recurso utilizado para entendermos o contexto é reconhecer a relevância dos modelos mentais²² que é gerador na forma como os indivíduos interpretam e reagem a eventos e experiências que vivenciam no mundo. As representações

²² Será explicado no tópico dos conceitos basilares da ASC.

mentais moldam e são moldadas pelo discurso que os indivíduos têm sobre eventos, situações, pessoas, grupos, etc. Esses modelos mentais influenciam nossa percepção e interpretação da realidade. Eles são fundamentais para a formação de percepções, saberes, comportamentos e ideologias em qualquer ponto da interação comunicacional. Isso nos mostra que a interface mental, ou seja, o modelo mental, é de suma importância na análise do discurso, pois é através desta que se consegue monitorar e influenciar a produção e compreensão do discurso. Portanto, para realmente entender o discurso, é necessário ver sua conexão com o contexto social, a ação no discurso, as pessoas envolvidas e as estruturas da sociedade. Assim, para uma análise cabal, é imprescindível considerar a intrincada relação entre sociedade, cognição e discurso.

Para entender efetivamente como o discurso estrutura as relações de poder e a sociedade, é essencial considerar o papel da cognição. Isso inclui a consideração de processos cognitivos como categorização, inferência e ativação de esquemas, que são intrínsecos à produção e compreensão do discurso. Essa análise pode proporcionar *insights* valiosos sobre como esses processos são moldados e influenciados por fatores socioculturais. Vale frisar que a cognição pode ser pessoal ou social, pessoal quando “explica as maneiras como os usuários individuais da linguagem, como membros de comunidades linguísticas, epistêmicas e sociais, subjetivamente produzem e compreendem o discurso”(Van Dijk, 2016, p. s10) e social quando “estar baseada em representações socialmente compartilhadas de atores sociais individuais como membros de diversas coletividades sociais”(Van Dijk, 2016, p. s10), ou seja, é a maneira como processamos, armazenamos e aplicamos informações sobre o mundo social ao nosso redor. Dentro da abordagem sociocognitiva, torna-se evidente que a cognição e o contexto social estão interligados e não podem ser separados. Enquanto os processos cognitivos são configurados pelas condições socioculturais em que ocorrem, a cognição, por sua vez, desempenha um papel ativo na formação e na perpetuação desses mesmos fatores socioculturais. (Van Dijk, 2005, 2014, 2016, 2020.) A cognição, embora frequentemente relegada ao pano de fundo, não se manifesta em um vácuo. Através da análise crítica, percebe-se que ela está umbilicalmente ligada às práticas sociais. E mais, o discurso é simultaneamente um espelho e um artífice dessas práticas. Esta dualidade revela a natureza cíclica do discurso e sua capacidade de moldar e ser moldado.

Dentro da trama linguística, o discurso não é apenas uma manifestação de palavras, mas um reflexo das estruturas cognitivas e sociais que delineiam nossa realidade. À luz disso, a perspectiva sociocognitiva da análise crítica do discurso surge como uma importante via

para destrinchar as conexões inerentes entre linguagem, cognição e o tecido social. Como postulado por Teun A. Van Dijk, é imperativo perceber o intrincado jogo entre o discurso, as representações mentais e os panoramas sociais. Estes se encontram em uma dança constante, e um influencia intrinsecamente o outro. Nos labirintos da mente, os modelos mentais são concebidos como estruturas que nos permitem decodificar, assimilar e compartilhar experiências. No seio da análise crítica do discurso, é evidente que tais modelos não são meramente individuais, mas também coletivos, influenciando a tessitura discursiva da sociedade (Van Dijk, 1995, 2005, 2014, 2016, 2018,2020.)

Assim como a Análise de Discurso de Abordagem Dialético-Relacional (ADR), a Abordagem Sociocognitiva (ASC) se dedica meticulosamente ao estudo da intersecção entre linguagem e questões sociais, almejando alterações significativas em cenários permeados por discriminação, preconceito, racismo, entre outras relações de poder que prejudicam desproporcionalmente aos grupos sociais com menor representatividade. Neste contexto, é fundamental destacar a perspectiva de Van Dijk (2005, 2018), que sustenta que inúmeros textos, que permeiam nossa sociedade, estão impregnados de estratégias específicas. Estas estratégias, por sua vez, são dissecadas através de uma gama de métodos investigativos: desde a análise gramatical abrangendo aspectos fonológicos, sintáticos, lexicais e semânticos, passando por análises pragmáticas, retóricas, estilísticas, até exames minuciosos de gêneros textuais, análises de conversação e interação. Não se pode deixar de mencionar também a análise semiótica, que se debruça sobre sons, imagens e outros componentes multimodais do discurso e da interação.

Em síntese, a análise crítica do discurso, quando vista sob a lente sociocognitiva, almeja desnudar as sutilezas do poder e da dominação presentes na linguagem. Ao fazê-lo, busca-se compreender como tais estruturas são perpetuadas e legitimadas, proporcionando um entendimento mais crítico da realidade linguística que nos envolve.

3.2.1 Conceitos basilares para entender a abordagem sociocognitiva

Ao sumarizar alguns dos aspectos importantes da proposta da análise sociocognitiva, Guisard (2022) explica que, conforme delineado na análise sociocognitiva da ADC, não se aborda a linguagem em estágios estanques, mas em uma trajetória de crescente complexidade: iniciando-se pela compreensão lexical e avançando até intrincadas estruturas textuais. Essencialmente, o texto é fundamentado em proposições e as conexões entre elas. Crucialmente, a decodificação discursiva não se restringe somente à memória imediata do

conteúdo, mas envolve ativamente o modelo situacional da memória episódica, encapsulando a representação cognitiva dos eventos, contextos e personagens subjacentes. Este paradigma possui um sistema controlador intrínseco, informado pelas particularidades da situação, categorias de discurso, e intenções comunicativas dos interlocutores, integrando profusamente aspectos da memória episódica e semântica (segundo VAN DIJK, 2005, 2015, 2020). Tendo em mente essa síntese dos aspectos da análise sociocognitiva, para uma assimilar melhor essa abordagem, é essencial a familiarização com conceitos-chave que fundamentam a proposta.

Adentrar nas profundezas da ASC requer a imersão em conceitos-chave que iluminam o caminho desta intrincada travessia. Tentei ser cuidadoso ao selecionar os pilares que, compartilho com demais pesquisadores, são indispensáveis para desvendar as sutilezas da ADC dentro da ASC. Estes são: *modelos de contexto*, mapas cognitivos que orientam nossa comunicação; *modelos mentais*, representações intrínsecas que moldam nosso entendimento; *a memória*, ferramenta de interpretação e construção da realidade; *atitudes e opiniões*, que delineiam nossas predisposições e juízos; *ideologias*, os grandes sistemas de pensamento que direcionam nossas ações e crenças; *conhecimento*, a pedra angular de toda compreensão; e, por fim, *a semântica global e local*, que delineia a estrutura e o significado das ideias em diferentes escalas.

Modelos de contexto

Imersos na complexidade da comunicação, os modelos de contexto surgem como faróis, iluminando os intrincados parâmetros sociais que norteiam o uso da linguagem. Eles são reflexo das multifacetadas nuances do ambiente comunicativo, essenciais para os participantes, a fim de determinar o que é relevante em sua interação verbal. Conforme destaca Van Dijk (2016, P. s12), esses modelos não apenas existem, mas servem como guias, moldando como os interlocutores adaptam seu discurso à fluidez da situação comunicativa que se revela a cada momento, constantemente em metamorfose. “Não é a situação social que faz com que (alguém) fale da maneira que fala, antes é a interpretação social do modelo daquela situação. O que os discursos assinalam ou indexam, então, não é o contexto social em si, mas os modelos mentais subjetivos do contexto construídos pelos participantes do evento” (Van Dijk, 2008, P. 209). Para melhor compreender esses modelos, é possível dividi-los em dois eixos: a) o contexto local, que se refere ao palco imediato e interacional onde o ato comunicativo se desenrola; e b) o contexto global, que se debruça sobre o vasto pano de fundo de estruturas sociais, políticas, culturais e históricas que contextualizam o evento

comunicativo (Van Dijk, 2015). Estes modelos, em sua essência, são extensões de um modelo mental, refletindo nosso contínuo esforço para dar sentido e navegar pelas complexidades do discurso humano.

Modelos mentais

Os modelos mentais se destacam como construções fundamentais. Estes emanam da teoria proposta por Van Dijk e Kintsch (1983) e são referenciados como contexto de situação. Esta nomenclatura tem a prerrogativa de elucidar a maneira pela qual os indivíduos decifram o intrincado universo discursivo. Os modelos mentais são representações de experiências pessoais de ações específicas, eventos ou situações. São as bases mentais para textos e falas situadas e apresentam construções subjetivas de eventos passados, presentes e futuros (Van Dijk, 1995). Van Dijk consegue, assim, explicar problemas que outrora não eram solucionáveis com abordagens cognitivas tradicionais. Ele aprofunda: “a tese crucial de um modelo mental é que, além da representação de sentido de um texto, os usuários da língua também constroem modelos mentais de eventos que são assunto desses textos, isto é, a situação que eles têm como denotação ou referência” (VAN DIJK, 2020, P. 90).

Nesse cenário profundo da cognição humana, os modelos mentais emergem como as autênticas configurações cognitivas das vivências que experimentamos. Eles essencialmente transmitem as representações de episódios específicos no palco comunicativo. Por um lado, eles efetivam e operacionalizam cognições sociais em cenários específicos. E por outro lado, os modelos servem como alicerce experiencial para os processos de generalização, abstração e descontextualização que se entrelaçam na construção do conhecimento e nas posturas coletivamente aceitas (Van Dijk, 1995). É imperativo elucidar que, na esfera de estudos da ASC, postula-se que essas vivências *sui generis* são catalogadas em nossa memória. Esta, uma entidade mental complexa, está intrinsecamente atrelada à concepção de processos cognitivos e representações (Van Dijk, 2018). Essa memória pode ser categorizada em facetas, como a Memória (pessoal e autobiográfica) episódica, que se encaixa na vastidão da memória de Longo Prazo ou Long Term Memory (MLT), e a Memória (socioculturalmente partilhada) semântica (Van Dijk, 2009).

No universo da Análise Sociocognitiva (ASC), no qual a intersecção entre o social e o cognitivo se revela de maneira intrincada, a memória destaca-se como uma espinha dorsal, um ponto central de convergência das experiências e compreensões humanas.

Opiniões e atitudes

Diferentemente de simples opiniões pessoais alojadas em modelos mentais, as atitudes são partilhadas coletivamente, são o reflexo da identidade, das normas e dos valores de grupos sociais específicos. Essas atitudes são, em essência, modelos mentais, e como tais, estruturam e são estruturadas pelo discurso e pela interação social. “Atitudes são como opiniões socialmente partilhadas e ideologicamente baseadas (crenças normativas) sobre questões sociais específicas que deram origem a debate ou luta (aborto, divórcio, eutanásia, imigração, etc.).” (Van Dijk, 2009.)

As atitudes servem como mecanismos pelos quais os interlocutores, os usuários da linguagem, expressam suas visões e opiniões sobre acontecimentos, situações e sujeitos sociais. Como explica Van Dijk:

Como conhecimento socioculturalmente compartilhado, as atitudes são essencialmente sociais (JASPARS, FRASER, 1984). Elas não devem ser confundidas com opiniões pessoais armazenadas em modelos mentais, fato bastante comum na pesquisa tradicional sobre atitudes. Elas são compartilhadas por membros de grupos sociais, cada grupo com sua própria identidade, ações, normas e valores, relações com outros grupos e recursos (como base de seu poder e de sua reprodução) (VAN DIJK, 2016, P. s15).

Em um escopo mais amplo, essas atitudes atuam como substratos fundamentais que dão suporte a todas as práticas sociais manifestadas pelos membros de um grupo específico. São ecos do coletivo, refletindo, por exemplo, na maneira coletiva de perceber questões sensíveis como sexismo, matizes do racismo e as intrincadas questões da pobreza. E, à medida que o conhecimento universal tem o poder de influenciar os modelos mentais, estas posturas podem, de igual modo, evoluir para convicções mais específicas e personalizadas dentro destes mesmos modelos. “Crucial para nosso quadro teórico é que a relação entre estrutura social, tal como as relações de dominação entre grupos, conforme exercidas, por exemplo, nas práticas sociais discriminatórias, é mediada por representações mentais de tais atitudes” (Van Dijk, 2016, P. s15,16.). E Em âmbitos discursivos, é visível a distinção entre a manifestação em primeira pessoa, refletindo uma opinião, e em terceira pessoa, denotando uma atitude (ideologia do grupo), como bem observou Van Dijk (2012).

Ao nos debruçarmos sobre este universo de posturas e percepções, a essencialidade do *conhecimento* se evidencia. Afirmo, portanto, que a verdadeira batalha contra qualquer injustiça social só pode ser travada quando se tem clareza e profundidade de compreensão sobre ela.

Conhecimento

Uma variável primordial nos modelos de contexto é o discernimento que os usuários da língua devem ter em relação ao universo cognitivo, o conhecimento, dos seus interlocutores. No âmbito discursivo, o conhecimento mútuo e o que chamamos de Terreno Comum estão enraizados numa simulação abrangente de saberes e intenções do outro, que se desenha por analogia com as nossas próprias cognições. Este pano de fundo é também construído a partir de modelos de experiências partilhadas—sejam elas referentes a situações comunicativas passadas ou ao tecido sociocultural comum entre membros de coletividades linguísticas e epistêmicas (Van Dijk, 2016, p. s13).

Neste cenário, o conhecimento é articulado como uma estrutura mental organizada de crenças factuais, compartilhadas por um grupo ou cultura, passíveis de serem avaliadas segundo os critérios de verdade que esse coletivo adota—critérios esses que não são estáticos, mas sim historicamente mutáveis. Importa ressaltar que o que é catalogado como "conhecimento" para um determinado grupo, época ou cultura pode muito bem ser relegado ao domínio das "crenças" ou "opiniões" por outros agrupamentos sociais (Van Dijk, 2018, P. 203).

Para os Estudos Críticos do Discurso da ASC, é relevante elucidar que o conhecimento não é uma mera acumulação de dados, mas um elemento dinâmico que opera em constante interação com mecanismos sociais e cognitivos mais amplos. Essa dimensão do conhecimento é de suma importância para a compreensão de diversos aspectos na ASC. Inicialmente, o conhecimento é o alicerce para a construção dos modelos mentais, representações cognitivas que formulamos para decodificar, interpretar e avaliar discursos e eventos, como práticas discriminatórias contra minorias e suas lutas anti-hegemônicas. Estes modelos mentais, vale ressaltar, delineiam nossas percepções e comunicações, atuando como estruturas orientadoras em nosso engajamento com o mundo. E são as *ideologias* que servem para estruturar nosso conhecimento do mundo de maneira que este se alinhe com as visões de mundo e os interesses de um grupo social específico.

- Ideologias

Ideologia é um intrincado sistema de crenças sociais “partilhadas, fundamentais e axiomáticas de grupos sociais específicos (socialismo, neoliberalismo, feminismo, (anti)racismo, pacifismo, etc.)” (Van Dijk, 2009, P. 82). Um conjunto de representações mentais que estruturam nossa visão da realidade. Estas crenças, importa sublinhar, são coletivas, compartilhadas pelos membros de grupos sociais específicos, atuando como filtros cognitivos que direcionam não apenas nossa compreensão do mundo, mas também nossas ações dentro dele. Como nos explica Van Dijk, a ideologia é o cerne cognitivo do grupo social incorporado ao conhecimento compartilhado entre o coletivo:

Tais ideologias constituem o esquema cognitivo básico de um grupo e de seus interesses, definido por tais categorias gerais como as identidades, ações, metas, normas e valores, relações com outros grupos e os recursos (de poder) de um grupo. Em outras palavras, junto com o conhecimento de grupo socialmente compartilhado, elas são o núcleo cognitivo da coletividade social (Van Dijk, 2016, P. s16).

As ideologias tendem a reforçar ou justificar as posições dominantes de certos grupos em detrimento de outros, estando, portanto, umbilicalmente ligadas às estruturas de poder e ao próprio *status quo* social, econômico e político. Assim, entender o conceito de *ideologia* para ASC é incontornável para aqueles que buscam entender como o discurso serve como um mecanismo ativo na construção e perpetuação de relações de poder. Nisso é preciso atentar as estruturas da *semântica global* e *semântica local*.

A exploração do conceito de ideologia, reconhecido como um constructo complexo e multifacetado, é indispensável para a dissecção das dinâmicas de poder e identidade nas sociedades modernas. Essa compreensão se aprofunda através do diálogo com as teorias propostas por Eagleton, Geuss, Thompson e Van Dijk, cujas ideias se entrelaçam na identificação do papel vital que as ideologias, compartilhadas coletivamente por grupos sociais distintos, desempenham na moldura das percepções e atuações tanto individuais quanto coletivas. A caracterização das ideologias como fenômenos coletivos, unanimemente destacada por esses pensadores, enfatiza a relevância de crenças e valores compartilhados na construção de identidades grupais e na condução de comportamentos dentro do espectro social.

Adicionalmente, a relação intrínseca entre ideologia e poder é um ponto de concordância entre esses autores, que apontam para a capacidade das ideologias de sustentar ou mesmo de desafiar as hegemonias de poder, afetando conseqüentemente as estruturas sociais, políticas e econômicas. A abordagem única de Van Dijk, ao priorizar a dimensão

cognitiva das ideologias e sua expressão no discurso, oferece uma valiosa dimensão psicológica e linguística que complementa as análises sociológicas e filosóficas de Thompson, Eagleton e Geuss. Van Dijk articula como as ideologias servem como esquemas mentais que orientam a interpretação do mundo por parte dos grupos e influenciam suas interações dentro dele, funcionando como verdadeiros filtros cognitivos.

Esta perspectiva revela a funcionalidade das ideologias tanto no plano individual quanto no coletivo, ressaltando o papel crítico da análise do discurso na investigação de como o discurso perpetua ou contesta as configurações ideológicas. A diferenciação introduzida por Van Dijk entre as estruturas semânticas globais e locais fornece uma metodologia refinada para a dissecação da presença das ideologias no discurso, permitindo uma análise mais detalhada de sua articulação e reforço nas práticas comunicativas.

- Macroestruturas semânticas

A coerência geral de um discurso é determinada através de uma estratégia em sua macroestrutura semântica, ou seja, o tópico central que permeia o discurso e que atua como um núcleo organizador dos significados locais, parcialmente manifestados pelas orações que compõem o discurso (Van Dijk, 2016, P. s23). No estudo da semântica global, os tópicos do discurso são principalmente intencionais e conscientemente controlados por quem fala, eles incorporam as informações (subjetivamente) mais importantes de um discurso, expressam o 'conteúdo' geral dos modelos mentais de eventos e, talvez o mais importante, representam o significado ou a informação que a maioria dos leitores retém melhor de um discurso (Van Dijk, 2009, P. 85), impactando na memória e, conseqüentemente, em suas ações subseqüentes. Assim dizendo, tópicos bem definidos e expressos têm maior probabilidade de serem lembrados pelos leitores ou ouvintes, e isso pode influenciar suas decisões e comportamentos futuros. Uma das relevâncias dos tópicos para os ECD como estrutura se dá por:

Por razões contextuais, selecionamos tópicos como uma estrutura significativa para estudar porque eles geralmente são controlados por oradores poderosos, porque influenciam muitas outras estruturas de um discurso (como sua coerência global), e porque têm os efeitos mais óbvios nos destinatários (na memória e nas ações subseqüentes) e, portanto, no processo de reprodução que subjaz ao poder social e à dominação (VAN DIJK, 2009, P. 86).²³

23 Tradução nossa de: “For contextual reasons, we select topics as a significant structure to study because they are usually controlled by powerful speakers, because they influence many other structures of a discourse (such as its global coherence), and because they have the most obvious effects on the (memory and consequent actions of) recipients and hence on the process of reproduction that underlies social power and dominance.” (VAN DIJK, 2009, p. 86).

A constante influência exercida por figuras de poder e prestígio faz com que suas opiniões e valores se insiram sorrateiramente na consciência coletiva, alinhando o entendimento coletivo às perspectivas de quem detém o poder. Além disso, os tópicos desempenham um papel crucial na influência de outras estruturas de um discurso. Eles podem afetar a coerência global do discurso, organizando as ideias e fornecendo uma estrutura que conecta várias partes do conteúdo. Dessa forma, os tópicos atuam como pontos de ancoragem que ajudam a construir uma narrativa coesa.

No universo da 'macroestrutura semântica', oriunda das estruturas locais (micro), os tópicos assumem um papel basilar, sendo a matéria-prima que globalmente articula o discurso e confere coerência ao texto e à oralidade. Os tópicos representam “sobre o que” um discurso está tratando em termos globais, incorporam as informações mais importantes de um discurso e explicam a coerência geral do texto e da fala (CF. Van Dijk, 1980). Estes tópicos são como o centro, o significado global da produção e compreensão do discurso, constituindo o núcleo mnemônico que mais eficazmente se aloja na memória dos interlocutores. Dado o desafio humano de absorver e gerir todas as minúcias significativas de um discurso, os utilizadores da língua arquitetam mentalmente esses múltiplos significados em tópicos globais. E, indo além do mero contexto discursivo, a significância desses tópicos repercute em escalas sociais mais amplas, orientando os rumos adotados por falantes, instituições e coletividades, e exercendo, assim, um impacto decisivo sobre o discurso subsequente e a ação em si (Van Dijk, 2001, 2005).

Por fim, podemos perceber que em termos de estruturas tópicos/ macroestruturas realmente representam princípios de alto nível, às vezes abstratos. São uma expressão mais ou menos direta de alguns princípios de uma ideologia. Em outras palavras, as macroestruturas semânticas expressam os princípios e, em seguida, aplicam esses princípios a um caso específico (Van Dijk, 2001, P. 103).

De fato, em termos de macroestratégias, as macroestruturas globais ocupam um nível hierárquico superior, enquanto as macroestruturas locais se situam em um estrato mais baixo da mesma hierarquia. As macroposições globais estabelecem os significados globais de fragmentos do discurso ou do discurso como um todo ao passo que as macroposições locais designam os significados das cláusulas e das frases, bem como seus significados, funções e ligações entre si, emergindo da seleção intencional que os locutores fazem com base em seus modelos mentais de acontecimentos ou crenças socialmente compartilhadas. (Van Dijk; Kintsch, 1983, P. 89). Elas interagem entre si atuando

colaborativamente. Para entender o que um discurso está tratando globalmente, muitas vezes precisamos olhar para o nível local, ou seja, as partes individuais do discurso, como as frases, seus aspectos sintáticos, relações pronominais e outros. Por outro lado, para compreender o significado exato e a função das frases individuais e como elas se relacionam, precisamos ter uma ideia do significado global ou do tema do discurso como um todo.

Desse modo, é substancial abordar o conceito de contexto como modelo mental subjetivo e como ele se enquadra para Análise do Discurso Crítica, como articulado por Van Dijk: Os contextos são uma forma especial de construção mental da experiência diária. Não há nada incomum ou que vá contra a intuição em considerar os contextos como modelos mentais, pois eventos comunicativos ou interações discursivas são tão parte da experiência cotidiana quanto qualquer outra coisa (2008, P. 71). O contexto não é apenas um mero pano de fundo, mas sim um componente interativo e dinâmico que tem um papel crucial na construção e na interpretação do discurso. Em outras palavras, significa que os contextos não são estáticos, mas sim algo que é criado e moldado pelas pessoas que estão interagindo. Ainda, Van Dijk:

Eu assumi que os contextos são construções dinâmicas e situacionais dos participantes, e dessa forma, minha definição se aproxima das abordagens construcionistas sociais. No entanto, ao contrário do construcionismo social antimentalista, eu defino essas construções como modelos mentais, ou seja, como representações na memória episódica, seguindo assim a visão predominante na ciência cognitiva. Ou seja, eu não reduzo os contextos como construções de discurso ou interação "observáveis", precisamente porque eles não o são: como construções, elas não são visíveis e se tornam "observáveis" apenas indiretamente quando controlam o discurso e a interação (VAN DIJK, 2009. p. 84).²⁴

Como construções mentais, os contextos não são visíveis por si mesmos. Eles se tornam "observáveis" apenas de maneira indireta, quando influenciam e moldam o discurso e a interação que ocorrem. Em outras palavras, os contextos são subjacentes e exercem influência por trás das interações visíveis, tornando-se evidentes por meio dos resultados que produzem.

²⁴ Tradução nossa de: "I have assumed that contexts are dynamic, situated constructs of participants, and in that way my definition is close to those of social constructionist approaches. However, unlike antimentalist social constructionism, I define these constructs as mental models, that is, as representations in episodic memory, thereby following the prevalent view in cognitive science. That is, I do not reduce contexts as constructs to "observable" discourse or interaction, precisely because they are not: as constructs they are not visible, and they become "observable" only indirectly when they control discourse and interaction" (VAN DIJK, 2009. p. 84).

As informações por ora apresentadas são capazes de fornecer bases para o entendimento de uma análise com a proposta da abordagem sociocognitiva (ASC), levando em conta o propósito deste trabalho em demonstrar como a representação da identidade de gênero masculina se constrói por meio o conhecimento socialmente partilhado através do discurso em redes sociais, em específico o perfil do *Instagram*, junto ao aparato cognitivo entre modelos de situação semântica e de contexto pragmático que conectam as estruturas do discurso com a do ambiente comunicativo e de interação social (Van Dijk, 2016). Dito de outro modo, o uso da linguagem e do discurso não é uma atividade isolada, mas está profundamente ligado à situação única em que ocorre, bem como às experiências e intenções pessoais dos envolvidos. Van Dijk prossegue:

Contudo, os usuários da língua não são apenas indivíduos, mas também atores sociais, membros de grupos linguísticos, epistêmicos e comunidades sociais e grupos sociais, instituições e organizações. Como membros de comunidades linguísticas, eles compartilham uma língua natural. Como membros de comunidades epistêmicas eles partilham diversos tipos de conhecimento sociocultural sobre eventos públicos, bem como estruturas genéricas do mundo natural e social. Como membros de grupos sociais e comunidades, eles compartilham normas e valores e as atitudes e ideologias neles baseadas. (VAN DIJK, 2016, p. s14).

No contexto da abordagem sociocognitiva ao estudo da masculinidade reificada, emerge a distinção crítica entre macroestruturas globais e locais, ambas desempenhando papéis indispensáveis na configuração e na perpetuação de concepções normativas de masculinidade. As macroestruturas globais referem-se aos temas abrangentes que norteiam o discurso, funcionando como organizadores dos significados mais detalhados e específicos. Essas estruturas encapsulam as percepções e informações que são coletivamente aceitas sobre o que constitui a masculinidade, refletindo as ideias predominantes e socialmente compartilhadas sobre os atributos, comportamentos e expectativas inerentes ao ser homem. Tais percepções globais são frequentemente influenciadas por figuras de autoridade, cujas ideologias e valores determinam a orientação da compreensão coletiva sobre a masculinidade.

Em contraste, as macroestruturas locais abarcam os componentes discursivos mais imediatos, como frases e proposições específicas, manifestando-se em práticas linguísticas cotidianas, interações sociais e representações midiáticas que reforçam estereótipos de gênero. Através de escolhas linguísticas pontuais, características tradicionalmente associadas à masculinidade, tais como força, dominância e controle emocional, são apresentadas como qualidades estáticas e objetivas, reificando a masculinidade em nível discursivo.

Portanto, a interação entre macroestruturas globais e locais constitui um mecanismo fundamental na construção discursiva da masculinidade reificada, oferecendo um arcabouço

semântico e discursivo que solidifica e perpetua as noções estabelecidas de masculinidade dentro de um contexto social específico. Esta análise ressalta a importância de considerar tanto a dimensão global quanto a local na investigação das formas pelas quais as ideias de masculinidade são socialmente construídas, sustentadas e potencialmente desafiadas, sublinhando o papel do discurso na modelagem e no reforço das normas de gênero vigentes

Dito isso, um exame sob a perspectiva dos Estudos Críticos do Discurso (ECD) com uma Abordagem sociocognitiva (ASC) podemos discernir um intrincado entrelaçamento entre linguagem, cognição e contexto social, que se torna particularmente manifesto nos pontos cognitivos que formam o discurso. Assim, a estruturação do discurso é profundamente imbricada com modelos mentais dos eventos englobando a apreciação e o debate de diversas dimensões: macroestruturas semânticas globais (tópicos como argumentações, narrativas e resumos), macroestruturas semânticas locais (a semântica intrínseca das palavras, a arquitetura das proposições, a coerência e outras relações linguísticas, tais como a voz ativa e passiva), características formais (emprego de pronomes, pausas no fluxo discursivo etc.).

Além disso, essa análise se estende a modelos contextuais, representações cognitivas do próprio ato comunicativo que incluem fatores como os interlocutores envolvidos, suas intenções e o cenário em que a comunicação se desenrola, abrangendo tanto o contexto imediato quanto o contexto mais amplo; modelos episódicos que englobam elementos como memória episódica, espacialidade, participantes, ações, esquemas e *scripts* que atuam como molduras cognitivas que orientam a produção e a compreensão discursiva; e, por fim, a cognição social que abarca conhecimento, atitudes, ideologias, normas e valores socialmente partilhados que se tornam intrínsecos à maneira como interpretamos e produzimos discursos. Este leque de aspectos conflui para moldar tanto o discurso em si quanto suas implicações na estrutura social, incluindo ações e atores envolvidos.

Deste modo, nos estudos de Van Dijk, os elementos cognitivos não só constituem a espinha dorsal do discurso, como também são cruciais para entender como o discurso interage com, e por vezes perpetua, estruturas sociais e ideologias predominantes. Para dizer o essencial, verifica-se que: I- Diferentemente de abordagens mais tradicionais e prescritivas, existe uma atenção e esmero em abordar a língua sob uma perspectiva mais interacionista; II- É atribuída a devida importância aos fenômenos extralinguísticos no processo comunicativo; III- Considera-se que a concepção de contexto é fundamental para os estudos da linguagem; IV- Há um interesse nos modos pelos quais o discurso produz e reproduz o abuso de poder de um grupo sobre outros e em como, discursivamente, é possível resistir a tal abuso; V- O

conceito de ideologia transcende seu sentido negativo, que atrapalha o desenvolvimento do pensamento crítico, avançando para um sentido positivo de resistência, que busca corrigir injustiças sociais ou oferecer alternativas para mudanças sociais positivas.

3.3 Uma proposta de interface teórica: como as macroestruturas semânticas e o uso do léxico corroboram com o modo de operação da reificação no discurso machista em perfil do *Instagram*.

A interface entre as teorias de Thompson e Van Dijk pode ser construída em torno da ideia de que, embora suas abordagens sobre a natureza da ideologia sejam diferentes, ambas convergem na compreensão de que o discurso é um meio fundamental através do qual o poder é exercido e mantido na sociedade. Esta interface oferece uma visão mais rica e multidimensional das relações entre ideologia, poder e discurso, combinando a análise de formas simbólicas externas com a compreensão interna e cognitiva das ideologias.

Em meio à complexidade das relações sociais, emergem as ideologias dominantes, um fenômeno que não apenas reflete, mas perpetua as hierarquias de poder dentro de uma sociedade. A relevância desse conceito foi rigorosamente explorada por pensadores como Teun A. Van Dijk e John B. Thompson, cujas obras lançam luz sobre a perpetuação de tais ideologias através de práticas discursivas e simbolismos sociais, respectivamente. Neste trabalho, propomos uma imersão crítica nessa temática, elucidando como as ideologias hegemônicas são sustentadas e reproduzidas, tomando por base as perspectivas desses dois acadêmicos proeminentes.

Primeiramente, devemos entender que ideologias dominantes consistem em mais do que meros conjuntos de crenças: são estruturas que ecoam os interesses dos grupos mais poderosos de uma sociedade. Elas estão profundamente enraizadas nas nossas culturas e instituições a tal ponto que são frequentemente percebidas (quando são) como elementos "naturais" da ordem social, obscurecendo sua função na manutenção de desigualdades sistêmicas.

Van Dijk nos conduz através da intrincada rede de práticas discursivas, demonstrando como os discursos cotidianos, sejam eles manifestos em textos, diálogos ou meios de comunicação em massa, servem como veículos para a reprodução das ideologias dominantes. Este fenômeno ocorre frequentemente de maneira inconsciente, de modo que a linguagem é manobrada para sustentar estruturas de poder preexistentes. Exemplificando, a narrativa nos meios de comunicação pode ser tingida por visões etnocêntricas ou classistas, enquanto o discurso político pode silenciar determinadas demografias, e as interações diárias podem perpetuar estereótipos nocivos. (Van Dijk, 2005)

Por outro lado, Thompson articula a preponderância dos símbolos na manutenção do poder ideológico. Em nossa sociedade contemporânea, o poder está frequentemente ancorado no controle simbólico, particularmente na produção e propagação de materiais simbólicos que formam e informam as atitudes públicas. Tais materiais, gerados por entidades poderosas como mídia, corporações e governos, tendem a reforçar o *status quo*, estabelecendo um ciclo contínuo de dominação ideológica. (Thompson, 2011)

Um ponto crucial nessa discussão é o processo de internalização, pelo qual indivíduos, expostos repetidamente a certas representações e narrativas, começam a aceitar desigualdades sociais como "naturais" ou "merecidas". Esse fenômeno estreita o campo para questionamentos críticos e resistência, solidificando as fundações das ideologias dominantes.

No entanto, é imperativo reconhecer que, embora poderosas, as ideologias dominantes não são absolutas nem incontestáveis. Resistência, tensionamento e contranarrativas surgem como formas vitais de desafio e desconstrução. Embora de campos diferentes, Van Dijk da Linguística e Thompson da Sociologia, ambos concordam que o discurso de tensionamento, seja ele manifestado através de mídias alternativas, ativismo ou diálogo social, é essencial para dismantelar normas e representações opressivas.

Na análise crítica das estratégias subjacentes à reprodução de ideologias dominantes, é imprescindível revisitar os cinco modos de operação da ideologia delineados por Thompson, descritos como: Legitimação, Dissimulação, Unificação, Fragmentação e Reificação (como descritos no ponto 3.1.3). Entendendo que para Thompson as ideologias não são meros conjuntos de crenças, mas práticas simbólicas que servem para manutenção do poder, a compreensão aprofundada desses modos é vital para a intenção de desvelar os mecanismos que sustentam as relações de poder nas estruturas sociais contemporâneas. Este processo de desconstrução não é meramente teórico, mas possui implicações práticas significativas. Ele ilumina os caminhos para a resistência efetiva contra as estruturas de poder estabelecidas e aponta para a promoção de uma mudança social mais robusta e fundamentada. Ao identificar e compreender como esses modos operam na perpetuação das ideologias, torna-se possível articular estratégias de contranarrativas e práticas que desafiem a ordem vigente e fomentem a transformação social.

Ao adentrarmos no campo específico da Análise de Discurso Crítica (ADC) valendo-se da abordagem sociocognitiva, encontramos ferramentas precisas para desemaranhar o emaranhado da *Reificação* ideológica. Como por exemplo, uma vez já mencionado no ponto

3.2.1, no estudo da semântica global, os tópicos ou macroestruturas semânticas do discurso são principalmente intencionais e conscientemente controlados por quem fala, eles incorporam as informações (subjetivamente) mais importantes de um discurso, expressam o 'conteúdo' geral dos modelos mentais de eventos e, talvez o mais importante, representam o significado ou a informação que a maioria dos leitores retém melhor de um discurso (Van Dijk, 2009, p. 85). No discurso, as macroestruturas semânticas são essenciais, funcionando como sínteses ou generalizações de conjuntos de proposições que estabelecem a base para a compreensão de textos ou discursos. Essas macroestruturas facilitam a formação de uma compreensão abrangente ou de um tema central, orientando a interpretação dos leitores ou ouvintes.

Dentro dos Estudos Críticos do Discurso, aspectos como macroestruturas semânticas e o uso do léxico revelam-se fundamentais. As primeiras referem-se aos temas globais ou conceitos que um discurso transmite, formando o 'quadro' interpretativo. A reificação,²⁵ nesse contexto, pode ser identificada quando determinadas ideias são apresentadas como imutáveis. Paralelamente, o uso do léxico — o processo de manifestar ideias através de escolhas lexicais específicas — pode servir para solidificar conceitos reificados

Em particular, no processo de reificação, as macroestruturas semânticas adquirem uma capacidade significativa de transformar conceitos abstratos ou processos sociais em entidades percebidas como tangíveis ou naturais. Por exemplo, em discursos relacionados ao sexismo e machismo, as macroestruturas semânticas podem operar para solidificar e simplificar as complexas relações de gênero e poder, apresentando-as como fenômenos quase 'naturais' ou inevitáveis. Esta abordagem reduz a complexidade das dinâmicas de gênero a padrões simplificados, muitas vezes ignorando as raízes históricas e socioculturais do sexismo e reforçando estereótipos de gênero. Ao fazer isso, as macroestruturas semânticas podem inadvertidamente perpetuar visões distorcidas de relações de gênero, contribuindo para a manutenção de estruturas de poder desiguais e dificultando o reconhecimento e a contestação do sexismo e do machismo em diversos contextos sociais.

Na abordagem sociocognitiva, macroestruturas locais (o léxico; as palavras escolhidas e as estruturas de frases usadas) não são inerentemente ideológicas, mas adquirem significado

²⁵ Aqui relembramos e enfatizamos o reconhecimento que outros modos de operação ideológica podem influenciar o *corpus* analisado. Ainda que a ênfase recaia sobre a Reificação, também observamos como o modo da Legitimação permeia o *corpus* analisado. Permanece-se assim aberta a percepção e análise dos demais modos de atuação da ideologia sobre os dados em estudo.

ideológico quando inseridas em contextos cognitivos e sociais mais amplos. No processo de Reificação, essa inserção lexical é crucial para transformar conceitos abstratos, relações sociais ou processos dinâmicos em entidades tangíveis ou estáticas, consolidando assim certas percepções e crenças como se fossem fatos objetivos ou realidades naturais. Por exemplo, a utilização repetida de termos como "ordem natural" em discussões sobre estruturas sociais pode levar à reificação dessas estruturas, solidificando-as como inalteráveis ou inerentemente justas, apesar de serem construções sociais. Portanto, na abordagem sociocognitiva, o uso do léxico na Reificação é uma ferramenta poderosa na perpetuação de ideologias, pois contribui para a formação de modelos mentais que refletem e reforçam as estruturas de poder existentes, obscurecendo a sua natureza construída e mutável.

Na abordagem sociocognitiva da Análise do Discurso Crítico (ADC), conforme articulado por Van Dijk (1995), o discurso é concebido como uma entidade complexa, imbricada em múltiplas camadas de cognição e socialização. Nesta perspectiva, a linguagem — especificamente a escolha lexical e construção frasal — é inicialmente neutra em termos ideológicos, adquirindo conotações ideológicas apenas quando integrada em uma estrutura cognitiva e social mais ampla.

Por exemplo, considerando a ideologia sexista, uma frase como "mulheres são naturalmente mais intuitivas" pode parecer neutra, mas adquire conotações ideológicas quando inserida em um contexto mais amplo que promove estereótipos de gênero, implicando uma divisão naturalizada de habilidades baseadas no gênero. De maneira semelhante, a afirmação "homens não devem expressar emoções" pode inicialmente parecer uma observação cultural, mas se torna uma expressão da ideologia sexista quando alinhada a um sistema de crenças que reforça a noção de masculinidade nociva. Van Dijk enfatiza que tais expressões linguísticas adquirem seu caráter ideológico dos modelos mentais que são compartilhados socialmente, os quais servem para perpetuar certas estruturas de poder, e não da cognição social em si. Esta perspectiva é fundamental para entender a interação entre o discurso individual e as cognições sociais mais abrangentes, bem como as estruturas de poder, dentro da análise do discurso crítico.

No contexto da análise sociocognitiva da ideologia sexista e machista, a reificação através da macroestrutura local (no uso do léxico) emerge como um fenômeno significativo, desempenhando um papel crucial na perpetuação de percepções e crenças de gênero arraigadas. Na estrutura desta ideologia, termos e expressões específicos não apenas refletem, mas ativamente reforçam estereótipos e normas de gênero, transformando conceitos de gênero

e papéis sociais em entidades percebidas como inatas e imutáveis. Por exemplo, a utilização de adjetivos como "frágil" ou "emocional" para caracterizar mulheres, e "forte" ou "racional" para homens, contribui para a solidificação de estereótipos de gênero, sugerindo uma naturalização de atributos sociais e culturais. Além disso, enunciados que atribuem papéis específicos de cuidado às mulheres e de provimento aos homens exemplificam a reificação de papéis sociais, onde práticas e comportamentos culturalmente construídos são apresentados como fenômenos naturais ou biológicos. Esta lexicalização reificadora é evidente também na normalização de comportamentos machistas em expressões coloquiais e na representação de gêneros na mídia, onde as descrições e narrativas frequentemente se alinham a padrões sexistas estabelecidos.

Portanto, no âmbito dessa dissertação que explora as dinâmicas de poder no gênero masculino, a análise das macroestruturas semânticas globais e locais quanto a análise do uso do léxico na *reificação* dentro da ideologia machista revela-se como um vetor crítico para a compreensão e possível tensionamento das estruturas ideológicas que sustentam e perpetuam as desigualdades de gênero na sociedade.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, esclarecemos a metodologia adotada na análise do *corpus*, que constitui a interface entre as macroestruturas semânticas globais e locais (no uso do léxico), além de sua contribuição substantiva para a forma simbólica do modo de operação da Reificação no discurso sexista. A pesquisa segue uma abordagem mista, combinando elementos dedutivos e indutivos, com o objetivo de explorar as interações entre discurso, ideologia e estruturas sociais.

4.1 Tipificação da pesquisa

Conforme as definições de Bago (2010, APUD Marconi & Lakatos, 2022, p. 169) e Ander-Egg (1978 apud Marconi & Lakatos, 2022, p. 169), a pesquisa é um processo reflexivo, sistemático e crítico. Neste estudo, optamos por uma abordagem metodológica hipotético-dedutiva. Iniciamos nossa investigação observando os discursos presentes nos *posts* de um perfil da rede social *Instagram*, mais especificamente, no perfil intitulado “fúria_e_tradição”. A nossa análise se concentrou em compreender como esses discursos sustentam relações de dominação. Esta pesquisa se caracteriza por sua abordagem interdisciplinar, promovendo a interface entre a sociologia, com destaque para a teoria social crítica de comunicação de John

B. Thompson, e os Estudos Críticos do Discurso, com ênfase na abordagem sociocognitiva de Van Dijk.

4.1.1 Abordagem Exploratória e Qualitativa

Esta pesquisa adota uma abordagem exploratória, como descrita por Gonsalves (2003), fornecendo uma base sólida para investigações futuras. O nosso método incluiu a realização de um levantamento bibliográfico e a análise dos dados coletados a partir dos *posts* na página do Instagram "Fúria_e_tradição". Nossa análise se concentrou nas macroestruturas semânticas globais e locais e em como esses aspectos corroboram a forma simbólica do modo de operação da Reificação no discurso sexista. A natureza da pesquisa é predominantemente qualitativa, priorizando-se a análise descritiva e explicativa de textos, com o objetivo de compreender fenômenos sociais para além das medidas objetivas.

4.1.2 Metodologia Explicativa e Documental

Nossa pesquisa tem uma natureza explicativa, buscando identificar e avaliar o modo de operação ideológico da Reificação, bem como a relação entre as macroestruturas semânticas e os fenômenos cognitivos presentes nas formas simbólicas do discurso sexista. De acordo com Gil (2008 apud Paiva, 2019, p. 14), nosso propósito é compreender os fatores determinantes desses fenômenos. Além disso, a metodologia empregada pode ser classificada como documental indireta (Marconi, 2010), uma vez que se baseia na análise de conteúdo disponível no perfil da rede social Instagram, onde as manifestações do discurso sexista são observadas e estudadas.

Essa abordagem interdisciplinar nos permite aprofundar nossa compreensão das dinâmicas ideológicas presentes no discurso de construção e manutenção da identidade de gênero masculino, bem como a influência dos aspectos cognitivos nesse processo, especialmente na manifestação do modo de operação ideológico da Reificação.

4.2 Coleta de dados e delimitação da amostragem

A amostra utilizada nessa pesquisa visa avaliar como as macroestruturas semânticas globais e locais corroboram com o modo de operação da reificação na construção e manutenção do masculino enquanto hegemonia. Além disso, busca compreender como as postagens no perfil "fúria_e_tradição" do *Instagram* reproduzem o discurso ideológico da masculinidade hegemônica, dessa masculinidade reificada, mesmo quando a masculinidade

não pertence a todos os homens. A investigação se propõe a explorar como se constrói a identidade de gênero masculino nesse contexto e quais ações podem ser desenvolvidas para criar uma ideologia de tensionamento social. O *corpus* de análise consiste em textos postados no perfil do *Instagram* “fúria_e_tradição”, conhecido por sua influência na disseminação desses discursos que tratam de masculinidade e paternidade. A pesquisa também tem como propósito fornecer um retorno para a sociedade enquanto nível de conhecimento, contribuindo para a luta contra a hegemonia de gênero e a resistência àqueles que abusam do poder.

4.2.1 Caracterização da rede social e do perfil

Posto que a análise a ser feita é de *posts* do *Instagram*, no que diz respeito a essa plataforma de mídia social lançada em 2010, é bom saber que o grupo *Facebook*, doravante *Meta*, em 2012, comprou o *Instagram* e no Brasil a plataforma tem sido amplamente adotada pelos usuários de redes sociais. Conforme o portal de estatística e dados de mercado *Statista*, o Brasil é o quinto maior mercado de mídias sociais do mundo e, de longe, o maior do continente sulamericano, com mais de dois terços de sua população tendo acesso a plataformas de mídias sociais. Ainda conforme o *Statista* em 2021, o Brasil foi o terceiro país com o maior número de usuários do *Instagram*, com cerca de 114,9 milhões de usuários ativos. Isso representa uma penetração de aproximadamente 55,28% da população do país. (Statista, S. Dixon, 2022.)

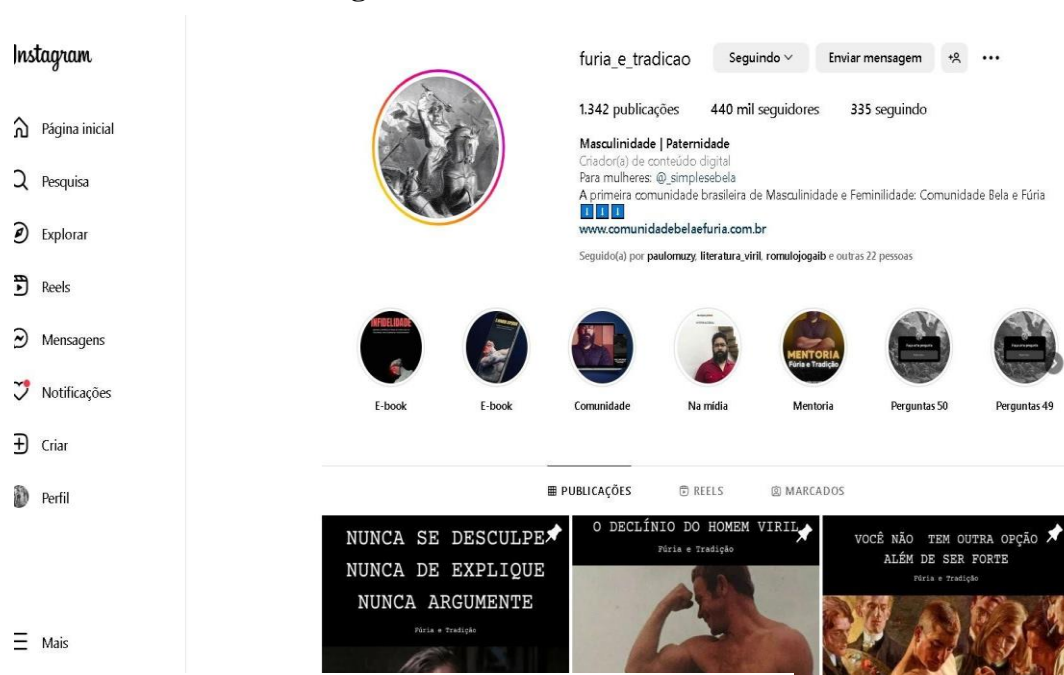
Podendo ser acessado de formas diferentes, das quais: aplicativo móvel, *site* oficial e *links* diretos que quando clicado conduz ou para o aplicativo instalado ou conduz ao *site*. Para criar uma conta no *Instagram*, é necessário ter um dispositivo compatível, como um *smartphone* ou *tablet*, que permita acessar o aplicativo do *Instagram* ou o *site* oficial. Durante o processo de criação de conta, será solicitado um endereço de *e-mail* válido ou um número de telefone válido. Essas informações serão usadas para verificar e confirmar a conta. Além disso, é preciso escolher um nome de usuário exclusivo que será associado à conta do *Instagram*. Este nome de usuário será usado para identificar e acessar a conta. É significativo mencionar que os requisitos relatados acima estão sujeitos a alterações ao longo do tempo.

Feita a criação da conta, o usuário da rede social pode permitir que outras contas o sigam e pode começar a seguir perfis ou contas de amigos e/ou influencers de seu interesse. Uma observação adicional é que, embora o termo "página" seja frequentemente associado ao Facebook, é preferível utilizar os termos "conta" ou "perfil" ao se referir ao Instagram. Conforme sugere a própria denominação, o perfil pessoal é recomendado para uso individual

por pessoas físicas. Por outro lado, a página no Facebook (também chamada de *fanpage*) destina-se à divulgação de empresas e como a conta do perfil “fúria_e_tradição” também é usada para divulgar cursos, ora será chamada de página ora de perfil. Por ser a terceira maior rede social mais usada no Brasil, perdendo colocação apenas para o *WhatsApp* e *YouTube*, o *Instagram* como ferramenta de comunicação digital reflete, em suas postagens, o uso da linguagem em ambiente virtual e a análise das postagens podem nos fornecer *insights* para entendermos como as pessoas constroem significados, negociam identidades e representam realidades por meio do uso da linguagem na era digital. Dentre os inúmeros perfis e seus mais variados nichos, o perfil: “fúria_e_tradição” dedicado a masculinidade e paternidade foi escolhido pelo nicho do qual trata e pela relevância em seguidores.

No início do perfil o/a seguidor/a encontra os elementos básico comuns como: (a) foto de perfil que representa a identidade do usuário; (b) o nome de usuário que é o que identifica a conta; (c) biografia que é onde o usuário pode escrever uma breve descrição de si ou qualquer informação que julgar relevante; (d) número de seguidores; (e) número de seguidos; (f) publicações que mostra o total de fotos e vídeos que foram compartilhados no perfil; (g) botões de ação que permitem aos usuários interatividade; (h) destaques que são álbuns de histórias fixadas no topo do perfil, local de maior destaque; (i) *feed* que é onde as publicações mais recente são exibidas em ordem cronológica inversa; (j) *stories* que são fotos e vídeos curtos que desaparecem após 24 horas. Como se pode ver na imagem (1) do perfil da conta.

Imagem 1



Fonte: https://www.instagram.com/furia_e_tradicao/
em: 02/06/23.

Na foto do perfil a imagem de um quadro que faz referência a batalha de Poitiers ou batalha de Tours e no centro da imagem encontramos Charles Martel, líder militar franco, importante na história da França por expulsar os árabes na batalha de Poitiers. “Chrétiens ont droit, païens ont tort”, “os cristãos são direitos, corretos, os pagãos não.” Essa frase retirada do poema épico a Canção de Roland traduz fortemente os ideais ocidentais que dão vida e são representados por Charles Martel. Não à toa a imagem dessa batalha parece ter sido escolhida já que semioticamente há uma mensagem a ser transmitida: honra e lealdade, heroísmo e coragem, fé e religião, dever e sacrifício, nacionalismo e identidade. Mesmo aqueles que não conheçam a história de Charles Martel e da batalha de *Poitiers* e de como esse episódio se tornou um símbolo histórico de patriotismo francês e mito fundador da nação, a imagem de um homem forte e poderoso sobre seu cavalo esmagando seus inimigos com um martelo em campo de batalha ainda transmite a ideia de poder e dominação, heroísmo e bravura, conflito, competição e violência (le Cahiers de l’Orient, 2017/4).

Imagem 2



Fonte: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto-jornal%3%ADstica/an-engraving-of-charles-martel-on-horseb-ack-with-foto-jornal%3%ADstica/2203499?adppopup=true> em: 03/06/2023.

Posto dessa forma, optamos por escolher o perfil público “fúria_e_tradição” e a seleção das postagens com base também no uso do léxico, pois reconhecemos ser uma especificidade importante para compreendermos como as ideologias influenciam o

significado das palavras. Acreditamos que a seleção lexical desempenha um papel fundamental na moldagem das mensagens transmitidas pelo discurso e é, portanto, uma das principais dimensões do significado controladas pelas ideologias (Van Dijk, 1995).

A primeira postagem do perfil, datada de 15 de março de 2018, é uma defesa ao direito de portar armas, como mostra a legenda do *post*: “E se algum criminoso ameaçar a integridade física de sua família, você tem direito de usar força letal. O cidadão de bem deve ter o direito de portar armas.” Aproveitando o ensejo da menção da data da primeira postagem, é relevante chamar a atenção a expressividade que foi o ano de 2018 no Brasil, dado a ascensão da nova direita política do Brasil que conquista as eleições em outubro do mesmo ano, o que acarretou em políticas econômicas mais liberais; flexibilização de regulamentações ambientais, polarização política mais intensa no país, e uma postura mais conservadora em questões sociais defendendo valores tradicionais e religiosos, para citar alguns exemplos. A reação a mudanças de transformações sociais e o conservadorismo ganham força e começam a fomentar e delinear as reproduções sociais, ou seja, os processos pelos quais as estruturas, normas e valores de uma sociedade são transmitidos e mantidos ao longo do tempo. Ter conhecimento dessa circunstância é significativo pois, uma das ocupações do Estado é a reprodução e difusão da ideologia dominante privilegiando a classe ou as classes que obtêm os maiores benefícios das relações sociais existentes, ou seja, de modo geral o Estado age em conformidade com as classes dominantes (Thompson 2011).

Já a segunda postagem, feita em 20 de março de 2018, começa a abordar o tema de nosso interesse de pesquisa, o da masculinidade e do que é ser homem, como se vê a seguir:

Imagem 3



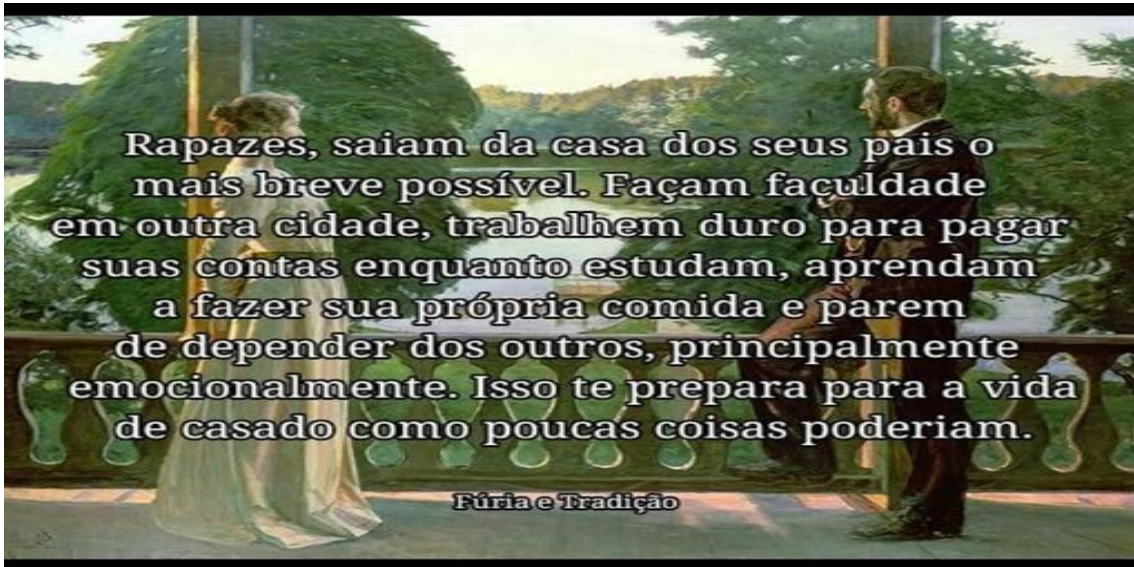
Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bginh0egVTF/>.

Nesse segundo *post* do perfil e primeiro a tratar de masculinidade encontramos pela primeira vez o uso do léxico “homem” e logo em seguida no espaço da legenda há um texto no qual encontramos um discurso apresentando razões pelas quais nossa estrutura social falha em formar homens e seguidamente apresenta discursivamente possibilidades de como formar homens adequadamente. A abordagem sociocognitiva evidencia que da mesma forma que estruturas sociais são compreendidas, interpretadas e representadas cognitivamente influenciando diretamente na produção e interpretação do discurso, o discurso é capaz de afetar a estrutura social, em específico através das representações mentais dos usuários da língua (Van Dijk, 2016). O que se quer dizer é que as experiências pessoais as quais um indivíduo vive tais como apreensão de normas, valores e relações sociais, constroem seu cognitivo e essa compreensão do que foi vivido, essa compreensão cognitiva das estruturas sociais exerce, por sua vez, uma influência na forma como o discurso é produzido e interpretado, dado que, por ser produzido e compreendido por processos mentais complexos, o discurso é uma expressão da cognição humana. Ao mesmo tempo, o discurso não é um mero reflexo dessas estruturas sociais que são vivenciadas e aprendidas em representações mentais. O discurso tem o potencial para afetar diretamente essas mesmas estruturas, contribuindo para a construção e manutenção da estrutura social ou para questioná-la e desafiá-la, influenciando a forma como as pessoas percebem, apreendem e respondem a tais estruturas.

Tendo em mente o que Van Dijk (2016) diz sobre o pessoal e o social, no processamento do discurso, encontrarem-se inextricavelmente interligados, nos deparamos durante a leitura da legenda com: “Os meninos[...]sendo deixados à própria sorte [...], principalmente por ausência paterna, motivada por excesso de trabalho do pai ou separação do casal, onde a guarda fica primariamente com a mãe.” O que reforça o conhecimento do grupo, pela verificabilidade. Afinal, no sistema social, político e cultural em que o poder e a autoridade são predominantemente exercidos por homens (leia-se: patriarcalismo), cabe às mulheres a responsabilidade e tarefa de cuidar e educar os filhos, logo uma parte considerável daqueles que leem constata a afirmação. Podemos perceber o acionamento do conhecimento como estrutura mental de crenças verdadeiras compartilhadas pelo grupo e verificáveis pelo critério de verdade do mesmo grupo. Lembrando que no conhecimento do grupo está a ideologia. Em seguida, discursivamente nos é apresentado um molde de estrutura social responsável pelo fracasso da sociedade em não saber formar homens: “[...]nisso, somos uma geração de homens criados por mulheres, e que delas recebem a concepção errônea do que é o masculino. É impossível aprender a ser um homem pelos ensinamentos de uma mulher” [...]. O leitor, ao se deparar com essa parte do texto ativa seu modelo mental, sua representação cognitiva das próprias experiências, que vai além da representação semântica do texto, ele também aciona eventos, situações por ele vivenciadas que faz referência ao que o texto diz. Ele está no processo de construção do conhecimento moldado pelas interações linguísticas, experiências individuais, compartilhadas e coletivas, sendo influenciado por valores, crenças factuais e ideologias (Consistindo a ideologia de um sistema de crenças compartilhadas em grupo e empregadas para nortear suas práticas sociais e políticas) (van Dijk, 2005). O outro trecho da legenda diz: “A função de um homem é formar novos homens, e tal função tem sido preterida pelos homens e usurpada por mulheres que, por militância e ideologias, querem emascular a sociedade. [...] convido você, homem, a ponderar sobre sua própria concepção de masculinidade e como tem se apresentado ao mundo. A sua função de formar novos homens têm sido realmente posta em prática? Lembrando que o exercício da masculinidade não é apenas para próprio benefício, ou mesmo restrito apenas a família, mas se dá em um contexto comunitário/social, onde o ensino contribui para o caminhar correto de todos.” No excerto mencionado, o leitor é convocado a avaliar e tomar posição em relação à questão de formar novos homens, sendo influenciado pelo seu conhecimento e ideologia. Nesse contexto discursivo, a interação entre conhecimento, ideologia e atitude desempenha um papel crucial na tomada de atitude por parte do leitor.

A partir daí a linha do tempo do perfil é alimentada por outros *posts* que possuem conselhos e admoestações àqueles que desejam ser homens e pais. Como mostra as ilustrações retiradas dos *posts* do perfil:

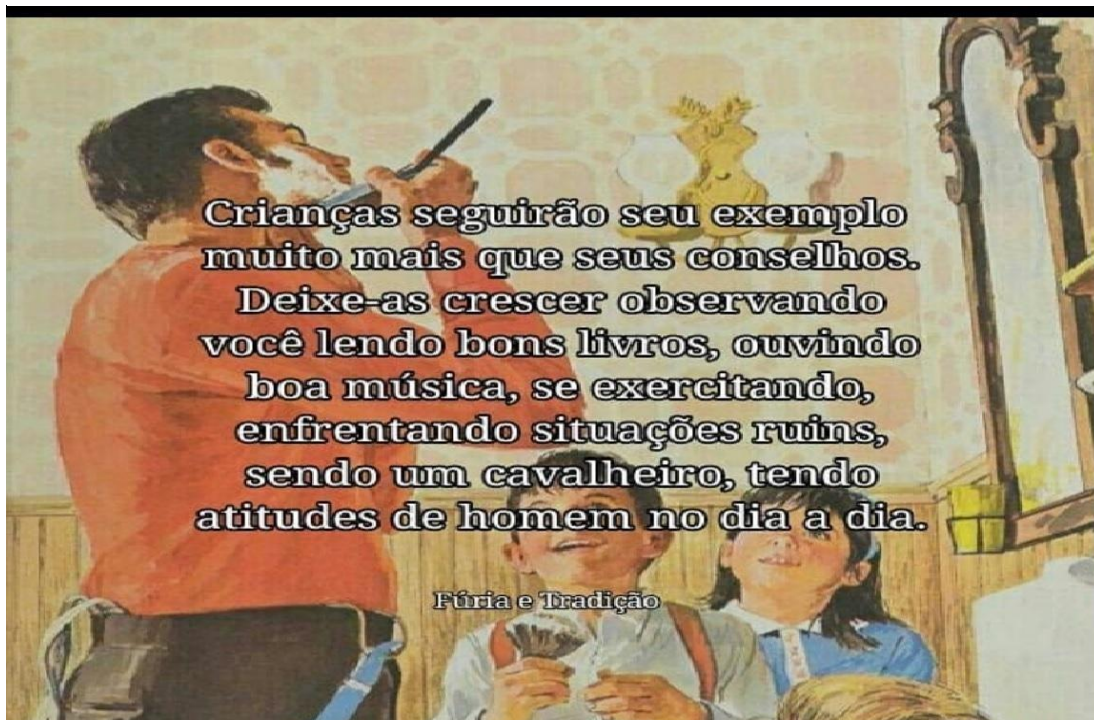
Imagem 4



Fonte: <https://www.instagram.com/p/bhaiqduugn3/?Next=%2F> em:13/06/23.

Aos rapazes (aqueles do sexo masculino, mas que ainda não homens) há o conselho: “saiam, da casa dos seus pais o mais breve possível. Façam faculdade em outra cidade, trabalhem duro para pagar suas contas enquanto estudam, aprendam a fazer sua própria comida e parem de depender dos outros, principalmente emocionalmente. Isso te prepara para a vida de casado como poucas coisas poderiam”. O que parece ser uma recomendação, um conselho despretensioso para a vida, está imbuído do conceito de masculinidade, o mesmo contido na ordem: “seja homem!” como se a masculinidade fosse um dever a se cumprir, um objetivo a ser alcançado. Atentem a escolha do modo imperativo dos verbos no texto: “saiam”, “façam”, “trabalhem”, “aprendam” e “parem”. Os verbos seguem a mesma premissa contundente: “seja homem”, dado que ser homem se diz mais no imperativo do que no indicativo. O que nos leva a refletir e questionar, por que é necessário repetidas vezes ordenar, aconselhar e instruir alguém a ser homem, considerando que se nasce homem, “é menino homem” dizem as parteiras quando nasce alguém do sexo masculino. Ou será que não se nasce? Ou a naturalidade da masculinidade não é tão evidente quanto se presume? Em última análise, é quase que inevitável não lembrar e parafrasear a resposta: não se nasce homem, mas sim se torna homem (Badinter, 1993).

Imagem 5



Fonte: https://www.instagram.com/p/bkpnksnb_vc/?Next=%2F em 13/06/23.

O texto do *post* diz: “Crianças seguirão seu exemplo muito mais que seus conselhos. Deixe-as crescer observando você lendo bons livros, ouvindo boa música, se exercitando, enfrentando situações ruins, sendo um cavalheiro, tendo atitudes de homem no dia a dia.” Embora a intenção nesta seção seja de uma breve apresentação do conteúdo apresentado pelo perfil “fúria_e_tradição”, exemplificamos singelamente alguns modos de operação ideológica encontrada no conselho dado no *post*, como o modo de legitimação, modo de naturalização e até mesmo, implicitamente, um modo de interdição.

- I- A sentença pode ser vista como um exemplo do modo de legitimação, pois sugere que existe um conjunto específico de comportamentos, atitudes e características que definem o que é ser um "homem" ideal. Ao mencionar a leitura de bons livros, ouvir boa música, se exercitar e enfrentar situações ruins, há uma promoção de valores e práticas que podem ser associados à noção tradicional de masculinidade.
- II- A sentença também pode ser considerada uma expressão do modo de naturalização, pois parece sugerir que esses comportamentos e atitudes são inerentemente "masculinos" e que é natural para os homens segui-los. Ao afirmar que as crianças devem observar você sendo um cavalheiro e tendo atitudes de

homem no dia a dia, há uma implícita ideia de que esses comportamentos são uma parte intrínseca da identidade masculina.

- III- Embora não esteja explicitamente presente na sentença, é possível identificar uma tendência à interdição de comportamentos considerados não conformes às expectativas de gênero estabelecidas. Ao enfatizar que as crianças devem observar um exemplo específico de masculinidade, pode haver uma marginalização implícita de comportamentos não alinhados com essa definição.

Imagem 6

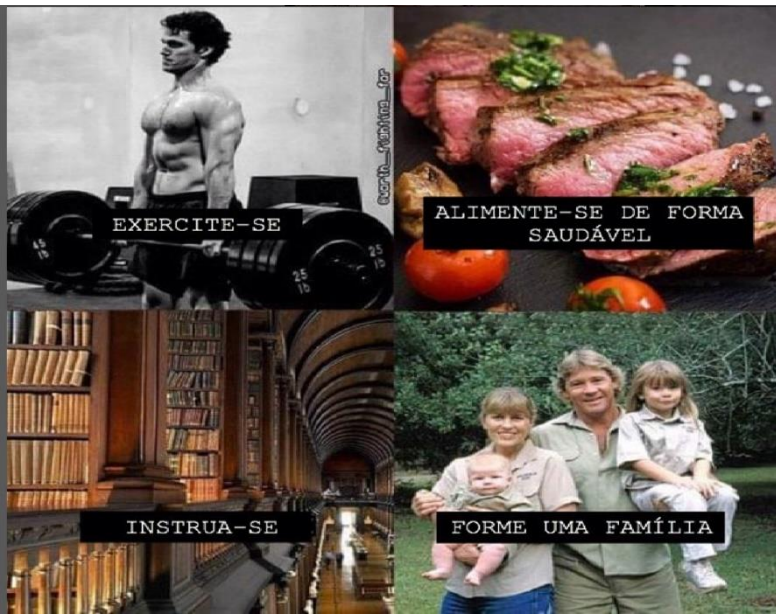


Fonte 1: <https://www.instagram.com/p/bugvdxtn5bf/?Next=%2F> em: 13/06/23.

A legenda intitulada, “Seja forte e seja homem” admoesta: “Vivemos em um mundo que denigre a honra, zomba de tudo que é superior, despreza a força e inteligência, classifica a masculinidade como tóxica e a feminilidade como inútil, um mundo que quer você de joelhos. Por que, nesse mundo, você está preocupado em aparentar ser um bom moço?” Ora, “Seja forte e seja homem” transmite a ideia de que ser forte é uma característica essencial para ser considerado homem. Essa combinação entre força física e masculinidade reforça o estereótipo da masculinidade ideal que se baseia em atributos físicos e emocionais específicos perpetuando a concepção de que certas características e comportamentos são inerentes aos homens.

Segue mais algumas imagens retiradas dos *posts* do perfil para corroborar a temática que os seguidores se deparam:

Imagem 10



Fonte: <httpswww.instagram.compciiod-8j6wu> em: 08/12/20.

Imagem 7



Fonte: <httpswww.instagram.compcmcjffmdevg> em: 15/03/21.

Imagem 9



Fonte: <httpswww.instagram.compclki47nh9y> em: 21/02/21.

Imagem 8



Fonte: <httpswww.instagram.compcnm5ollvxn> em: 13/04/21.

Em suma, reforçamos que esta seção teve como objetivo primeiro mostrar a temática de algumas das publicações feitas no *feed* do perfil “fúria_e_tradição”, caracterizando o conteúdo abordado pelo perfil para podermos fundamentar nossa escolha e análise dos *posts* selecionados. Além disso, nos exemplos expostos, também tentamos dar uma breve demonstração pelos textos dos *posts* de como o discurso manifesta a ideologia da

masculinidade reificada que se propaga pelas mídias sociais. Através dessa lente, examinamos o perfil “fúria_e_tradição” no *Instagram*, uma plataforma com um alcance global significativo. O perfil, que viu seu número de seguidores aumentar de 100k para 200k²⁶ entre 2020 e 2021, oferece um estudo de caso para a análise das macroestruturas semânticas em interface com o modo de operação da Reificação nas mídias sociais.

A seleção dos *posts* para análise foi deliberada, concentrando-se naqueles que utilizam o léxico 'homem' ou 'masculino' e 'ser', refletindo como o discurso é usado para moldar identidades e ideologias. Estes serão mostrados posteriormente no momento de análise, por essa razão tomamos a decisão de não colocarmos juntamente com os demais desta seção. A identificação e avaliação das macroestruturas semânticas nos textos desses *posts* junto a forma simbólica do modo Reificação, com foco no uso do léxico, permitiram uma compreensão mais aprofundada das intenções, preconceitos e impactos subjacentes ao discurso. Esta análise é crucial para revelar como certas ideias são enfatizadas ou marginalizadas nas redes sociais, refletindo ou influenciando estruturas de poder e relações sociais.

Nesse contexto, o fato de o perfil “fúria_e_tradição” ter conquistado 100 mil seguidores em pouco mais de um ano é um indicativo significativo para a compreensão da importância de uma plataforma de comunicação de massa na análise da ideologia. Esse crescimento expressivo demonstra o poder de engajamento e disseminação de conteúdo que as redes sociais proporcionam. Como explica John B. Thompson:)

O desenvolvimento da comunicação de massa aumenta, significativamente, o raio de operação da ideologia nas sociedades modernas, pois possibilita que as formas simbólicas sejam transmitidas para audiências extensas e potencialmente amplas que estão dispersas no tempo e no espaço (THOMPSON, 2011, P. 343).

Ao permitir que usuários compartilhem informações, opiniões e ideias de forma rápida e ampla, as plataformas de mídia social desempenham um papel crucial na formação de discursos e na disseminação de valores e visões de mundo. Eagleton (1991) nos diz que a ideologia pode ser uma questão de enunciados performativos, seja imperativo ou optativo ou interrogativo e outros, mas que em cada um desses atos de fala estão vinculadas suposições completamente discutíveis. Portanto, analisar a presença e o impacto de perfis como o "Fúria_e_Tradição" pode oferecer *insights* valiosos sobre a influência da ideologia em uma sociedade cada vez mais conectada digitalmente.

²⁶ A letra "k" é frequentemente usada como uma abreviação para representar mil em contextos numéricos e matemáticos. Essa convenção tem suas raízes na palavra grega "kilo", que significa "mil".

Seguindo as orientações de Van Dijk (2016, p. 17), reconhecemos a importância do conhecimento social compartilhado e das ideologias específicas às comunidades epistêmicas. No caso do perfil “fúria_e_tradição”, observamos um crescimento diário no número de seguidores, com uma variedade de motivações para seguir o perfil, desde interesse no conteúdo até a busca por identificação e conexão. Isso reflete a capacidade do Instagram de permitir a interação e a socialização do conhecimento, gerando um sentimento de comunidade.

Saber disso é fundamental em razão de entendermos que, para a abordagem sociocognitiva, há o conhecimento de base comum como crenças factuais compartilhadas e aceitas como “conhecimento” geral da sociedade e que há o “conhecimento” dentro do próprio grupo como uma estrutura mental organizada de crenças factuais compartilhadas e aceitas como verdadeiras por grupos sociais específicos que podem ser ‘verificadas’ pelos critérios de verdade daquele grupo (Van Dijk, 2008). Atente-se que esse conhecimento dentro do próprio grupo que é tomado como verdade, pode, fora do grupo, não ser chamado de “conhecimento”, mas de “crença” ou “opinião”. Ao passo que só poderemos entender um modelo de situação mental pessoal e específico de uma discussão sobre identidade de gênero ou sobre sexismo se tivermos e utilizarmos um conhecimento mais geral sobre machismo, sexismo, ondas feministas, homofobia, práticas discriminatórias etc. E por conseguinte, se estamos falando de conhecimento dentro do próprio grupo, estamos falando, implicitamente, de ideologia (Guisard, 2022).

Para fins didáticos e de pesquisa, decidimos definir os critérios de seleção do *corpus* por levar em consideração: a) o ambiente - analisado em termos de relações de poder e ideologia - dentro da plataforma de mídia digital *Instagram* em perfil que se propõe a resgatar “valores” e a ensinar sobre masculinidade e paternidade; b) os *posts* no *feed* cujos títulos possuam o uso do léxico “homem” ou “masculino” em sentença com verbo “ser” indicando o que é ou como ser homem; c) os *posts* selecionados estão no intervalo entre os *posts* de comemoração de 100k seguidores em 22 de setembro de 2020 e 200k seguidores em 12 de setembro de 2021. Frisamos que não foram levadas em consideração as postagens em formato de vídeos. Foram verificadas 30 publicações que alimentaram a linha do tempo do perfil entre as datas acima mencionadas, dessas selecionamos 03 que mais se acordam ao item -b para apresentar as análises. Examinamos, portanto, apenas os prints das postagens levando em consideração a legenda de cada um deles.

Por ser uma plataforma de fácil acesso e o perfil em questão ser alimentado diariamente ou por *posts* no feed ou por *stories*, foi verificado um volume considerável de postagens, sob a ótica dos Estudos Críticos do Discurso, averiguando como o uso da linguagem pode influenciar e ser influenciado por estruturas de poder e relações de dominação, examinando como os textos foram usados para construir formas simbólicas, naturalizar e eternalizar ideologia de uma masculinidade reificada.

Nossa pesquisa, portanto, ilumina a complexa interação entre forma simbólica de comunicação de massa, cognição e linguagem no *Instagram*, demonstrando a profundidade e a dinâmica dos processos discursivos. Essa interface sociocognitiva nos Estudos do Discurso Crítico se revela uma ferramenta analítica valiosa para explorar tais interações, especialmente em um ambiente de mídia social em constante evolução.

4.2.2 Procedimentos para análise dos dados

Dentro dos estudos da linguagem, a abordagem sociocognitiva (ASC) dos Estudos Críticos do Discurso emerge como uma ferramenta analítica particularmente pertinente à análise de plataformas digitais como o *Instagram*. Esta metodologia nos possibilita enfatizar a importância das macroestruturas semânticas que são as ideias ou conceitos de alto nível que capturam o tema principal de um texto ou discurso. Funcionando como abstrações sintetizadoras, essas macroestruturas são moldadas tanto por dinâmicas sociais quanto cognitivas, evidenciando a profunda interdependência entre a cognição humana e os contextos sociais e culturais na formação e interpretação de discursos.

Além disso, a ASC dos Estudos Críticos do Discurso, enquanto teoria/método interdisciplinar, permite a viabilização de uma interface com formas simbólicas (essas construções comunicativas carregadas ideologicamente), em específico, no modo de operação ideológico de Reificação. A Reificação, em essência, envolve a transformação de propriedades, relações e ações humanas -tais como papéis de gênero, estruturas de poder e normas culturais- em entidades que aparentam independência e naturalidade, mas são, de fato, construções sociais. A aplicação deste conceito à análise de conteúdos nos textos do perfil selecionado do *Instagram* permite um exame crítico de como tais construções são representadas e percebidas na plataforma, revelando as nuances da produção discursiva e ideológica neste espaço de mídia social. A metodologia, portanto, se dedica a explorar a macroestrutura dos textos dos *posts* selecionados, fazendo um inventário do léxico

empregado, incluindo os campos associativos quando aplicáveis, para posteriormente abstrair e discutir os modos de operação da ideologia embebidos nos discursos analisados.

A integração da abordagem sociocognitiva de Van Dijk (1983, 2001, 2008, 2009, 2018, 2020) com a análise do modo de operação da reificação de Thompson (2011) apresenta uma perspectiva inovadora para desvendar a interação entre cognição, linguagem e ideologia. As macroestruturas semânticas de Van Dijk, que representam as ideias-chave ou conceitos centrais em um discurso, ressoam profundamente com a abordagem de Thompson sobre como as construções sociais são reificadas nos discursos. Essa reificação, segundo Thompson, ocorre quando características, ações e relações humanas são apresentadas como se fossem fenômenos naturais e independentes, ocultando sua natureza construída e mutável. A abordagem sociocognitiva de Van Dijk permite identificar e analisar essas macroestruturas, revelando como elas ratificam a reificação ao solidificar determinadas ideias e concepções como se fossem verdades inquestionáveis. Ao examinar como as estruturas cognitivas dos indivíduos sofrem influência da forma simbólica da Reificação pelas macroestruturas semânticas, compreendemos melhor o poder da linguagem em construir realidades percebidas e influenciar ideologicamente o pensamento e a ação social. Esta análise conjunta das teorias de Van Dijk e Thompson oferece uma ferramenta crítica essencial para decodificar os processos discursivos e ideológicos, especialmente em contextos nos quais a linguagem é empregada para reforçar relações de poder e normas sociais.

O modo de operação da reificação, no contexto das macroestruturas semânticas, adquire robustez através da interação sinérgica de aparatos gramaticais como nominalização, sintaxe e uso lexical:

- Na gramática, a nominalização desempenha um papel crucial, transformando processos e ações dinâmicos em entidades estáticas, conferindo-lhes uma qualidade de objetividade e permanência. Por exemplo, conceitos como "autossuficiência" são reificados, transmutando comportamentos ou características mutáveis em qualidades essencializadas. Da mesma forma.

- A sintaxe, especialmente através da passivização, efetiva o ocultamento dos agentes de ação, promovendo uma percepção de fenômenos como inerentes ou inevitáveis. Este aspecto é vital na construção de narrativas sobre a masculinidade, onde características são apresentadas como se fossem intrínsecas ao "homem de verdade, o homem real", minimizando as influências socioculturais.

- Complementarmente, o léxico, com seus termos-chave e campos associativos, reforça essa reificação. Palavras selecionadas, carregadas de conotações culturais e ideológicas, ao serem empregadas reiteradamente, criam um campo associativo que solidifica e naturaliza certas ideias e concepções sobre a masculinidade. Este fenômeno evidencia-se na análise de discursos, especialmente em plataformas de mídia social, onde a escolha lexical, a estrutura frasal e a presença de técnicas como nominalizações e passivizações elucidam o processo de reificação em ação. Adicionalmente, contrastes e comparações entre diferentes manifestações do léxico e estruturas gramaticais em variados contextos podem revelar nuances na operacionalização da reificação.

A gramática, o léxico e a sintaxe, embora neutros em si mesmos, tornam-se ferramentas poderosas nas mãos de quem deseja transmitir ou reforçar ideologias específicas. Eles são empregados de maneira estratégica nas macroestruturas semânticas para moldar o pensamento, a percepção e, em última análise, percepção da realidade social. Esta utilização ideológica da linguagem é um componente central na análise de discursos, especialmente em contextos em que o poder, a cultura e a sociedade interagem.

Em suma, a observação atenta da gramática, sintaxe e léxico permite não apenas identificar, mas também compreender a materialidade do modo de operação da Reificação nas macroestruturas semânticas. Estas ferramentas linguísticas, longe de serem meros veículos de comunicação, são instrumentos ativos na modelagem de percepções da realidade, cristalizando e naturalizando conceitos e normas sociais em um processo contínuo de construção e manutenção de estruturas sociais e de poder.

Amostra das macroestruturas semânticas coletadas dos *posts* selecionados:

Da leitura do texto “Seja homem!”, depreende-se como informações que serão memorizadas pelo leitor são as seguintes macroestruturas:

Quadro 1- Macroestruturas globais do texto: "Seja homem!"

M1- Autossuficiência e independência pessoal
M2- Valorização do esforço próprio e desprezo pelo lamento
M3- Rejeição do medo e julgamento social
M4- Rejeição de comportamentos considerados infantilizados
M5- Assertividade e Imposição de limites nas relações sociais amorosas
M6- Evitar ser explorado em relacionamentos românticos e ter amor-próprio
M7- Incentivo à competição e à tomada de iniciativa

Fonte: O autor.

Da leitura do texto “Seja homem e seja reconhecido por isso” depreende-se como informações a serem memorizadas pelo leitor as seguintes macroestruturas:

Quadro 2- Macroestruturas globais do texto: "Seja homem e seja reconhecido por isso"

M1- Definição e Universalidade da Masculinidade
M2- Proteção como identidade e honra masculina
M3- Procriação como o imperativo masculino
M4- Imperativo de provedor com o domínio da natureza
M5- Masculinidade como <i>status</i> conquistado
M6- Energia, perigo e risco associados à masculinidade
M7- Competição entre homens
M8- Afirmação pública da masculinidade
M9- Criar mais, consumir menos

Fonte: O autor.

Da leitura do texto “Como ser masculino” depreende-se como informações a serem memorizadas pelo leitor as seguintes macroestruturas:

Quadro 3- Macroestruturas globais do texto: "Como ser masculino"

M1- Domínio e Poder
M2- Força, resiliência e desenvolvimento de caráter
M3- Integridade e valores morais
M4- Família e procriação
M5- resistência a mudança
M6- Autoridade sobre as mulheres
M7- Liderança

Fonte: O autor.

As macroestruturas semânticas coletadas dos três textos utilizados como amostras ("Seja homem!", "Seja um Homem e Seja Reconhecido por Isso" e "Como Ser Masculino") revelam um padrão consistente de repetição dos tópicos os quais:

- M1: Definição e universalidade do que é masculinidade;
- M2: Valorização da força, resiliência e desenvolvimento de caráter;
- M3: Procriação, integridade e moralismo;
- M4: Família, proteção e domínio;
- M5: Assertividade, *status* conquistado e resistência à mudança (reacionarismo);
- M6: Energia ou Vigor viril, propensão ao perigo, autoridade sobre as mulheres e
- M7: Competição, liderança e afirmação pública.

Esses padrões recorrentes evidenciam não apenas a construção de uma visão idealizada do padrão alfa de virilidade, um modelo fantasioso de masculinidade, mas também refletem valores arraigados e expectativas socioculturais associadas ao que é considerado "ser homem". Em síntese, as macroestruturas semânticas globais identificadas nas amostras textuais examinadas convergem para reforçar um conjunto de normas e comportamentos que moldam e sustentam as noções convencionais de masculinidade na sociedade contemporânea, que só uns poucos conseguem acessar.

Inventário do léxico

Quadro 4- Inventário do léxico dos três textos da amostragem.

1-Dominância e Poder
Dominante
Perigoso
Controlar
Liderar
Autoridade
2-Força e Resiliência
Forte
Resiliente
Resistente
Corajoso
Inabalável
3-Integridade e Valores Morais
Confiável
Íntegro
Honrado
Ético
Valores
4-Papel Protetor e Provedor:
Protetor
Provedor
Defensor
Segurança
Procriar
5-Autossuficiência e Responsabilidade:
Responsável
Independente
Autocontrole
Autoconfiante
Autossuficiente
6-Desenvolvimento de Caráter e Liderança:
Caráter
Disciplina
Líder
Exemplo

Inspiração
7-Família e Procriação:
Família
Casamento
Filhos
Lar
relações
8-Desafio às Normas Sociais e Autonomia:
Desafiar
Liberdade
Inalterado
Autonomia
Tradicional
9-Competitividade e Realização:
Competição
Sucesso
Realização
Conquista
Superioridade
10-Resiliência emocional e estoicismo
Estoico
Imperturbável
Emocionalmente forte
Firme
Controlado

Fonte:O autor

Com base nas análises dos três textos fornecidos ("Seja homem!", "Seja um Homem e Seja Reconhecido por Isso" e "Como Ser Masculino"), podemos identificar a materialidade pela escolha dum conjunto de léxicos que são frequentemente usados ou recorrentes dentro do campo associativo das macroestruturas semânticas. Aqui está um inventário desses léxicos, agrupados por temas associativos relevantes: este inventário lexical reflete a linguagem e os termos correntemente empregados para descrever, enfatizar e reforçar os conceitos tradicionais de masculinidade, conforme evidenciado nos textos submetidos à análise. Cada conjunto de léxicos desempenha um papel fundamental na configuração de um campo associativo específico, contribuindo assim para a consolidação e o fortalecimento das macroestruturas semânticas atreladas à masculinidade nas narrativas examinadas.

A análise empreendida desvenda que, a despeito da aparente neutralidade dos léxicos em si, eles adquirem conotações ideológicas significativas quando imbricados em discursos que espelham e fortalecem certas convicções e estruturas de poder. No que tange aos textos em questão, a seleção lexical atua incisivamente na construção e perpetuação de uma ideologia de masculinidade reificada que exalta dominância, força, integridade e papéis de

gênero tradicionais. Tal observação é de suma importância no contexto da abordagem sociocognitiva aplicada à análise crítica do discurso, pois ressalta a interconexão entre o discurso individual, as cognições sociais mais abrangentes e as estruturas de poder, evidenciando o papel da linguagem na moldagem e reforço destas cognições e formações de léxico que funcionam como símbolos ideológicos.

5. AVALIANDO AS EVIDÊNCIAS: UMA ANÁLISE MULTIFACETADA

Neste estudo, a análise se concentra na interface entre as macroestruturas semânticas da abordagem sociocognitiva Van Dijk e o modo de operação da Reificação de John B. Thompson, bem como na utilização estratégica das macroestruturas globais e locais. Esta abordagem visa compreender como esses elementos colaboram na construção da masculinidade reificada. No âmbito dos Estudos Críticos do Discurso (ECD), é fundamental desvendar as estruturas de poder subjacentes que emergem nas práticas discursivas, especialmente como se manifestam nos textos. Seguindo as orientações de Van Dijk (2001, p. 99), a análise enfoca inicialmente no 'conteúdo', enfatizando as macroestruturas semânticas e a escolha lexical.

Ao examinar os tópicos ou macroproposições semânticas, torna-se possível tornar explícito o controle ideológico frequentemente velado, revelado por meio das macroestruturas semânticas globais e locais. A análise também é crucial para compreender como as palavras e expressões contribuem para a reificação da masculinidade, reforçando ideologias dominantes e padrões de comportamento.

Além disso, o modo de operação ideológico da reificação desempenha um papel fundamental nesta análise. Este conceito, conforme proposto por Thompson (2011), refere-se à transformação de relações sociais e conceitos abstratos em entidades concretas e imutáveis. No contexto da masculinidade, a reificação opera ao transformar construções culturais e sociais de gênero em características percebidas como naturais ou essenciais. Isso não apenas sustenta normas de gênero, mas também influencia a percepção social e individual sobre o que constitui a masculinidade.

5.1 Análise do primeiro texto como amostra.

A análise foca primariamente nos textos escritos das legendas, proporcionando uma investigação direta das categorias discursivas que sustentam a dominação na sociedade. Enquanto outras abordagens analíticas, como as semióticas, podem oferecer perspectivas adicionais, o foco aqui reside na linguagem como meio de estruturar cognições e ideologias

sociais em relação à masculinidade. Através deste estudo, busca-se elucidar como a linguagem e as estruturas cognitivas associadas a formas simbólicas moldam e reforçam a construção do que entendemos como masculinidade reificada, desempenhando um papel significativo nas relações de poder e na perpetuação de ideologias de gênero.

Imagem 11



Fonte: https://www.instagram.com/p/CPT_9wuj9co/ acessado em: 03/09/2023. SEJA HOMEM!

Seja homem!

“Em tempos de feminilização dos homens, os conselhos abaixo são bem úteis e ajudarão a despertar muitos:

Ninguém te deve nada e você não é especial. Ninguém possui a obrigação de te fazer feliz ou dar as coisas que você deseja. Se tem uma coisa que meu velho pai me ensinou é: "Vá à luta!" Faça seu trabalho sem reclamar.

Me revolta quando um homem de quase 30 anos vem até mim reclamando, dizendo que eu não sei o que o pai dele fez com ele no passado. Não me interessa o quanto você sofreu e não me importo com isso, o único meio agora é seguir adiante. As suas dores são para te

tornar um homem melhor, não um chorão que vive buscando culpar os outros pelos próprios fracassos. Honre as calças que você veste.

Nesses tempos de justiceiros sociais vejo muitos homens preocupados com o que podem pensar deles e, por isso, vivem se escondendo. Ter esse medo é uma das piores coisas que podem te acontecer. Diga o que pensa sem medo do que podem pensar sobre você.

Você não precisa de platéia batendo palmas pro politicamente correto, mas a sua mulher vai precisar de um homem destemido ao lado. Até quando você vai se esconder? Pare de ser ressentido pelo sucesso dos outros e busque você mesmo seu caminho. Leia livros, levante pesos, pare de perder tanto tempo com brincadeiras e vídeo games, pare de ser um bobão que aceita ser humilhado em tom de brincadeira por "amigos" e colegas de trabalho todos os dias. Imponha limites e não tenha medo de romper contato com certas pessoas.

Pare de deixar mulheres se aproveitarem de você, que te vêem como um escravo que realiza todas as vontades dela. Pare de buscar migalhas de atenção de uma qualquer. Se você faz isso, você se vende muito barato. Pare de chorar por ex-namoradas. Enquanto isso ela está tendo relações com outro. Seja homem! Tenha amor-próprio!

Muitas vezes as coisas que deveriam ser suas acabam indo para outras pessoas menos qualificadas. Sabe por quê? Porque os outros tiveram coragem de ir tentar, deram o primeiro passo enquanto você ficou parado com medo de tentar. Cara, saia dessa inércia. A vida vai se configurar enquanto você está parado pensando. Tenha atitudes!"

Reificação:

A reificação, conforme discutido por teóricos como John B. Thompson, é um processo pelo qual conceitos abstratos são tratados como se fossem coisas concretas, fixas e inalteráveis. Neste texto, a reificação é alcançada por meio de várias estratégias linguísticas como: uso dos imperativos, nominalização, uso de termos absolutos e generalizações, passivização, frases declarativas e assertivas. Como demonstrado no quadro a seguir:

Quadro 5- Estratégias linguísticas para reificação em “Seja homem”

1. Uso dos imperativos	
“Seja homem!” “Honre as calças que veste.” “Pare de chorar.”	Esses comandos diretos reforçam a ideia de que existem comportamentos específicos e inquestionáveis que definem a masculinidade. O uso de imperativos também sugere uma falta de espaço para a negociação ou flexibilidade, solidifica esses comportamentos como normas essenciais.
2. Nominalização	
"Autossuficiência" "Responsabilidade" “feminilização”	A nominalização ocorre quando verbos ou adjetivos são transformados em substantivos, o que pode dar a ações e qualidades uma sensação de permanência. Por exemplo, termos como "autossuficiência" e "responsabilidade" são apresentados como qualidades tangíveis que um homem "deve" possuir, reificando a ideia de que essas características são inatas e fundamentais para a identidade masculina
3. Uso de termos absolutos e generalizações	
“Todo homem” “Sempre” “Nunca”	Palavras e frases que implicam generalizações ou absolutos que reforçam a ideia de que as características descritas são universalmente ²⁷ aplicáveis a todos os homens, ignorando a diversidade e a complexidade das experiências masculinas
4. Passivização	
Embora menos prevalente, a estrutura passiva pode ser usada para ocultar o agente de ação, sugerindo que certos processos ou estados são naturais ou inevitáveis. No texto, embora o foco seja mais na voz ativa (refletindo ação e agência), a implicação subjacente de algumas frases sugere que os homens são sujeitos a forças sociais que exigem uma certa resposta (ser forte, dominante), como se essas expectativas fossem inerentes à sua natureza.	
5. Frases declarativas e assertivas	
O texto utiliza muitas frases declarativas que apresentam as afirmações como fatos, não como opiniões ou sugestões. Essa assertividade contribui para a reificação ao apresentar a perspectiva do autor sobre a masculinidade como uma verdade incontestável.	

Fonte: O autor

²⁷ Como dito anteriormente, embora nossa atenção recaia sobre o modo de operação da reificação, aqui é um exemplo do modo de operação ideológica da legitimação e demonstra como outros modos podem operar em consonância.

o uso dessas estratégias linguísticas na construção discursiva sobre masculinidade evidencia não apenas a rigidez dos papéis de gênero impostos pela sociedade, mas também a maneira pela qual tais normas são internalizadas e perpetuadas. Reconhecer e problematizar essas formas de linguagem é essencial para desafiar as ideologias de gênero dominantes e promover uma compreensão mais ampla e inclusiva da masculinidade, que reconheça a diversidade e complexidade das experiências masculinas.

Macroestruturas semânticas:

Realizando uma análise das macroestruturas semânticas do texto "Seja homem!" podemos identificar e interpretar as estruturas cognitivas e sociais subjacentes que moldam a compreensão e a produção de significados. Esta abordagem permite examinar como o texto reflete, reforça e potencialmente perpetua certas ideologias e estruturas de poder, particularmente em relação à masculinidade.

Quadro 6 - Macroestruturas semânticas do texto: "Seja homem!"

M1: Autossuficiência e Independência Pessoal	A ênfase na autossuficiência e independência retrata a masculinidade como intrinsecamente ligada à capacidade de resolver problemas sem assistência. Esta visão pode reforçar a ideia de que a expressão de vulnerabilidade ou a busca de apoio são incompatíveis com a masculinidade "verdadeira".
M2: Valorização do Esforço Próprio e Desprezo pelo Lamento	Esta macroestrutura semântica promove a noção de que os homens devem ser resilientes e autoconfiantes, rejeitando qualquer sinal de fraqueza ou autocomiseração. Isso pode levar à supressão de emoções e à relutância em admitir dificuldades, reforçando a ideia de que a masculinidade exige uma constante demonstração de força.
M3: Rejeição do Medo e Julgamento Social	A rejeição do medo de julgamento social e da correção política pode ser interpretada como um incentivo à expressão irrestrita das próprias opiniões e atitudes, mesmo que estas sejam controversas ou prejudiciais. Essa postura reforça uma visão de masculinidade associada à assertividade e à falta de preocupação com as consequências sociais das próprias ações.
M4: Rejeição de Comportamentos Considerados Infantilizados	A crítica a comportamentos vistos como infantis ou não sérios reforça a ideia de que a maturidade masculina requer a rejeição de certas atividades e uma postura sempre séria e responsável.

M5: Assertividade e Imposição de Limites nas Relações Sociais e Amorosas	Enfatiza a necessidade de os homens serem assertivos e estabelecerem limites claros, especialmente em relações amorosas. Essa proposição pode perpetuar a noção de que a masculinidade envolve controle e dominação nas relações interpessoais.
M6: Evitar Ser Explorado em Relacionamentos Românticos e Ter Amor-Próprio	Esta macroestrutura semântica sugere que os homens devem proteger-se contra a exploração em relacionamentos românticos e cultivar o amor-próprio. Enquanto promove a autoestima, também pode incutir uma visão de cautela e desconfiança nas relações afetivas.
M7: Incentivo à Competição e à Tomada de Iniciativa	Encoraja os homens a serem competitivos e proativos, sugerindo que o sucesso e o valor masculinos são medidos pela capacidade de competir e se destacar.

Fonte: O autor.

ESTRATÉGIAS NO USO DO LÉXICO

A análise do texto "Seja Homem!" sob a perspectiva do modo de operação da reificação e das macroestruturas semânticas nos permite agora examinar as estratégias utilizadas no uso do léxico para a construção da masculinidade reificada. A maneira como as palavras são escolhidas e usadas em um texto pode refletir e reforçar ideologias específicas, neste caso, sobre a masculinidade.

Quadro 7 - léxicos utilizados na amostra “ seja homem!” e finalidade

1. Escolha de Palavras Imperativas e Assertivas	
"Seja homem!" "Pare de chorar" 'Honre as calças que você veste"	Essas escolhas lexicais reforçam a ideia de que existem comportamentos e atitudes específicos, não negociáveis, que definem o que significa ser homem. Este uso assertivo e direto contribui para a reificação ao apresentar esses comportamentos como inquestionáveis e essenciais
2. Termos Pejorativos e Desqualificadores	
"chorão" "bobão" <i>Pare de buscar migalhas de atenção de uma "qualquer"</i>	As palavras são usadas para desqualificar comportamentos que não se alinham com a visão tradicional de masculinidade promovida no texto. Essa estratégia lexical não só marginaliza outras formas de expressão masculina, mas também reforça a ideia de que a verdadeira masculinidade é incompatível com a vulnerabilidade ou o não atendimento a esses padrões rígidos
3. Uso de Palavras Associadas à Força e Controle	
"dominante" "Assertivo" "forte"	Os termos são recorrentes no texto, associando a masculinidade a qualidades de poder, resistência e autoridade. Esse léxico trabalha para solidificar a noção de que esses atributos são componentes fundamentais e naturais da masculinidade.
4. Expressões que Reforçam Papéis Tradicionais de Gênero	

<p>"Case"</p> <p>"Diga às mulheres o que fazer"</p> <p>"Tenha filhos"</p>	<p>Frases que encorajam a formação de família e a liderança masculina nas relações refletem e perpetuam normas de gênero tradicionais. O léxico utilizado aqui reifica a ideia de que certos papéis sociais e familiares são intrínsecos à identidade masculina</p>
<p>5. Termos que Enfatizam Autossuficiência e Independência</p>	
<p>Palavras que promovem a autossuficiência e a independência reforçam a visão de que os homens devem ser autoconfiantes e autônomos. Esse léxico contribui para a reificação ao sugerir que a dependência ou a busca de apoio são incompatíveis com a masculinidade.</p>	

Fonte: O autor.

A análise do quadro de lexical revela a profunda influência das macroestruturas semânticas locais na reificação e perpetuação de estereótipos de masculinidade tradicionais. As escolhas lexicais presentes no texto refletem e consolidam normas sociais de gênero, limitando a diversidade de experiências masculinas e marginalizando expressões que não se alinham com os estereótipos convencionais. Essa observação destaca a importância crucial da linguagem na construção e manutenção de identidades de gênero, bem como na reprodução de relações de poder e hierarquias sociais. Ao analisar criticamente as estratégias linguísticas utilizadas no texto, podemos avançar em direção a uma compreensão mais reflexiva e inclusiva da masculinidade, que reconheça e valorize a diversidade de identidades e experiências masculinas na sociedade contemporânea

Moldando a masculinidade Reificada

No texto “Seja homem!”, a masculinidade reificada é moldada por meio de um discurso que sistematicamente constrói uma imagem do homem como autossuficiente, emocionalmente resiliente e dominante. As macroestruturas semânticas estabelecem o que é valorizado e esperado dos homens, enquanto o uso do léxico reforça e dá forma simbólica a essas expectativas. Juntos, eles criam um quadro de masculinidade que é rígido e exclui outras formas de expressão de gênero. O discurso do texto não apenas descreve uma forma de ser homem, mas ativamente prescreve e legitima essa forma. Ao fazer isso, o texto contribui para a manutenção de estruturas de poder de gênero na sociedade, na qual a masculinidade reificada se torna um padrão pelo qual os homens são medidos e avaliados. Essa construção de masculinidade tem implicações significativas, pois pode influenciar como os homens percebem a si mesmos e aos outros, e como eles se comportam em várias esferas sociais.

A análise integrada do texto “Seja Homem!” revela um processo complexo através do qual a masculinidade é construída, reificada e perpetuada. Ao entender como as macroestruturas semânticas, o uso do léxico e o modo de operação da reificação trabalham

juntos, poderemos avaliar como o discurso molda não apenas a percepção da masculinidade, mas também contribui para a sustentação de normas de gênero e estruturas de poder que têm ramificações profundas na sociedade.

5.1.2 Análise do segundo texto como amostra

Após a análise da amostra de texto anterior, fica evidente as estratégias linguísticas utilizadas que corroboram a construção da masculinidade reificada. Nesta próxima análise, nos concentraremos em outro texto relacionado ao mesmo tema, buscando entender como diferentes estratégias linguísticas são empregadas para construir e manter concepções desse padrão alfa de virilidade, a masculinidade. Ao fazer essa transição, é crucial observar como as diferenças contextuais e discursivas entre os textos podem influenciar as estratégias linguísticas adotadas, e como tais variações podem impactar nossa compreensão mais ampla das construções sociais de gênero.

Imagem 12



Fonte: https://www.instagram.com/pcm6_fwwd1t3 acesso em: 10/09/2023

SEJA UM HOMEM E SEJA RECONHECIDO POR ISSO!

“As concepções do que constitui um “homem real” têm sido comuns e consistentes ao longo do tempo e em todo o mundo. Um código distinto de masculinidade não apenas fez parte de quase todas as sociedades na terra - seja agrícola ou urbana, pré-moderna ou avançada, patriarcal ou relativamente igualitária - esses códigos invariavelmente contêm os mesmos três imperativos; um homem que aspira ser homem

deve proteger, procriar e prover.

PROTEGER:

A essência da proteção é a “necessidade de estabelecer e defender limites”. Os limites criam um senso de identidade e confiança. Se essa linha for cruzada, os homens entrarão em ação. Os homens são chamados para proteger o perímetro entre o perigo e a segurança, protegendo a tribo e a família de predadores, inimigos humanos e desastres naturais.

Um homem aumenta sua honra individual desenvolvendo e demonstrando destreza no papel de protetor. Ao mesmo tempo, ele reforça a reputação de força de sua comunidade, já que a reputação geral da tribo serve como uma forma de proteção em si mesma - funcionando como um impedimento para ataques.

A função protetora requer:

-Força física e resistência.

-Habilidade no uso de armas e estratégia.

-Coragem - a habilidade de se manter firme, mesmo quando está interiormente assustado.

-Estoicismo físico e emocional - uma insensibilidade à dor física e frieza sob pressão.

-Aceitação voluntária e graciosa da dispensabilidade de alguém - um homem se gloria no fato de que pode ter que dar sua vida por seu povo.

-Demonstração pública de sua aptidão para o papel de protetor, demonstrada por meio de lutas físicas (luta livre, sparring, esportes competitivos). É importante não apenas demonstrar força e habilidade nessas competições, mas mostrar combatividade - que você é um lutador que continuará voltando para mais, mesmo quando derrotado.

Por que os homens historicamente receberam esse papel:

-Os homens têm em média maior força física do que as mulheres.

-Os úteros são mais valiosos do que o esperma.

O imperativo da procriação requer essencialmente que um homem encontre uma boa mulher, case, conceba-a com sucesso e, assim, crie uma grande e vigorosa família.

A função de procriador requer:

-Atuar como iniciador na sedução / namoro de mulheres.

-Virilidade e potência - a capacidade de "aumentar".

-A capacidade de satisfazer sexualmente uma mulher.

-Fecundidade e ter tantos filhos quanto possível.

-Por que os homens historicamente receberam esse papel: Mais testosterona e, portanto, desejo sexual.

Capacidade de ter muitos filhos e maior desejo de espalhar a semente. PROVER:

A essência da provisão é a capacidade de domar a natureza, de transformar o caos em ordem, de pegar as matérias-primas da vida e transformá-las em algo de valor. Envolve construção proposital - ação comandante e assertiva que adiciona algo mensurável à loja da sociedade.

Caçar é a função de provisionamento por excelência, pois envolve todos os atributos viris (força física, domínio de ferramentas, disciplina e determinação, iniciativa, etc.) e é um ato criativo paralelo à batalha, ao esporte e ao sexo.

A função de provedor requer:

-Contribuir com a maior parte do sustento para a família de uma pessoa.

-Engenhosidade - inteligência, capacidade de contornar obstáculos, apresentar soluções criativas para problemas, transformar recursos escassos em algo de valor.

-Tornar-se autossuficiente - a dependência é vista como vergonhosa em um homem, porque ele não pode ser totalmente autônomo e sustentar os outros se ainda depender de sua família de infância para cuidar. É considerado especialmente importante tornar-se independente da mãe.

-Ser generoso com sua comunidade - espera-se que um homem que faz bem por si mesmo retribua.

Por que os homens historicamente receberam esse papel:

-Maior força física do que as mulheres (a caça pode ser extenuante).

-Serem mais dispensáveis do que as mulheres (a caça pode ser fatal).

-Obrigação de viajar para longe de casa (teria sido difícil para mães grávidas / lactantes e mães com filhos pequenos fazer viagens longas e árduas).

OS ELEMENTOS SUBJACENTES AOS 3 IMPERATIVOS:

Um status conquistado.

A masculinidade é diferente da masculinidade biológica e não chega ao homem naturalmente por meio da maturação. Em vez disso, é um status de honra que deve ser conquistado por meio do mérito - demonstrando excelência nos imperativos masculinos.

Autonomia.

A autonomia envolve a absoluta liberdade de movimento - uma mobilidade de ação. Significa ser capaz de tomar suas próprias decisões, tomar suas próprias decisões, criar seus próprios objetivos, definir seu próprio ritmo, traçar seu próprio caminho. Se forem colocadas restrições à capacidade do homem de se esforçar pela excelência nos imperativos, chance de atingir a masculinidade e a existência de uma verdadeira cultura da masculinidade desaparece.

Energia.

Espera-se que o homem supere a passividade, esteja sempre pronto e fazendo e se esforce incessantemente para alcançar. Um homem é encarregado de tomar a iniciativa em qualquer empreendimento, seja namoro ou negócios.

Perigo e risco.

Todos os imperativos são configurados como proposições ganhar / perder. O risco pode assumir a forma de lesão corporal ou simplesmente o golpe para a reputação de alguém que vem do fracasso em demonstrar competência nos padrões de masculinidade. Mais sério, "perder" pode significar perder a vida. Vencer significa obter maior acesso aos recursos e ao respeito e honra de seus semelhantes e da tribo. As maiores quantidades de testosterona dos homens alimentam o desejo de correr esses riscos.

Concorrência.

Cada um dos papéis masculinos envolve a competição entre os homens para serem os melhores - para sacar o máximo de jogo, acumular mais riquezas, doar mais riquezas no papel de provedor; casar com mais esposas, ter mais filhos, seduzir mais mulheres no papel de procriador; para demonstrar a maior força, coragem, domínio no papel de protetor. Os homens querem superar seus semelhantes, chegar ao topo e ser coroados com honra. Mais uma vez, a testosterona masculina mais elevada estimula essa tendência para competir.

Afirmação pública.

Quando se trata de excelência nos 3 imperativos, falar não importa, resultados sim. Você tem que colocar seu dinheiro onde está sua boca e, portanto, a competência em todas as atividades viris deve ser demonstrada em praça pública e confirmada por outros. Você deve estar disposto a entrar na briga, competir com outros homens e mostrar como você se sai contra eles. Um homem deve estar "na arena". Por isso é considerado efeminado um homem caseiro, que evita concursos públicos e deseja passar a maior parte do tempo com a mulher e os filhos.

Crie mais / consuma menos.

O padrão final para cada um dos imperativos, e para o manto da própria masculinidade, é criar mais e consumir menos . Ser homem é demonstrar competência no papel viril - puxar o próprio peso, ser um contribuidor em vez de uma esponja, uma dádiva em vez de um fardo para o próprio povo. Isso significa aumentar a reputação de sua tribo quanto à força, em vez de diminuí-la por meio da fragilidade física e da covardia, preferindo a fecundidade à esterilidade e fornecendo algo de valor ao pote da sociedade, em vez de apenas tirar dele.

A NATUREZA DOS 3 IMPERATIVOS:

Os imperativos da masculinidade enfatizam e exageram as potencialidades biológicas distintas dos homens, motivando-os a canalizar esse potencial a serviço de um bem maior.

Os imperativos masculinos podem ser vistos como tendo uma natureza e um propósito dual: eles são tanto deveres cívicos quanto caminhos de desenvolvimento pessoal que (se os pré-requisitos acima forem atendidos) beneficiam simultaneamente a comunidade de um homem e o homem pessoalmente.”

Tal qual como procedido na amostra anterior, a análise foca primariamente nos textos escritos das legendas, proporcionando uma investigação direta das categorias discursivas que sustentam e reproduzem a dominação na sociedade. Busca-se elucidar como a linguagem e as estruturas cognitivas associadas a formas simbólicas moldam e reforçam a construção da masculinidade reificada.

Reificação:

Quadro 8- Estratégias linguísticas para reificação no texto: “Seja um homem e seja reconhecido por isso!”

1. Uso de imperativos	
"Seja um homem!"	Texto utiliza uma linguagem direta e assertiva, com imperativos como "Seja um homem". Esses comandos servem não apenas como orientações, mas também como afirmações que reificam a masculinidade como um conjunto de características e comportamentos específicos.
2. Nominalização	
“Proteção” “Procriação” “Provisão”	Ao transformar essas ações em substantivos, o texto dá a impressão de que esses conceitos são qualidades ou entidades estáticas, fortalecendo a ideia de que eles são aspectos essenciais e imutáveis da masculinidade.
3. Uso de termos absolutos e generalizações	

<p>“As concepções do que constitui um homem real” “Os úteros são mais valiosos que o esperma” “um homem que aspira ser homem deve proteger, procriar e prover” “Força física e resistência, estoicismo físico e emocional” “Habilidade no uso de armas e estratégia”</p>	<p>Esses exemplos ilustram como o texto utiliza termos absolutos e generalizações para construir uma visão monolítica da masculinidade. Ao apresentar certos atributos, comportamentos e papéis sociais como universalmente verdadeiros e inerentes a todos os homens, o texto reifica uma concepção específica de masculinidade, contribuindo para a manutenção de normas de gênero tradicionais e estruturas de poder associadas.</p>
4. Passivização	
<p>“As concepções do que constituem um “homem real” têcido” “Os homens são chamados para proteger” Frases com papel temático de agentividade: “Por que os homens historicamente receberam esse papel” “Espera-se que o homem supere a passividade”</p>	<p>Embora não explicitamente em voz passiva, a descrição de papéis como proteger, procriar e prover implica uma certa inevitabilidade ou naturalidade desses papéis para os homens. Por exemplo, quando o texto afirma que os homens são chamados para proteger, pode-se inferir uma passivização no sentido de que essa responsabilidade é vista como inerentemente atribuída aos homens, como se fosse um papel pré-determinado embora menos prevalente, a estrutura passiva pode ser empregada para sugerir que certos aspectos da masculinidade são naturais ou inevitáveis, retirando a agência do indivíduo e apresentando a masculinidade como uma condição preexistente.</p>
5. Frases declarativas que enfatizam força e autoridade	
<p>As frases são construídas de maneira a enfatizar a força, a autoridade e a resiliência, qualidades tradicionalmente associadas à masculinidade. Isso não apenas reifica esses atributos como centrais para a identidade masculina, mas também marginaliza outras formas de expressão de gênero.</p>	
6. Eternalização	
<p>O texto situa suas afirmações dentro de um contexto histórico e cultural amplo, sugerindo que as normas de masculinidade que descreve são atemporais e universais. Essa abordagem amplia a reificação, pois apresenta a masculinidade descrita como uma constante inalterável, independentemente do contexto cultural ou temporal. É importante ressaltar que os modos de operação não atuam de forma isolada, e suas estratégias podem se sobrepor e se reforçar mutuamente. Além disso, a compreensão dos modos de operação da ideologia e as estratégias é dependente do contexto sócio-histórico específico, exigindo uma análise detalhada das dinâmicas sociais envolvidas.</p>	

Fonte: O autor.

O quadro apresenta uma análise das estratégias linguísticas utilizadas para reificar uma concepção específica de masculinidade. Cada ponto aborda uma técnica distinta usada no texto para solidificar e perpetuar as normas de gênero tradicionais, contribuindo assim para a manutenção das estruturas de poder associadas.

Macroestruturas semânticas

Quadro 9: macroestruturas semânticas no texto: “Seja um homem e seja reconhecido por isso!”

M1: Definição e Universalidade da Masculinidade	<p>Esta macroestrutura semântica sugere uma visão homogênea e atemporal da masculinidade, ignorando a diversidade cultural e histórica. Essa generalização pode reforçar estereótipos e limitar a compreensão da complexidade e da variabilidade das experiências masculinas.</p>
M2: Proteção como Identidade e Honra Masculina	<p>Ao enfatizar a proteção como um aspecto central da masculinidade, esta proposição vincula a identidade masculina à força e à capacidade de defesa, potencialmente marginalizando outras formas de expressão masculina que não se encaixam nesse molde.</p>
M3: Procriação como o Imperativo Masculino	<p>Esta proposição associa a masculinidade à capacidade e ao desejo de procriar, reforçando a ideia de que a função reprodutiva é um elemento essencial da identidade masculina, o que pode pressionar os homens a se conformarem a papéis de gênero tradicionais.</p>
M4: Imperativo de Provedor com o Domínio da Natureza	<p>Ao destacar o papel do homem como provedor e dominador da natureza, esta macroestrutura semântica sustenta uma visão de masculinidade associada ao controle, à força e à autonomia, reforçando noções tradicionais de poder e autoridade masculinos.</p>
M5: Masculinidade como Status Conquistado	<p>Sugere que a masculinidade é algo que deve ser conquistada. Esta ideia reforça a noção de que certas qualidades ou realizações de certos feitos é essencial para ser considerado "verdadeiramente" masculino, o que potencialmente cria pressão e exclusão.</p>
M6: Energia, Perigo e Risco Associados à Masculinidade	<p>A associação da masculinidade com energia, perigo e risco promove uma imagem do homem como intrinsecamente aventureiro e corajoso, potencialmente desvalorizando traços como cautela e reflexão.</p>
M7: Competição entre Homens	<p>Esta macroestrutura semântica reforça a ideia de que a masculinidade é medida e validada por meio da competição, sugerindo que o sucesso e a autoestima masculinos estão ligados à superação de outros homens.</p>
M8: Afirmação Pública da Masculinidade	<p>A ênfase na necessidade de afirmar publicamente a masculinidade reforça a ideia de que a identidade masculina requer validação externa e constante demonstração de características "masculinas".</p>

Fonte: O autor.

A análise das macroproposições semânticas extraídas do texto revela uma série de padrões e conceitos que corroboram com a construção da masculinidade reificada. Cada uma dessas macroestruturas aborda diferentes aspectos e atributos associados à masculinidade, destacando como essas concepções contribuem para a formação de identidades masculinas

normativas e estereotipadas. Em conjunto, a análise das macroestruturas semânticas revela como as noções de masculinidade são socialmente construídas e reforçadas por meio de diversos imperativos, expectativas e pressões sociais.

ESTRATÉGIAS NO USO DO LÉXICO

Quadro 10- Léxicos utilizados na amostra “Seja um homem e seja reconhecido por isso” e finalidade

1. Terminologia de Poder e Força	
"Proteger" "Dominar a natureza" "Força física"	O texto utiliza termos associados ao poder, força e controle. Essas palavras não só descrevem qualidades e ações, mas também as reificam como componentes essenciais e inalteráveis da masculinidade.
2. Uso de Imperativos	
"Seja um homem" "Proveja"	Os imperativos como "Seja um homem" e "Proveja" funcionam como instruções diretas, reforçando a ideia de que a adesão a certos comportamentos e responsabilidades é essencial para ser reconhecido como homem. Esses comandos deixam pouco espaço para flexibilidade ou interpretação individual.
3. Termos que Enfatizam Papéis Tradicionais de Gênero	
“Procriar” “Provedor”	O léxico utilizado para descrever os papéis de gênero reforça a ideia de que certas funções são naturalmente ou essencialmente masculinas, contribuindo para a reificação desses papéis.
4. Linguagem que Reflete Valores Tradicionais	
"honra" "Coragem" "Autonomia"	Palavras e frases que promovem valores tradicionais são usadas para construir uma imagem de masculinidade que é atrelada a esses conceitos, reforçando a ideia de que eles são intrínsecos à identidade masculina.
5. Descrição de Características Como Inatas ou Biológicas	
O texto apresenta algumas características masculinas como se fossem inatas ou determinadas biologicamente, usando termos como "maior força física" e "testosterona". Essa abordagem naturaliza certas qualidades e comportamentos como sendo parte essencial da masculinidade.	
6. Uso de Generalizações	
Ao fazer generalizações sobre a masculinidade, o texto reforça a noção de que existem qualidades universais e imutáveis que definem o que significa ser homem, ignorando a diversidade e a complexidade das experiências masculinas.	

Fonte: O autor.

MOLDANDO A MASCULINIDADE REIFICADA

No discurso do texto "Seja homem e seja reconhecido por isso", percebe-se a construção da masculinidade reificada, delineada como uma coleção de atributos e comportamentos tratados como se fossem universalmente válidos, permanentes como uma entidade fixa e estática, indispensáveis como qualidades inerentes ao sexo masculino. Essa concepção da masculinidade está intimamente ligada às ideias de proteção, procriação e provisão, e é caracterizada pela expectativa de demonstrações de força, coragem e eficácia. Esses elementos são enfatizados por meio de uma linguagem que destaca a virilidade, autoridade e responsabilidade

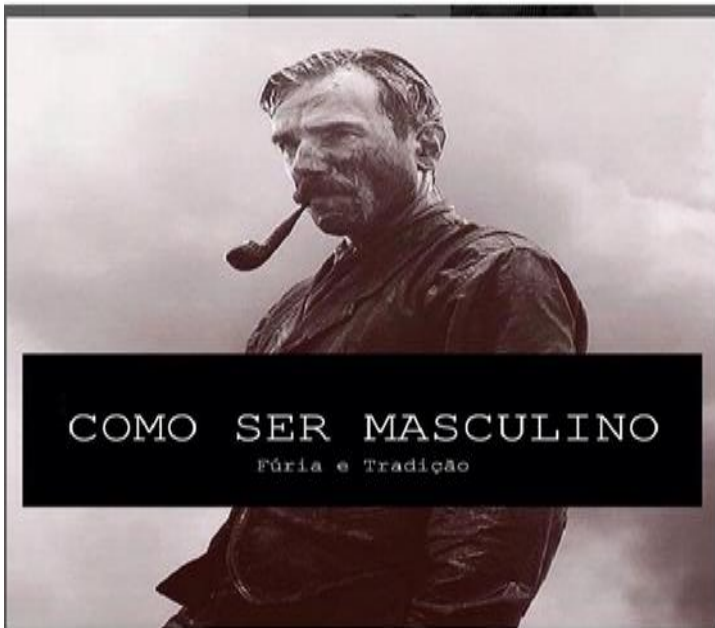
Adicionalmente, a masculinidade é retratada não apenas como um conjunto de características, mas também como um *status* a ser conquistado e preservado, onde elementos como risco, competição e validação social são fundamentais. Esta construção não somente perpetua padrões normativos de gênero, mas também tem o potencial de influenciar profundamente as percepções e comportamentos masculinos na sociedade, limitando a expressão de masculinidades alternativas e mais inclusivas.

Nesta proposta de análise de interface de teorias, torna-se patente como o texto "Seja homem e seja reconhecido por isso" emprega táticas linguísticas e cognitivas para cunhar uma perspectiva reificada da masculinidade potencialmente reforçada por outros modos de operação ideológico, como é o caso da legitimação. Esta perspectiva, ao reforçar as normas de gênero tradicionais, tem um impacto significativo sobre as cognições sociais, contribuindo para a perpetuação de estruturas de poder intrinsecamente ligadas à identidade de gênero na sociedade.

5.1.3 Análise do terceiro texto como amostra

Apresentamos agora mais uma análise de uma das amostras coletadas. O texto: "Como ser masculino". Nesta próxima análise, nos concentramos, assim como feito anteriormente, no texto da legenda da postagem, buscando entender como diferentes estratégias linguísticas são empregadas para construir e manter concepções da masculinidade reificada. Ao fazer essa transição, é crucial observar como as diferenças contextuais e discursivas entre os textos podem influenciar as estratégias linguísticas adotadas, e como tais variações podem ratificar a masculinidade reificada.

Imagem 13



Fonte: <https://www.instagram.com/p/cjtghyjaya/> acessado em: 11/03/2021

Como Ser Masculino:

- Seja dominante*
- Seja forte*
- Seja perigoso*
- Seja confiável*
- Construa seu caráter*
- Assuma a responsabilidade por sua vida*
- Case*
- Tenha filhos*
- Diga às mulheres o que fazer*
- Atenha-se aos seus valores*
- Lidere você mesmo e lidere outros*

Não deixe a sociedade tirar seus culhões.

Seguimos com a análise das estratégias linguísticas que sustentam a reificação, através das técnicas empregadas para solidificar as ideias abstratas percebidas como objetivas. Ao examinar empregos como uso dos imperativos, nominalização, uso de termos absolutos e generalizações bem como outros recursos estilísticos, esta análise visa iluminar as sutis formas pelas quais o discurso contribui para cristalização de percepções sociais, políticas e culturais enfatizando a importância linguística na construção da realidade percebida.

REIFICAÇÃO

Quadro 11- Estratégias linguísticas para reificação no texto: “Como ser masculino”

1. Uso de imperativos	
“Seja dominante” “Seja forte” “Seja perigoso” “Seja confiável”	Essas instruções diretas não só estabelecem um padrão de comportamento, mas também reificam essas qualidades como inevitáveis características naturais para a masculinidade, apresentando-as como normas inquestionáveis.
2. Nominalização	
“Construa seu caráter” Assuma a responsabilidade	A transformação de verbos ou adjetivos em substantivos confere uma qualidade de permanência e fixidez a essas características. “Construção de caráter” e “Assumir responsabilidade” contribui para a reificação ao sugerir que tais traços são componentes concretos e essenciais da masculinidade.
3. Uso de termos absolutos e generalizações	
“Diga as mulheres o que fazer” “Não deixe a sociedade tirar seus culhões”	Frases que utilizam uma linguagem que implica generalizações sobre os papéis de gênero e as expectativas sociais. Isso reforça a ideia de que existe uma maneira universal e fixa de ser homem, promovendo uma visão monolítica da masculinidade.
4. Frases declarativas que enfatizam autoridade e controle	
A estrutura das frases no texto enfatiza a autoridade, controle e autodeterminação, qualidades tradicionalmente associadas à masculinidade. Essa escolha linguística reforça a noção de que esses são os atributos centrais e inalteráveis da identidade masculina.	

Fonte: O autor.

Após ter estabelecido as bases através da análise do quadro de estratégias linguísticas que fundamentam o processo de reificação, expandimos o foco para a dimensão mais ampla e estrutural da linguagem: as macroestruturas semânticas. Esta etapa da análise procura compreender como os tópicos, as grandes unidades do significado, dentro do discurso contribuem para manutenção e reprodução da masculinidade reificana na nossa cognição social. Ao transcender frases e parágrafos individuais, as macroestruturas semânticas oferecem a possibilidade de explorar a consolidação de percepções e ideologias em níveis mais abstratos da comunicação.

Macroestruturas Semânticas

Quadro 12- Macroestruturas semânticas no texto: "Como ser masculino"

M1: Domínio e Poder	Esta macroestrutura semântica reforça a ideia de que a masculinidade está intrinsecamente ligada ao exercício do domínio e poder. Essa associação pode reificar noções tradicionais de autoridade masculina e influenciar a maneira como os homens percebem sua posição e papel na sociedade.
M2: Força, Resiliência e Desenvolvimento de Caráter	A ênfase na força, resiliência e no desenvolvimento do caráter sugere que estes são atributos essenciais da masculinidade. Isso pode limitar a compreensão da masculinidade a características tradicionalmente "masculinas", desencorajando a expressão de vulnerabilidade ou a busca de apoio emocional.
M3: Integridade e Valores Morais	Associar a masculinidade à integridade e aos valores morais reforça a ideia de que ser homem implica em aderir a um certo código ético. Enquanto promove valores positivos, também pode pressionar os homens a se conformarem a padrões específicos de conduta.
M4: Família e Procriação	A macroestrutura semântica que relaciona a masculinidade com a família e a procriação enfatiza papéis tradicionais de gênero, reforçando a noção de que a constituição de uma família é um aspecto central da identidade masculina.
M5: Resistência a Mudança	A resistência a mudanças sociais, particularmente no que diz respeito aos papéis de gênero, sugere uma adesão a concepções tradicionais de masculinidade, desencorajando a evolução ou a reconsideração das normas de gênero.
M6: Autoridade sobre as Mulheres	Esta macroestrutura semântica promove a ideia de que os homens devem ter autoridade sobre as mulheres, o que pode reforçar dinâmicas de poder desiguais e também perpetuar uma visão patriarcal das relações de gênero.
M7: Liderança	Enfatizar a liderança como um aspecto chave da masculinidade pode contribuir para a percepção de que os homens devem sempre ocupar posições de liderança, potencialmente minimizando a importância da colaboração e da partilha de poder.

fonte: O autor.

Essas sete macroestruturas semânticas globais desempenham seu papel na construção discursiva da masculinidade. Estas estruturas - Domínio e Poder; Força, Resiliência e Desenvolvimento de Caráter; Integridade e Valores Morais; Família e Procriação; Resistência a Mudança; Autoridade sobre as Mulheres; e Liderança - delineiam um panorama no qual a masculinidade é intrinsecamente associada a conceitos que buscam reforçar aspectos positivos, mas que se tornam limitantes da identidade masculina. Ao vincular a masculinidade ao exercício de domínio, à necessidade de resiliência, à aderência a um código ético rígido, à priorização da família e procriação, à resistência às mudanças nos papéis de gênero, à autoridade sobre as mulheres, e à expectativa de liderança, estas macroestruturas semânticas contribuem para uma visão, em muitos aspectos, restritiva da masculinidade. Tal visão não apenas molda as percepções individuais e coletivas dos homens sobre seus papéis na sociedade, mas também reforça dinâmicas de poder desiguais e promove a manutenção de normas de gênero. Portanto, a análise dessas macroestruturas no texto "Como ser masculino"

revela a necessidade crítica de questionar e expandir as narrativas predominantes sobre o que significa ser homem, visando uma compreensão mais inclusiva e equitativa das identidades de gênero. Em seguida analisaremos as escolhas do uso do léxico feita no texto “Como ser masculino”.

Estratégias do uso do léxico

Quadro 13- Léxicos utilizados na amostra “Como ser masculino” e finalidade

1. Terminologia de Domínio e Autoridade	
"Autoridade" "Dominante" "Liderança"	As palavras reforçam a ideia de que a masculinidade está intrinsecamente ligada ao poder e controle. Esse léxico contribui para a reificação ao apresentar o domínio e a liderança como qualidades essenciais e inquestionáveis da masculinidade.
2. Uso de Imperativos e Frases Assertivas	
"Seja forte" "Diga às mulheres o que fazer" "Case"	O texto é marcado pelo uso de imperativos como "Seja forte", "Case" e "Diga às mulheres o que fazer". Essas instruções diretas funcionam como prescrições rígidas para o comportamento masculino, reificando a ideia de que existem normas específicas e inalteráveis para ser um homem.
3. Palavras que Enfatizam Força e Resiliência	
"Perigoso" "Forte" "Confiável"	Os termos como são empregados para descrever atributos masculinos desejáveis. Este léxico reforça a visão de que a verdadeira masculinidade é sinônimo de força física e emocional, resistência e confiabilidade.
4. Linguagem que Reflete Papéis Tradicionais de Gênero	
"Case" "Tenha filhos"	Frases que promovem papéis de gênero tradicionais, como "Case" e "Tenha filhos", reificam a ideia de que a masculinidade está intrinsecamente ligada à família e à procriação, promovendo uma visão limitada e normativa dos papéis de gênero
5. Termos que Sugerem Resistência à Mudança	
A expressão "Não deixe a sociedade tirar seus culhões" usa uma linguagem que implica reacionismo a mudanças nas normas de gênero, reforçando a ideia de que a masculinidade tradicional deve ser protegida e mantida.	

FONTE: O AUTOR

Derivado da análise do texto "Como ser masculino", encontramos um conjunto de estratégias lexicais que desempenham um papel crucial na construção da reificação da masculinidade. Estes usos lexicais incluem a utilização de terminologia relacionada a domínio e autoridade, o emprego de imperativos e frases assertivas, palavras que ressaltam força e resiliência, linguagem que reflete papéis normativos de gênero, e termos que sugerem resistência à mudança. O léxico selecionado, compreendendo palavras como "autoridade", "dominante" e "liderança", além de imperativos como "Seja forte" e expressões que enfatizam

papéis tradicionais como "Case" e "Tenha filhos", contribui significativamente para a perpetuação de uma visão de masculinidade intimamente ligada ao poder, controle e adesão a normas de gênero estabelecidas.

Através dessas escolhas lexicais, o texto prescreve um modelo de que a masculinidade valoriza a dominância, a força física e controle sobre as emoções, a resiliência, a confiabilidade, e a aderência a papéis de gênero tradicionais, enquanto simultaneamente expressa resistência a qualquer mudança nessas normas. O uso de uma linguagem que implica reacionismo, como "Não deixe a sociedade tirar seus culhões", reforça a noção de que a manutenção da masculinidade tradicional é uma virtude a ser defendida. Essa frase associa a masculinidade a atributos físicos de força e agressividade, sugerindo que a verdadeira essência da masculinidade é inerentemente ligada à capacidade de resistir à influência ou ao controle externo. A ideia de que a sociedade possa "tirar seus culhões" implica numa perda de masculinidade autêntica, associada à vulnerabilidade ou à submissão, elementos considerados antitéticos à masculinidade reificada.

O uso do léxico "colhões" opera dentro do discurso para criar uma imagem condensada da masculinidade idealizada, promovendo uma visão de gênero que desencoraja a vulnerabilidade, a expressão emocional e a flexibilidade nos papéis de gênero. Essa estratégia lexical, portanto, não apenas comunica uma norma de gênero específica, mas também contribui para a delimitação do que é socialmente aceitável ou desejável em termos de comportamento e identidade masculina.

Assim, a análise das estratégias lexicais revela como a linguagem é empregada não apenas para descrever, mas também para prescrever e reforçar concepções de masculinidade que sustentam estruturas de poder existentes, limitando a expressão de identidades masculinas mais diversificadas e flexíveis

MOLDANDO MASCULINIDADE REIFICADA NO TEXTO "COMO SER MASCULINO"

No texto intitulado "Como Ser Masculino", a masculinidade é retratada de forma a solidificar a ideia de que ela consiste em um conjunto de características e comportamentos tidos como universais, essenciais e indiscutíveis para todos os homens. Nessa representação, a masculinidade é associada ao exercício de poder, controle, força física, racionalização das emoções, autoridade sobre as mulheres, bem como à necessidade de liderança e resistência a mudanças.

Além disso, a masculinidade é retratada não meramente como uma condição, mas como uma exibição ativa e assertiva, onde a resistência, a competição e a validação pública emergem como elementos cruciais. Tal estruturação não somente reitera padrões de gênero tradicionais, mas também exerce influência sobre as percepções e ações masculinas na sociedade, delimitando a manifestação de formas de masculinidade mais abrangentes e inclusivas.

Nesta proposta de análise, torna-se claro que o texto "Como Ser Masculino" emprega uma série de estratégias linguísticas e cognitivas para forjar uma perspectiva reificada da masculinidade. Esta visão, ao reforçar os estereótipos de gênero convencionais, impacta significativamente as cognições sociais, contribuindo para a continuidade de estruturas de poder atreladas à identidade de gênero na sociedade. A compreensão desta dinâmica é essencial para desvendar as sutilezas dos discursos que moldam e sustentam as normas de gênero, permitindo assim um questionamento crítico e a busca por alternativas mais inclusivas no âmbito das identidades de gênero.

5.2 PONDERAÇÕES ANÁLITICAS

A avaliação dos três textos, dentre a amostragem, aborda a masculinidade reificada, uma construção social profundamente arraigada e perpetuada através do discurso. Cada texto ilustra como a masculinidade é moldada, representada e sustentada em diferentes contextos, destacando a universalidade, a naturalidade, a atemporalidade e a essencialidade dos atributos e comportamentos considerados masculinos.

Uma observação constatada foi de que a reificação pode ocorrer ao retratar as normas de gênero e as hierarquias sociais entre homens e mulheres como algo natural e inevitável, como se fossem características biológicas intrínsecas. Por exemplo, a ideia de que as mulheres são naturalmente mais emocionais ou menos adequadas para cargos de liderança é uma forma de reificação da masculinidade.

Ao mesmo tempo, a legitimação ocorre quando essas normas de gênero reificadas são justificadas e apoiadas como corretas e legítimas. Por exemplo, quando se argumenta que os homens devem ocupar posições de poder porque são naturalmente mais assertivos ou racionais, isso legitima a desigualdade de gênero ao apresentá-la como algo justo e adequado.

Dessa forma, a reificação da masculinidade, ao retratar certas características masculinas como inerentes e naturais, pode se complementar com a legitimação, que justifica a superioridade social dos homens e a subordinação das mulheres com base nesses

estereótipos reificados.

No primeiro texto, “Seja homem!”, a ênfase é colocada na construção sistemática da imagem do homem como autossuficiente, emocionalmente resiliente e dominante. Aqui, o foco está nas macroestruturas semânticas globais e locais, que juntos reforçam um modelo rígido de masculinidade, excluindo outras formas de expressão de gênero. Este texto destaca como o discurso não apenas descreve, mas também prescreve e legitima uma forma específica de masculinidade, contribuindo para a manutenção de estruturas de poder de gênero na sociedade.

O segundo texto, “Seja homem e seja reconhecido por isso”, explora como a masculinidade reificada está vinculada a poder, controle, força física e emocional, e autoridade sobre as mulheres. A masculinidade é apresentada como um *status* a ser alcançado e mantido, com ênfase na resistência, competição e afirmação pública. Este discurso perpetua normas de gênero e influencia as percepções e comportamentos masculinos, restringindo a expressão de masculinidades alternativas.

O terceiro texto, “Como Ser Masculino”, detalha uma interpretação da masculinidade reificada, destacando como ela é projetada como um conjunto de características e práticas universais e inquestionáveis. A masculinidade é associada a poder, controle, robustez física e emocional, e autoridade sobre o feminino. O texto enfatiza que a masculinidade não é apenas uma condição, mas uma exibição ativa e assertiva, com resistência, competição e validação pública como aspectos centrais. Este discurso reforça estereótipos de gênero convencionais e contribui para a manutenção de estruturas de poder relacionadas à identidade de gênero.

Em síntese, esses três exemplos retirados da amostragem fornecem uma visão abrangente de como a forma simbólica da masculinidade reificada é construída, representada e sustentada através de estratégias linguísticas e cognitivas. A síntese dessas análises revela modos e estratégias recorrentes na perpetuação dessa forma de masculinidade:

Construção de imagens universais e atemporais: Em todos os textos, a masculinidade é retratada como um conjunto de qualidades e comportamentos universais, essenciais e inquestionáveis. Essa abordagem enfatiza a ideia de que certos atributos, como força, controle, resiliência emocional e autoridade, são inerentes e indispensáveis a todos os homens.

Associação com poder, controle e dominação: A masculinidade é consistentemente vinculada ao poder, controle e dominância, tanto física quanto emocional. Esta representação

reforça a ideia de que os homens devem ser líderes, protetores e inabaláveis, sustentando estruturas de poder de gênero na sociedade.

Uso de léxico específico: A escolha de palavras e frases nos textos contribui significativamente para reforçar a imagem de uma masculinidade rígida. Termos como "virilidade", "autoridade" e "responsabilidade" são usados para enfatizar e dar forma simbólica às expectativas sociais em relação aos homens.

Masculinidade como *status* a ser conquistado: Há uma representação da masculinidade como um *status* que precisa ser ativamente demonstrado e afirmado. Aspectos como resistência, competição e validação pública são destacados como componentes centrais dessa construção.

Restrição da expressão de masculinidades alternativas: Essa concepção reificada da masculinidade limita a expressão de formas alternativas e mais inclusivas de masculinidade, perpetuando padrões normativos de gênero e inibindo a diversidade na expressão de gênero.

Reforço de normas de gênero e estruturas de poder: A análise integrada dos textos indica que a forma como a masculinidade é construída e reforçada contribui para a sustentação de normas de gênero tradicionais e estruturas de poder relacionadas à identidade de gênero.

Após explorar o conceito de "identidade", derivado dos estudos culturais, observa-se o declínio de uma concepção autocentrada do eu. Em contrapartida, emerge uma perspectiva dinâmica da identidade, vista como um conjunto de processos contínuos de identificação. Esta concepção encara a identidade como um campo de disputas constantes, particularmente no domínio simbólico, uma dinâmica que brota da interação entre identidade e diferença. Tal dinâmica é caracterizada por ser mais "negativa" do que "positiva", isto é, a identidade é menos definida por essências fixas do que por aquilo que explicitamente rejeita ser. A identificação é, em essência, uma reivindicação e um campo de lutas simbólicas. Essa abordagem "desconstrói" qualquer noção fixa de identidade, ao reconhecê-la como parte de uma arena de disputas contingentes, questionando assim qualquer percepção reificada de identidade.

Em resumo, a masculinidade reificada, conforme avaliada nos textos, é uma construção complexa que se baseia em estratégias linguísticas e cognitivas específicas para

sustentar uma visão limitada e estereotipada do que significa ser homem. Esta visão tem implicações profundas, não apenas na percepção individual da masculinidade, mas também na manutenção de desigualdades e normas de gênero na sociedade. Ressaltamos a necessidade de questionar criticamente essas construções e buscar alternativas mais igualitárias e inclusivas para as identidades de gênero. Ao fazer isso, tensionamos as estruturas de poder existentes com o intuito de promovermos uma sociedade mais justa e equitativa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos ser adequado e coerente nas considerações finais propagar a voz de uma mulher negra e dessa vez contemplo os leitores com a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie em seu livro “Sejamos todos feministas” (2015) ela diz:

“Como a questão de gênero incomoda, as pessoas recorrem a vários argumentos para cortar a conversa. Algumas lançam mão da biologia evolutiva dos macacos, lembrando como as fêmeas, por exemplo, se curvam perante os machos. Mas a questão é a seguinte: nós não somos macacos. Macacos vivem em árvores e comem minhocas. Nós, não” (ADICHIE, 2015, p.14).

E diz mais:

“O melhor exemplo de feminista que conheço é o meu irmão Kene, que também é um jovem legal, bonito e muito másculo. A meu ver, feminista é o homem ou a mulher que diz: “Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar”. Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar” (ADICHIE, 2015, p.15).

É com essa retomada a consciência de que possuímos uma capacidade cognitiva mais avançada, que desenvolvemos um sistema complexo de comunicação e que diferente das outras espécies não agimos puramente por instinto, que não podemos nos esconder atrás de justificativas. E que o fato de um homem lutar por uma sociedade mais equânime não o faz perder sua masculinidade

Com base nos argumentos apresentados, respaldados por uma análise detalhada dos dados e enriquecidos pela teoria de John B. Thompson sobre os modos de operação da ideologia, aliados à perspectiva sociocognitiva dos Estudos Críticos do Discurso, concluímos que os objetivos delineados foram plenamente alcançados. Através da investigação crítica dos exemplos fornecidos, torna-se evidente que a noção anteriormente aceita de uma masculinidade universal e inquestionável é, na verdade, uma construção social cuidadosamente elaborada. Em síntese, o conceito de masculinidade, tal como o conhecemos, é o resultado de arranjos sociais e culturais específicos, sendo apresentado como um dado natural e imutável. No entanto, a análise revela que este não é o caso. Um ser psicobiossocial não pode ser simplificado apenas ao seu aspecto natural, pois há uma clara operacionalização por parte de uma classe dominante, cujas ideologias permeiam nossa consciência coletiva, manipulando e abusando de seu poder para perpetuar uma narrativa que lhes convém. Diante disso, a pesquisa destaca como a construção simbólica do masculino exerce e mantém

relações de dominação por meio da operação ideológica da reificação, especialmente ao analisar a interface com a macroestrutura semântica global e local no processo de construção de sentidos em discursos masculinistas na web. Com isso, podemos afirmar que a análise proposta proporciona uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais subjacentes à construção da masculinidade quando (1) fez análise do modo de operação da reificação na sustentação da relação do gênero masculino como detentora do domínio; (2) descreveu como as escolhas de macroestruturas semânticas globais e locais convergem para o modo de operação da reificação na construção da identidade masculina; e (3) analisou como o uso lexical legitima a perpetuação do abuso de poder por parte de um grupo específico de homens sobre outro grupo de homens e demais minorias.

Com isso a possibilidade de fazer inferências significativas se apresenta ao se desnudar, aqui, um sistema e uma ideologia que não apenas foram criados, mas são mantidos pela linguagem e perpetuados pelo abuso do poder.

Em consonância com as abordagens teóricas sobre ideologia e discurso de Teun van Dijk e John B. Thompson, a implementação de estratégias de resistência contra-hegemônica pode ser eficazmente conduzida através de um conjunto inter-relacionado de ações. Primeiramente, Van Dijk postula a relevância de desconstruir criticamente o discurso dominante, um processo que pode ser potencializado através do desenvolvimento da análise de narrativas públicas para identificar elementos linguísticos que sustentam as estruturas de poder existentes. Em paralelo, é vital criar e disseminar narrativas alternativas de resistência através de diversos meios, incluindo artigos acadêmicos, *podcasts*, conteúdo audiovisual etc. No que concerne à formação ideológica, Thompson enfatiza a necessidade de elucidar como as ideologias operam em contextos sociais específicos, o que pode ser alcançado por meio de iniciativas educacionais voltadas para a exposição das manifestações ocultas e evidentes de poder ideológico, abrangendo desde táticas de propaganda até códigos culturais ardilosos. Além disso, o desenvolvimento de ideologias de resistência ou meta-ideologias é essencial; essas seriam estruturas teóricas que desafiam as bases assumidas das ideologias dominantes e funcionam como manuais de resistência ideológica que podem ser amplamente disseminados. O êxito dessas intervenções repousa em sua capacidade de operar de forma sinérgica, estabelecendo um ecossistema interconectado de resistência tanto no plano discursivo quanto na prática social concreta.

Em um contexto que tem o patriarcado como seu núcleo ideológico, é imperativo observar que tanto homens quanto mulheres são catequizados, desde o nascimento, no que

concerne às normativas e práticas da masculinidade e virilidade. É fundamental reconhecer que essas estruturas ideológicas não são entidades autossustentáveis autônomas e imutáveis, mas sim criações humanas, construções sociais, mantidas e perpetuadas por indivíduos. Elas são tecidas e mantidas por mãos humanas e, por essa razão, suscetíveis a transformações, modificações e até à completa erradicação por ações individuais, mas sobretudo ações coletivas. Talvez um trabalho como este, partindo de um indivíduo possa se somar a tantos outros como os outrora mencionados Silva (2006), Felipe (2006), Eccel e GrinSci (2011), Camilo (2016), Nery (2019), Oliveira (2021), Silva (2022) e Guisard (2022), numa coletividade, e possa servir como um recurso valioso para aqueles que buscam entender o machismo, essa ideologia pervasiva que afeta todos os aspectos de nossas vidas. Ao desvendar as conexões entre a brutalidade contemporânea e a opressão sofrida por gerações passadas, talvez possamos também começar a desconstruir os alicerces que sustentam tais dinâmicas de poder.

A dissertação se consolida como uma contribuição inestimável para os estudos da linguagem por apresentar uma análise da construção simbólica da masculinidade e como ela é ideologicamente sustentada e perpetuada por meio de práticas discursivas em redes sociais. O estudo utiliza a interface com uma abordagem sociocognitiva para explorar a interseção entre modos de operação da ideologia, linguagem e poder, evidenciando como o discurso masculinista reifica o conceito de masculinidade, associando-os ao domínio, força e autoridade. Através da análise de postagens no perfil do Instagram "Fúria_e_Tradição", destaca-se o uso estratégico de macroestruturas semânticas globais e locais para naturalizar e validar uma visão reificada de gênero, reforçando assim as estruturas de poder de gênero na sociedade.

A dissertação conclui que a masculinidade reificada, representada como um conjunto de atributos universais, atemporais, concretos e essenciais, reforça e ratifica as normas de gênero convencionais e contribui para a manutenção das relações de poder desiguais. A pesquisa oferece percepções sobre o papel da linguagem na construção de identidades de gênero e na sustentação de estruturas de poder, contribuindo significativamente para os campos dos Estudos da Linguagem e dos Estudos de Gênero. Este estudo, portanto, não apenas contribui para a compreensão acadêmica das dinâmicas de gênero e poder, mas também oferece diretrizes práticas para o tensionamento de estruturas opressoras, visando uma transformação social significativa.

Evidentemente, o problema que desvelamos não se limita à simples categorização de gêneros; trata-se de uma questão mais abrangente e complexa, saturada por sistemas culturais e estruturas sociais. Enquanto é incontestável que particularidades biológicas entre homens e mulheres desempenham um papel em nossas interações e comportamentos, é inescapável concluir que essas nuances são frequentemente ora eclipsadas, ora exacerbadas pela malha cultural em que estamos inseridos. Assim, emerge como imperativo o ato de reconsiderar o modo pelo qual a socialização dos meninos, e conseqüentemente, a estruturação da masculinidade, está interligada a um conglomerado de ideologias e posturas que clamam por uma desconstrução crítica.

Nessa matriz educacional, a audácia e a ousadia são incutidas nos meninos como atributos a serem exteriorizados em cenários meticulosamente delineados, frequentemente aqueles que implicam perigos físicos. Contudo, o que está patente em sua ausência é a orientação sobre como esses indivíduos deveriam enfrentar as complexidades e turbulências do universo emocional. Esta lacuna não é meramente problemática, mas indicativa de um viés cultural que busca exaltar certas facetas da masculinidade enquanto negligência outras.

Diante desta configuração, a necessidade de reorientar as relações dos homens com a violência, o poder e a performatividade adquire uma urgência exacerbada. Um exame mais meticuloso dessas relações, levando em conta tanto os imperativos sociais quanto os modelos cognitivos já sedimentados, poderia abrir novos horizontes para a reinvenção da masculinidade. Tal ressignificação tem o potencial de catalisar um reequilíbrio nas estruturas de poder e influenciar as atitudes coletivamente aceitas, pavimentando o caminho para uma transformação social mais abrangente.

A desconstrução deste paradigma enraizado exige um exame rigoroso. Observamos que o discurso utilizado na educação de meninos tem sido tradicionalmente circunscrito a uma valentia específica, quase unicamente manifestada em situações de risco físico. Essa perspectiva limitada omite as necessidades emocionais que são igualmente cruciais para o desenvolvimento humano integral. Além disso, mesmo homens que se consideram progressistas se encontram em um dilema existencial; apesar das aspirações de ajustar comportamentos que são produtos de legados patriarcais, muitos se sentem como se estivessem constantemente sob escrutínio, sempre postos a prova.

Por último, mas certamente não menos importante, a concepção contemporânea de masculinidade está entrelaçada com transformações em andamento nas esferas econômica,

cultural e social. É imperativo, portanto, que tais domínios acolham, de braços abertos, a imperiosa ressignificação da masculinidade para o século XXI, especialmente em um mundo que pretendemos mais equânime. A urgência deste projeto torna-se ainda mais palpável quando consideramos que há forças retrógradas que, com afinco, buscam resgatar e perpetuar noções arcaicas e unidimensionais de masculinidade.

Em suma, as complexidades intrínsecas à questão exigem uma abordagem multifacetada e interdisciplinar, capaz de catalisar uma transformação social genuína. A urgência desta empreitada é inquestionável, e o momento para agir é agora.

Referências

AGLETON, T. **Ideology**: an introduction. London, Verso, 1991.

ALBERTI, B. **Bodies in Prehistory: Beyond the Sex/Gender**. Split. Global Archaeological Theory, 107–120. doi:10.1007/0-306-48652-0_9

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do “falo”** - uma história do gênero masculino (1920-1940). 2ª Ed. – São Paulo: Intermeios, 2013.

AMBRA, Pedro. **O que é um homem? Psicanálise e história da masculinidade no ocidente**. São Paulo: Annablume, 2015.

ARDREY, Robert. **The Hunting Hypothesis: A Personal Conclusion Concerning the Evolutionary Nature of Man**. 1976. New York: Atheneum. 231 pp. Print.

BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 17ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

CAMILO, R. dos Santos. **Análise Discursiva Crítica da Representação Social de Resistência da Presidenta da República do Brasil em Tempos de Crise**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2016.

CHARAUDEAU, Patrik. **Linguagem e Discurso: modos de organização**. Editora contexto. São Paulo, 2008.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. 2nd ed. Los Angeles, California: University of California Press, 2005.

CONNELL, R. W. **Gênero: uma perspectiva global**. Tradução 3ª Edição- Marília Moschkovich. São Paulo: Versos, 2015.

CUNNINGHAM, Gail. **The new woman and the Victorian novel**. The Macmillan press LTD. London and Basingstoke, 1978.

DE ALENCAR, Claudiana Nogueira (organizadores). **Nova pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014.

DIAS, Terezinha De Jesus Oliveira. **A construção do masculino em discursos midiáticos: As identidades nos espaços discursivos das revistas masculinas.** Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2009.

ECCEL, C. S. & GRISCI, C. L. I. **Trabalho e Gênero: a produção de masculinidades na perspectiva de homens e mulheres**. CADERNOS EBAPE. BR, v. 9, nº 1, artigo 4, Rio de Janeiro, Mar. 2011.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2. Ed.- Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FELIPE, Cláudia Natividade. **Masculinidade(s) em foco: Construções discursivas sobre identidade de gênero social**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2006.

FLECK, Steven. KRAEMER, William. J. **Fundamentos do Treinamento de Força Muscular**. - Tradução Jerri Luiz Ribeiro- 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GEUSS, Raymond. **Philosophy and real Politics**. Princeton University Press - Princeton and Oxford, 2008.

GUISARD, Conceição Maria Alves De Araújo. **Discurso, cognição e sociedade: A prática social de ingressos e de permanência no ensino superior público por meio de cotas sociais**

e raciais. Tese (Doutorado em Linguística) -Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2022.

HALL, Stuart. **Representations: cultural representations and signifying practices.** The Open University, Walton Hall, Milton Keynes, MK7, 1997.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Making Sex: body and gender from the Greeks to Freud.** Revised ed. First Harvard University Press paperback edition, 1992.

MARCONI, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica.** 9. Ed. São Paulo: Atlas, 2022.

MARTELOTTA, M A. **Manual de Linguística.** 2. Ed., 5ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

MARX, K. ENGELS, F. **Manifesto Comunista.** Edição eletrônica. Ed. Ridendo Castigat Mores, 1999. Em: www.jarh.org

NERY, Rodrigo Luiz. **Análise de discurso na rede social: O programa “escola sem partido” e suas contribuições para a legitimação da masculinidade hegemônica.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Eixo temático em: Psicologia e Sociologia da Educação, Instituto de Ciências Humanas e Letras. Universidade Federal de Alfenas (UFA) - Alfenas, 2019.

NIXON, Sean. **Exhibiting masculinity.** in: Hall, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 12º ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

OLIVEIRA, Suze Do Amaral. **Representações sociais sobre estudantes em situação de vulnerabilidade social: em análise, uma amostra do discurso docente em redes sociais digitais.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGLin) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) - Redenção, 2021.

PERRY, G. **The Descent of Man**. United Kingdom: Allen Lane, 2016.

SCOTT, Joan W. **The American Historical Review**. Vol. 91, N° 5 (dec., 1986), pp. 1053-1075. Oxford University Press on behalf of the American Historical Association Stable. URL: <http://www.jstor.org/stable/1864376>

SILVA, Marcos Paulo Da. **A manifestação referencial dos estereótipos sobre a mulher na construção persuasiva de anúncios de cerveja**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGLin) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) - Redenção, 2022.

SILVA, S. G. **A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista**. Psicologia Ciência E Profissão. UNIFOR – Universidade de Fortaleza, Fortaleza-Ce. 2006.

THOMASETTE, Claude. **Comment devient-on homme?** In: Corbin, A; Courtine, J-J.; Vigarello, G. Histoire de la virilité. Tome I: L'invention de la virilité. De l'Antiquité aux Lumières. 1^o ed. Paris: éditions du Seuil, 2011.

THOMPSON. J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9^o. Ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

VALOIS, GEORGE. **L'homme qui vient: philosophie de l'autorité**. 2^a ed. Place du Pantheon, Paris, 1909.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Critical Discourse Studies: A Sociocognitive Approach**. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (Eds.). Methods of Critical Discourse Analysis. 2^o ed. London: Sage. p. 80-102, 2009.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discourse and context: A Sociocognitive Approach**. Cambridge University Press. New York, 2008.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**.

Contexto, tradutor Rodolfo Ilari. 1ª Ed. 2ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2020.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discurso e poder**. Falcone, organização. 2ª Ed. 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discurso-Cognição-Sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso**. Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 9, n. esp. (supl.), s8-s29, nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2016.s.23189>

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discourse Semantics and Ideology**. *Discourse and Society*. Sage (London, Thousands, Oaks, CA and New Delhi), Vol. 6(2): 243-289. 1995.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discurso, notícia e ideologia: Estudos na Análise Crítica do Discurso**. Tradução de Zara Pinto-Coelho, Campo das Letras-Editores, 2005.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Multidisciplinary CDA: A Plea for Diversity**. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (Eds.). *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage. p. 95-120, 2001.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Principles of Critical Discourse Analysis**. *Discourse & Society*, University of Amsterdam, 1993.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Society and Discourse: How Social Contexts Influence Text and Talk**. Cambridge University Press, New York, 2009. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511575273>

VAN DIJK, Teun Adrianus.; KINTSCH, Walter. **Strategies of discourse comprehension**. Nova York: Academic Press, 1983.

WEBER, M. **Economia e sociedade**. Edição 70, 1ª edição, 2022.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Áustria. 1922.

<https://www.statista.com/statistics/253577/number-of-monthly-active-instagram-users/>

acesso: 31/05/2023.

<https://www.statista.com/topics/6949/social-media-usage-in-brazil/#topicOverview>

acesso:

01/06/2023.

Journal of Sport History, Vol. 16, No. 2 (Summer, 1989), pp. 140-157 (18 pages) p.143.

<https://www.jstor.org/stable/43609444> acesso em: 02/07/2023.

« Le combat de Charles Martel et d'Abherame, roi des Sarrazins », Les Cahiers de l'Orient, 2017/4 (N° 128), p. 111-116. DOI : 10.3917/lcdlo.128.0111. URL : <https://www.cairn.info/revue-les-cahiers-de-l-orient-2017-4-page-111.htm>